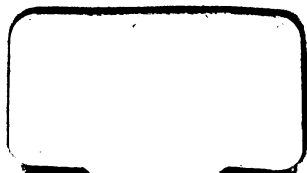
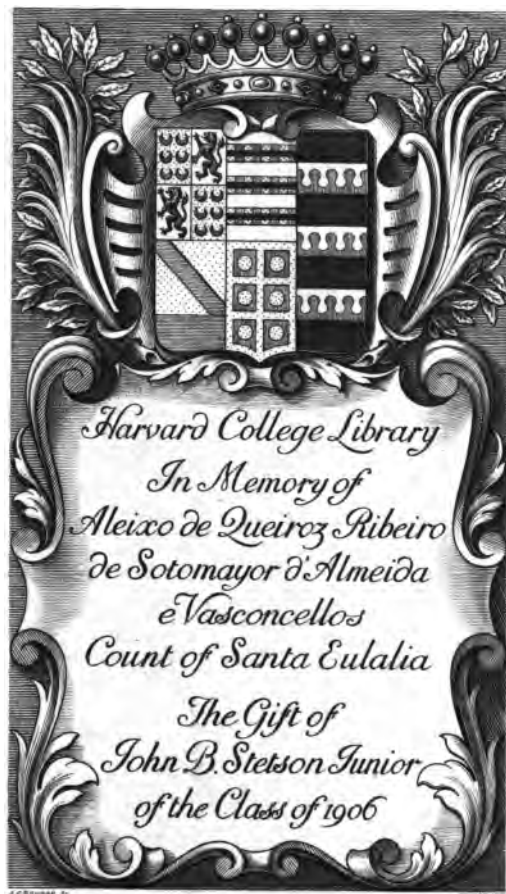
ADOLPHO CAMINHA

# CARTAS LITTERARIAS

RIO DE JANEIRO
1895

# CARTAS LITTERARIAS

ADOLPHO CAMINHA

# CARTAS LITTERARIAS

RIO DE JANEIRO
1895

*A Izabel C****

*Quero que o nome della*
*fulgure como uma legenda*
*de ouro á primeira pagina*
*de meu livro...*

# CARTAS LITTERARIAS

## I

## Novos e Velhos

Dóe nalma e causa desalento o abandono quasi completo, a indifferença já tanta vez invocada, com que são vistos no Brasil os homens de letras, os obreiros da intelligencia, os abnegados da Arte, para quem a vida consiste principalmente no bello e na verdade, fundidos num symbolo indissoluvel e eterno; maior pena, porém, é ver a estatistica das nossas producções litterarias, a synopse demonstrativa do nosso esforço mental durante os trezentos e sessenta e cinco dias do anno.

Admiram zelosos economistas o estado das nossas finanças e bradam e vociferam contra o relaxamento dos governos... Pobre litteratura nacional!

Essa nem ao menos encontra quem lhe chore o triste fado. Vive p'r'ahi, misera viuva, perpetuamente em crépe, num abandono pungente, coberta de desprezo e de ridiculo, apupada mesmo pela malandrice audaciosa e irreverente...

Vejam o indice litterario de 1893. A' parte um ou outro phenomeno isolado, um ou outro caso esporadico interessante e digno de estudo, o quadro é sempre o mesmo, invariavelmente sombrio e desolador. Nem que fossemos um longinquo paiz do centro d'Africa, terra de cafres, onde nem sequer chegasse a voz dos prélos.

Não falemos, por Deus, na praga tremenda de poetas e borradores, que nos ameaçam quasi quotidianamente, como um verdadeiro castigo do céo: ingenuos té ao lyrismo pulha e serodio, elles surgem aos magotes e desaparecem com a mesma facilidade, sem deixar o mais leve traço da sua passagem vertiginosa.

Falemos, sim, dos que entram no maravilhoso templo da Arte com o respeito e a convicção de sacerdotes impollutos. Diminutissimo é o numero destes. Magra estatistica onde se reflecte, tal como é, a nossa indole—meio cabocla, meio aryana — preguiçosa e morbida.

Preferimos a suave palestra, descuidada e livre, do becco do Ouvidor, ao penoso trabalho de gabinete, monotono e esfalfante, que produz sabios e loucos, litteratos e tuberculosos. Talvez tenhamos razão. E é por isso mesmo que a velha Europa, que nos vê

sempre de cigarro no queixo e chapéo na nuca, gingando o nosso proverbial *laisser aller*, continúa a nos mandar no fim de cada anno os livros publicados em janeiro, a titulo de alta novidade (*haute nouveauté* !..) Faz ella muito bem.

O algarismo annual das nossas producções litterarias é de um comico impagavel.

Emquanto Pariz recebe por dia cem, duzentas obras de escriptores francezes, das quaes 20 °/₀ podem ser consideradas boas e 5 °/₀ excellentes, nós — o Rio de Janeiro — produzimos annualmente cincoenta ou cem (?), das quaes dez soffriveis e cinco boas. Não ha termo de comparação.

Em taes emergencias, que faz a França? Manda-nos livros, esgota suas edições, abusando de nossa preguiça e tambem de nossa boa fé, para não dizer ingenuidade.

Não ha muitos annos, o proprio Zola escrevia estas palavras, — uma verdade frisante como tudo quanto sae de sua penna admiravel : — *On m'a conté qu'il y avait, à Paris, certaines maisons dont la specialité était d'acheter au poids ces soldes d'exemplaires invendus et de les expédier en Amérique, dans l'extreme Orient, dans les colonies, jusque chez les sauvages, ou elles s'en débarrassent a de très beaux pris, les lecteurs de ces pays lointains étant peu difficiles et devorant tout ce qui vient de France.*

Eis ahi como a França se desentulha de livros inuteis—mandando-os para o Brasil, para a Algeria e até para os selvagens...

Si quizessemos fechar hoje o balanço do anno que expira, contariamos difficilmente meia duzia de trabalhos dignos de figurarem na bibliographia nacional. Entretanto, este anno a messe foi abundante, registraram-se algumas estréas promissoras, novos e intelligentes editores vieram com o seu nobre esforço iniciar uma época de enthusiasmo, infelizmente passageiro, de que resultaram de um lado algumas obras notaveis, e doutro lado muitas obrinhas de merecimento duvidoso.

A nova geração continúa a fazer litteratura por simples dilettantismo, sem ideal definido e civilisador, reproduzindo ás mais das vezes, em estylo pobre e defeituoso, autores estrangeiros, cujos livros têm, para nós indigenas desta zona americana, o valor inestimavel de fabulosas pedrarías, ainda mesmo que nada valham na verdade.

Não se estuda, não se trabalha, não se lê quasi, vive-se da producção estrangeira, no meio de uma apathia e de uma indifferença lamentaveis.

Morto José de Alencar e desfechado o golpe definitivo nas escolas decadentes, esperavamos que a litteratura nacional — cujo organismo apresentava symptomas de sangue novo — entrasse num periodo de elaboração paciente e conscienciosa.

A desillusão, porém, foi completa. Com José de Alencar morria o romance brazileiro, que elle creara cheio de zelo pelas cousas do seu paiz. Macedo estava exhausto, e o povo já se não contentava com as novellas sentimentaes do autor da *Moreninha*.

A esse tempo os continuadores de Balzac colhiam seus primeiros triumphos, dando combate franco ás velhas formulas.

Zola, disciplinado e austero, recolhido no seu tugurio de Médan, arregimentava em torno de si um grupo temerario, que era o assombro da burguezia pariziense e o desespero da *Revue des Deux Mondes*. Já por toda parte se apregoava a victoria do Naturalismo.

Dos contemporaneos de José de Alencar um apenas escapára á indifferença publica, esse mesmo porque fôra se desembaraçando cautelosamente dos velhos moldes e enveredando pela psychologia.

O escriptor que firmara os *Contos Fluminenses* e as *Phalenas*, outrora lidos com avidez pelo madamismo de Botafogo, julgou mais acertado empregar o tempo em observar e descrever os homens e as cousas de sua época, segundo a impressão directamente recebida.

As *Memorias de Braz Cubas* caracterisam bem o estado de um espirito que se agitara numa ancia de verdade e analyse. Não é tudo o que se poderia desejar, mas differe muito dos velhos contos e fantasias.

Pouco a pouco a nova individualidade litteraria de Machado de Assis foi se accentuando por tal geito que ainda hoje o lemos com agrado, senão com enthusiasmo.

Corriam os annos.

Eis, porém, que em 1881, no meio das incertezas de uma época de transição igual á que determinou o movimento de 1830, aparece o *Mulato*, primoroso romance de cunho nacional, impresso no Maranhão e firmado por um joven desconhecido — Aluizio Azevedo.

Comprehende-se o tumulto que esse facto, aliás natural e simplissimo, levantou entre os crentes da liturgía romantica.

Entretanto, a critica, honra lhe seja, não hesitou e abriu os braços ao valente nortista que lá vinha timido, mas confiante, rumo do Sul.

Um verdadeiro successo o aparecimento do *Mulato*, não obstante a má vontade e a hypocrisia sanhuda do jornalismo ultramontano !

Era natural que, desbastado o caminho, surgissem outros romancistas da tempera de Aluizio, e o Brasil conquistasse, emfim, um logar honroso entre os paizes cultos.

Engano. Formaram-se conciliabulos, architectaram-se planos de vida litteraria, crearam-se revistas, a bohemia do *Londres* jurou imitar o maranhense, e, finalmente, Aluizio Azevedo não teve companheiro na sua audaciosa jornada.

Tempos depois, quando aquelle escriptor já contava um bom numero de leitores que o amavam, é que vieram os livros do Dr. Ferreira Leal (*), o *Atheneu* de Raul Pompéa e o *Lar*, o celebre *Lar* do corajoso Sr. Pardal Mallet.

---

(*) *Supplicio de um marido* e *Um homem gasto.*

Em carta especial me occuparei do movimento naturalista no Brasil.

O que eu quero mostrar por ora é o nosso desleixo, a nossa incuria, o nosso lento caminhar na orbita das conquistas litterarias.

Actualmente presenciamos uma geração sem vida propria, sem estimulo de especie alguma, arrastando sua indolencia pelos botequins e pelas redacções, commentando politica e discutindo frivolidades, numa pasmaceira de todas os dias.

E' isto o que vemos. Aluizio continúa a ser um exemplo raro de amor ao trabalho e dedicação litteraria. E', talvez, o unico escriptor da actual geração lido em todo o Brazil.

Si a mocidade brazileira comprehendesse nitidamente o papel civilisador da litteratura, a importancia absoluta da obra d'arte, com certeza os seus esforços duplicavam e o nosso paiz não seria visto com desdem pela França litteraria e pelo proprio Portugal, que, incontestavelmente, fulgura ao lado da Hespanha, da Italia e doutros paizes notaveis em desenvolvimento intellectual.

A grande causa do atrazo a que me vou referindo é a vadiagem litteraria, o amor á popularidade barata, a falta de escrupulo em tudo que respeita as letras; e a prova disto é que de todos os generos o menos cultivado no Brazil é o romance, justamente porque demanda mais esforço, mais concentração, mais estudo e mais criterio, emquanto por outro lado abundam poetas e folhetinistas, com especialidade na

zona fluminense, poetas e folhetinistas de uma mediocridade lamentavel.

Ha dias ouvi de um bardo conhecido os seguintes conceitos que me ficaram a martellar o cerebro com uma insistencia medonha. Dizia convictamente o illustre *nephelibata* :— Zola é um escriptor como qualquer outro ; nunca o li, mas tenho certeza de que não é um artista. Eu não trocaria um só dos meus versos poı toda a obra delle.

—Não diga semelhante cousa! ...

— Por que não hei de dizer, si, no meu entender, todo artista deve ignorar a sciencia, limitando-se unica e exclusivamente a dizer o que sente e o que pensa, sem consultar a ninguem ?

E accrescentou :

— Eu, por mim, não invejo a sabedoria dos que estudam. Tenho talento, admiro o bello na natureza, e isto me basta para ser um artista superior. . .

Mais um *symbolista,* gaguejei com os meus botões, e fiquei a pensar nas palavras do poeta.

Cito este episodio para que se não diga que sou pessimista e que procuro a todo transe negar os factos.

Sinto-me feliz cada vez que descubro nas paginas de um livro novo a summa de um espirito forte e original. Dizer, porém, que a maioria dos livros publicados no Brazil produz-me essa deliciosa impressão, esse bem estar indefinivel que nos é transmittido pelas verdadeiras obras d'arte, seria mentir descaradamente com prejuizo para o meu criterio litterario.

Para ser franco e sincero, e em que peze a alguem, devo reproduzir o meu pensamento com essa liberdade que está no proprio espirito de justiça.

Existe, é certo, um pequeno grupo de escriptores, alguns dos quaes militam na imprensa diaria, que representam com brilho a época actual.

Que se compare a Aluizio no trabalho assiduo e methodico, no extremado amor ás letras, conheço apenas Coelho Netto, cujo estylo, quando não descamba para o orientalismo artificioso e fatigante, consegue sempre agradar. Como o autor do *Cortiço*, o escriptor das *Rhapsodias* não é um artista impeccavel, uma dessas organisações extraordinarias que vão direito á immortalidade ; mas folgo em reconhecer nelle um colorista delicado, cuja phrase, nem sempre correcta, espalha não sei que sadio humor britanico, ironico e inoffensivo. Prefiro-o nos contos sertanejos, onde as suas qualidades descriptivas resaltam com luminosa intensidade e vigor de analyse não commum. Creio mesmo ser esse o genero de sua natural predilecção, mais sympathico ao seu temperamento.

Imaginação opulentissima, vocabulario abundante como um veio crystalino dagua viva a jorrar continuamente, genio irrequieto, ora deliciando-se com simples fantasias amorosas de um lyrismo já um tanto caduco, outras vezes desenhando quadros naturalistas de um colorido forte, sem ser escandaloso, não raro permittindo-se o luxo de reproduzir costumes orientaes com um abuso renitente de nomes pro-

prios complicados,— Coelho Netto não tem ainda um ideal artistico definido e claro. Adora Théophile Gautier no exotismo das concepções, ama Eça de Queiroz no estylo breve e cadenciado, não desdenha Zola, admira as subtilezas femininas de Alphonse Karr e já teve paixão decidida por Catulle Mendés, o malicioso escriptor de *Pour lire au bain*. A febril actividade com que trabalha, escrevendo ao mesmo tempo contos, romances e chronicas, o prejudica immensamente. O artista não deve nunca obrigar o espirito a acrobatismos impossiveis. Muito methodo e muita calma— eis o que, em primeiro logar, deve presidir ao trabalho artistico.

Aluizio e Coelho Netto são, pois, ao meu ver, os dous mais operosos escriptores brazileiros da actualidade, para não falar em Arthur Azevedo, que parece viver agora uma vida de compensações, repousado tranquillamente no alto da montanha. . .

/Si me perguntassem, porém, qual o artista mais bem dotado entre os que fórmam a nova geração brazileira—pergunta indiscreta e ociosa—eu indicaria o autor dos *Broquéis*, o menosprezado e excentrico aquarelista do *Missal*, muito embora sobre mim caisse a colera olympica do Parnazo inteiro. Erro, talvez, de observação e de critica, mas o certo é que eu vejo em Cruz e Souza um poeta originalissimo, de uma rara sensibilidade esthetica, sabendo comprehender a Arte e respeital-a, encarando a vida com a independencia de quem só tem um idéal— a perfeição artistica.

Um preconceito injusto e tôlo isolou-o dos seus contemporaneos, fechando-lhe as portas do jornalismo, e dahi o revoltado e pessimista implacavel, que abre o seu livro com esta solemne invocação de Beaudelaire, feita de odio e orgulho, trespassada de amargura e desprezo :— *Seigneur, mon Dieu ! accordez-moi la grace de produire quelques beaux vers qui me prouvent a moi même que je ne suis pas le dernier des hommes, que je ne suis pas inferieur a ceux que je méprise.*

Nesta simples citação reflecte-se toda uma alma em revolta, uma alma de poeta mystico alando-se para Deus num desespero immenso contra os homens. Beaudelaire é o seu guia neste inferno da vida, Beaudelaire com o seu rir nervoso e galvanico, Beaudelaire com o seu pessimismo invencivel de superexcitado.

Cruz e Souza é um dos pouquissimos que no Brasil têm idéas seguras sobre arte ; temperamento de eleição, natureza complexa expandindo-se em creações admiraveis pela estranha musica do verso ou da phrase, onde quasi sempre o sensualismo canta a epopéa da carne e da Fórma,—elle é um independente, um forte, um insubmisso, que honra as letras nacionaes.

Não tem escola ; sua escola é o seu temperamento, a sua indole, e este é o maior elogio que se lhe póde fazer.

Destaca-se ao lado de Cruz e Souza, numa penumbra de modestia, a individualidade sempre origi-

nal e trêfega de B. Lopes, o incorregivel bohemio, cujo verso tem o sabor de um vinho finissimo e exquisito que atordôa o cerebro sem comtudo embriagar.

Nunca o leio que me não lembre da *Légende du Parnaze*, dessa interessante historia da bohemia franceza que creou o parnazianismo na poesia. B. Lopes faz-me lembrar aquella *troupe* alegre de rapazes, que Catulle Mendés nos pinta sem um *sou* na algibeira e com o cerebro cheio de rimas de uma sonoridade cantante de guizos. Que bella confraria, que excellente camaradagem para o poeta de *D. Carmen* !

Não o conheço pessoalmente. Imagino-o alto, meio magro, trigueiro, olhar meigo e cheio de desejos, barba negra e aparada a nazareno, boa dentadura, chapéo tombado para o lado, *toilette* descuidada, *causeur* infatigavel. . . Um typo assim é que eu percebo nos *Pizzicatos*.

E ahi ficam os escriptores e poetas da actual geração litteraria que, ao meu ver, occupam, com toda a justiça, o primeiro plano. Verdadeiramente originaes e operosos, elles merecem os nossos applausos.

Já é tempo de se fazer a selecção rigorosa dos que escrevem por decidida vocação, com sacrificio da propria vida e não por um simples dilettantismo. A litteratura e as artes de um paiz são cousas muito mais sérias do que vulgarmente se julga.

Rio, 1893.

II

# Protectorado de Midas

Quem se collocar diante do "meio" intellectual brazileiro, em frente ao pequeno circulo de escriptores e artistas que, numa sêde voraz de popularidade e gloria, andam a mendigar os favores da imprensa jornalistica, ordinariamente leal a um rigoroso programma economico e a um *modus vivendi* pouco litterario e muito burguez, ha de reconhecer trez classes notaveis de individuos empenhados na lucta pelo renome: a dos *nullos*, ou dos felizes, que marcham triumphalmente na vanguarda, cobertos da benção protectora de seus idolos ; a grande classe dos mediocres, numerosa como um exercito, abençoada tambem, e pouco menos feliz que aquella,

dominando, ás vezes, pelo charlatanismo e pela audacia irreverente; e, em terceiro logar, a classe opprimida, a triste classe obscura dos homens de talento, que preferem a gloria definitiva e soberana, a gloria posthuma, conquistada pelo trabalho de muitos annos, e que outra cousa não é senão a admiração quasi religiosa do futuro,—ao incenso vaporoso da actualidade, ás acclamações momentaneas do presente.

Artistas (eu sei de alguns), escriptores e poetas, cuja penna seria talvez o orgulho de qualquer nação mais litteraria que a nossa, vivem p'r'ahi, sabe Deus! num abandono de párias malditos, quasi totalmente desprezados, rimando versos que são verdadeiros primores de arte, extravasando a alma em paginas de um colorido pomposo e fidalgo ou de uma simplicidade esculptural, burilada e nobre, emquanto a legião clamorosa dos mediocres e dos nullos campeia triumphante, vizeira erguida, *remplie de soi-même*, sem olhar para aquelles que o futuro espera, e que vêm atraz, lentamente, cheios de convicção, psalmodiando estranhas harmonias...

Aqui no Brazil, como na França, como na Allemanha, como na Scandinavia, como em toda parte, a historia do artista é sempre a mesma historia inenarravel, sempre a mesma legenda feita de desesperos, cortada de angustias crueis, e onde cada pagina marca um episodio lutuoso, uma nota emocional, uma fatalidade sombria, um grito de dôr, uma blasphemia recalcada... E' isso que fez o grande Balzac escrever :—" Fala-se nas victimas causadas

pela guerra, pelas epidemias ; mas, quem pensa no campo de batalha das artes, das sciencias e das letras, e quantos esforços violentos para ahi triumphar amontoam mortos e moribundos ? Neste redobramento de trabalho que me agarrou instigado, como me acho, pela necessidade,—nada me alenta. Trabalho e mais trabalho ! Noites abrasadas succedem-se a noites abrasadas, dias de meditação a dias de meditação, da execução á concepção e da concepção á execução" (*), e que Zola mais tarde, nos seus melhores dias, relembrava com saudade a um de seus amigos :— *Tenez ! mon cher ; je n'avais pas le sou, je ne savais pas ce que je deviendrais, mais n'importe ! c'était le bon temps !*... O bom tempo, sim, porque a lembrança do passado, mesmo quando se tem soffrido muito, revigora a alma para as luctas do presente.

Quem é que não conhece a vida de Balzac, e esses capitulos de uma sinceridade meiga e consoladora, em que Paul Alexis nos pinta Zola debutante, sem dinheiro e obrigado a ganhar immediatamente, sob pena de morte, o pão de cada dia, vivendo uma vida de miseria e de emprestimos forçados ? Entretanto, o chefe do Naturalismo, que a principio não ousava assignar suas obras, chegou a ser o que hoje é, um escriptor universalmente admirado, o Shakspeare gaulez ; e Zola, que ainda soffre as consequencias da sua audaciosa e monumental empreza, aggredido pelo desespero hydrophobico dos Laporte

(*) *Correspondance*, cit. por Th. Braga.

bibliopolas, caminha sereno e glorioso para o termo da sua jornada litteraria.

No principio a lucta é formidavel : os mediocres e os nullos, emparedados numa faina grosseira de destruição, arremessam-se contra o escriptor de talento, que lhes vem perturbar o somno, contra o artista de raça, que não transige com os seus ideaes para ser agradavel a ninguem, e é desse conflicto cheio de inveja e de odios que mais tarde resulta, necessariamente, a gloria dos que trabalham sem mesquinhas ambições, a verdadeira gloria litteraria, o legitimo triumpho artistico.

Muita vez um escriptor de talento reconhecido, um predestinado, que sabe amar a Arte sobre todas as cousas, vive no ostracismo e na miseria, soffrendo horrores, porque lhe estão interdictas as portas da imprensa, essas mesmas portas que se abrem largamente para receber toda a casta de escrevinhadores, cujo unico ideal é o dinheiro ganho num abrir e fechar d'olhos, o santo dinheiro obtido sem esforço, e mil vezes mais appetecido e util que um trecho de prosa bem trabalhada ou uma bella estrophe crystalina.

Ah ! o dinheiro...Toda a gente o ama, ninguem o despreza. O proprio Sr. de Balzac ( vergonha das vergonhas ! ) trabalhou, embora contra vontade, para ganhar o rico metal.

Perguntando-lhe seu amigo Henry de Latouche o que pretendia elle fazer depois de varios insuccessos como livreiro e director de typographia, Balzac

respondeu-lhe com estas palavras :— *Pardieu'! reprendre ma plume, non pour acquérir de la gloire, mais pour essayer de payer mes dettes....* (*)

Eis ahi um grande homem a especular com o seu talento. Mas façamos justiça ao caracter do autor da *Comédie humaine.*

Refugiado num lugubre quarto andar, cheio de compromissos inadiaveis, abandonado pelos amigos e perseguido pelos credores, Balzac não fazia litteratura de *escada a baixo* : trabalhava com amor, impunha-se um mortificante regimen de concentração intellectual, de vida subjectiva, expandindo o seu genio em comedias e romances que vieram a formar, depois, o conjuncto admiravel e grandioso da sua obra :—" Nunca, diz elle, a torrente que me arrebata foi mais impetuosa ; nunca uma obra mais terrivel e magestosa dominou um cerebro humano. Eu lanço-me ao trabalho como o jogador ao jogo : durmo cinco horas, trabalho desoito, e chegarei morto..." (**)

Morreu, mas triumphou !

Assim mesmo estreito como é, o meio litterario brazileiro offerece os mais curiosos casos de perseguição e intriga.

Ser talentoso é quanto basta para que um rapaz veja-se antipatisado, odiado, cercado de inimigos que nunca o conheceram positivamente, e que lhe desejam todo o mal, simplesmente porque faz lindos versos ou escreve prosa artistica ; e então procuram descobrir,

(*) *Les années de détresse de Balzac*,—Gabriel Ferry.
(**) *Corresp.* id.

no verso ou na prosa do outro, erros de grammatica ou de metrificação, "defeitos de estylo," cousas insignificantes que o bom critico, o verdadeiro artista não enxergaria, para admirar o conjuncto, a harmonia do trabalho, a elegancia da forma, o colorido, a rima extraordinaria, e, sobretudo, a originalidade, o caracter independente da obra.

Quando essa antipatia não se manifesta logo por meio da critica injusta, da diatribe violenta ou do ridiculo grosseiro, tocando ao insulto pessoal, concentra-se em um desprezo forçado : ergue-se a barreira do indifferentismo, ninguem diz palavra, os noticiarios calam a boca, e o romance ou o poema, a obra d'arte, emfim, é como si não tivesse vindo á ribalta da publicidade,—uma obra inedita, um livro desconhecido que as gerações futuras vão encontrar providencialmente nalguma estante profana entre calhamaços, porque houve uma alma bôa que o desejasse ler...

Ha quasi sempre, direi mesmo sempre, má vontade para os que ousam estrear na litteratura sem uma carta, um bilhete de apresentação, uma formalidadezinha diplomatica, um pedido affectuoso, alguma cousa official e solemne. O poeta deve se mostrar humilde, "bom mancebo," um pouco timido sem parecer tôlo de mais, e confessar immediatamente as suas culpas, isto é, dizer-se idolatra do Sr. Sylvio Roméro, admirador absoluto do Sr. Valentim Magalhães, e discipulo do Sr. Luiz Delfino. Actualmente é de bom conselho dizer o que pensa em materia de

politica republicana. A politica já vae penetrando nos dominios da litteratura e das artes.

Por este modo o joven estreante (como se usa dizer nas folhas) terá diante de si um bellissimo futuro. Nada de symbolismo : Verlaine está prohibido na imprensa nacional. Um poeta de talento não escreve versos errados, e *papá* Verlaine (o' manes de Castilho !) "erra" desgraçadamente.

E' por isso que triumpham os nullos e os mediocres : porque não se afastam uma linha do que já foi dito em prosa e verso por todos os prosadores e poetas do Brazil, e porque sabem transigir, sabem ser amaveis...

Os outros, os independentes, que constituem a minoria silenciosa e revoltada, ficam na penumbra, emquanto não chega a hora definitiva da sua canonisação artistica.

De resto, que valem apotheóses de fogo de Bengala ? Criticos nunca hão de faltar, jornalistas que applaudem ou condemnam por sympatia ou por animadversão, bibliophilos que se deixam levar por uma dedicatoria traçada á geito, rabiscadores insulsos que morrem sem dizer para que vieram ao mundo... Não são elles que decidem do futuro de um escriptor, não são elles que fazem a gloria de um artista : applaudam ou condemnem, aceitem ou repillam a obra d'arte, o julgamento imparcial e definitivo só depois virá. Ainda agora tivemos o exemplo de Heine, menosprezado em vida, fugindo á patria, como Byron, e endeusado hoje

por aquelles mesmos que o não sabiam admirar outrora. Heine, o sarcastico Heine, é afinal consagrado pela Allemanha.

Que importa o frio desprezo dos contemporaneos? Que importa a má vontade dos folicularios? A questão não é de applausos ruidosos, nem de elogios mutuos: qualquer palhaço de circo é mais applaudido em nosso paiz que um escriptor de talento.

E si os *nullos* conseguem triumphar sobre os melhores espiritos, é porque acham sempre quem os favoreça com a esmola de uma *réclame* e porque lhes falta independencia para se mostrarem taes como são na verdade. Triumphar, neste caso, é conquistar a sympatia do vulgacho imbecil.

Observa-se entre nós o que Ramalho Ortigão fazia sentir, ha desesete annos, com relação ao meio intellectual do Chiado:

"O nosso espirito conserva o estigma servil, o signal da marca que em muitas gerações que nos precederam foi deixando a grilheta da oppressão mental. A nossa tendencia de escriptores é ainda hoje geralmente para lisongear a rotina, para comprazer com o vulgo, para seguir as correntes da credulidade geral. A maior parte dos individuos que fazem um livro, têm, nas precauções da fórma, no rebuço das opiniões, na dobrez do estylo, o ar miseravel de pedintes que solicitam venia para divertir inoffensivamente o respeitavel publico."

E' isto ; nós ainda não nos libertámos do preconceito litterario que só admitte o que está nos habitos do "respeitavel publico," o que é banal e repisado, o que não exige trabalho algum e já foi dito por centenas de gerações.

Vivemos numa especie de protectorado de Midas, onde o talento é calculado pelo tamanho das orelhas...

A Arte, a grande Arte, é ainda para nós uma seara virgem, uma terra promettida.

Rio, 1894.

III

# Émile Zola (*)

Quanto mais o leio maior é a minha admiração, maior o meu enthusiasmo por essa obra colossal que vem, desde a *Fortune des Rougon*, estuando como um rio caudaloso e limpido, até ao *Docteur Pascal*, até *Lourdes*....

Naturalista ou épico, physiologista ou poeta, a grande questão é que Zola commove, Zola triumpha sobre o coração humano, toda a vez que nos surprehende com um livro novo, com um novo drama passional, com uma creação nova de seu genio maravilhoso e excepcionalmente fecundo.

(*) *Lourdes.*

Neguem outros a intensidade artistica e dolorosamente vibrada, o poder suggestivo, a fórma, si não impeccavel, ao menos bastante limpida e communicativa do autor dos Rougon Macquart ; eu, por mim, dar-lhe-ia um logar distincto á mão direita de Shakspeare e Balsac.

Não ha nisto um deslumbramento ridiculo, ou falsa ostentação de propagandista exaltado e ruidoso, não ; nem chegaria aos ouvidos de Zola a voz obscura que se levantasse neste canto da America para o engrandecer desmesuradamente, por qualquer principio de escola ; nem tampouco somos todos desta banda do Atlantico uns selvagens, cuja arte consistisse unicamente no fabrico de objectos primitivos— cuités ou armas de guerra, como nos tempos d'el-rei.

O grande romancista, que é hoje uma gloria universal, não precisa de louvaminhas, nem desce o olhar sobre os que arremettem contra elle numa furia de demagogos invejosos e hypocritas para quem a esculptura grega é uma immoralidade e Longus um obsceno.

*Lourdes*, digam o que quizerem, é ainda uma pulsação forte de mouro intellectual que se não rende ao cansaço, á fadiga e ás invectivas da critica ; é ainda uma obra de mestre, soberba como uma opera de Wagner no luxo dos scenarios e na grandiosa harmonia do conjuncto.

Custa-se a chegar ao fim destas seiscentas paginas trabalhadas, magnificas de verdade, ricas de colorido, e onde o talento descriptivo de Zola expan-

de-se fartamente, como em nenhuma de suas obras, dando a impressão acabada, completa, dessa Lourdes milagrosa e fantastica, especie de sanatorio divino, onde a rez humana vae, sedenta de vida, beber o liquido celestial emanado da Virgem Purissima, brotado de uma nascente invisivel, cujas aguas vêm, cantando montanha baixo, té á gruta, á lendaria gruta da apparição.

O mysticismo budhico e ultramontano dos continuadores de Baudelaire, iria talvez buscar ahi, na fonte milagrosa, novos themas para sua prosa triste e doentia, novos adjectivos bizarros, novas paizagens nevoentas—reliquias que alguem trouxesse da Terra Santa; Zola não: foi elle proprio a Lourdes, viu tudo aquillo com os seus olhos de analysta, com o seu espirito de philosopho e com o seu coração de poeta, bebeu da agua maravilhosa e decompôl-a, talvez, em seus elementos chimicos, assistiu ás peregrinações, aos officios divinos que se celebram na Basilica, entrou na gruta, viu a choupana de Bernadette, percorreu os estabelecimentos de caridade, os hospitaes, viu tudo e tudo photographou no livro com aquella precisão geometrica, com aquelle extraordinario amor á verdade que tornam a sua obra magestosa como uma cathedral de vinte andares, e que o fazem épico.

*Lourdes* não é, para bem dizer, um romance no genero dos que Zola tem escripto: é a longa descripção de uma pequena viagem ao paiz ideal dos milagres, á terra bemdita para onde correm todos os que

não têm saude, todos os que soffrem, doentes do corpo e doentes da alma, desde o tisico macilento que já nada espera da sciencia té ao amante apaixonado que vae pedir a Nossa Senhora um conforto para as dôres do seu coração... Zola narra tudo escrupulosamente, implacavelmente, sem occultar uma chaga, um embuste, uma hypocrisia, um effeito de sol, ou, no meio de tudo isso, uma scena bregeira observada de relance entre um abrir e fechar de porta...

Maravilhosa retentiva essa, que descobre tudo, que de tudo se apodera num simples golpe de vista, a um simples olhar!

Para apanhar Lourdes em flagrante, em todo seu esplendor de cidade mystica, escolheu elle o momento preciso de uma peregrinação annual, momento em que milhares de doentes e religiosos vão ao divino sanatorio prestar homenagens á Protectora dos Afflictos.

A peregrinação dura cinco dias: Zola divide a obra em cinco partes. Na primeira parte (*première journée*) descreve elle a viagem de Paris a Lourdes no trem branco, "o mais doloroso dos trens que fazem a carreira", e dentro do qual se agita uma multidão de almas soffredoras, um estranho mundo de dôres, de afflicções, de miserias e desesperos.

Ha uma agglomeração confusa de gente, ouvem-se preces, gemidos, todo um côro de lamentações abafado pelo rolar dos wagões que marcham noite a dentro para as piscinas de Lourdes, para os longinquos horizontes do milagre.

E através de todas essas miserias narra Zola, pela boca de um de seus personagens, — Pierre Froment, a historia de Bernadette, desde a sua infancia em Bartrés, não como ella se acha escripta nos livrinhos de propaganda que se distribuem gratuitamente pelas ruas, mas a verdadeira historia de Lourdes, onde, entretanto, a pequena camponeza, ingenua e simples, aparece de joelhos, em extase diante da virgem branca em cujos pés nús floriam rosas de ouro...

E, pela madrugada, o trem chega entoando canticos de amor a Bernadette.

Nada mais que isto a primeira parte: um trem cheio de doentes e religiosos que vão para o mysterioso purgatorio, donde nem sempre se volta com o corpo são e a alma crente; paginas estudadas, paginas bellissimas, que ficam na memoria, que ninguem esquece jámais. Quem as escreveu por força que *viveu* muito, por força que soffreu muito, do contrario não alcançaria delineal-as tão bem, com tanta verdade e com tanto sentimento.

O segundo dia passa-se em plena cidade milagrosa. Começam as peregrinações, as visitas á gruta, os milagres. O hospital de Nossa Senhora das Dôres, grande estabelecimento de quatro andares, muito alto e ainda em obras, é o refugio de quasi toda essa gente, sem distincção de males. Irmãs de caridade e damas hospitaleiras confundem-se, atropelam-se, vão e vêm, numa azáfama, numa balburdia, de um leito para outro, subindo e descendo escadas, alojando os

doentes, consolando-os, mudando-lhes a roupa — sublimes de abnegação e desprendimento.

E' então que uma dama de caridade, a illustre Sra. Jonquière, muito zelosa, muito solícita com os enfermos, discute com um joven padre da administração sobre negocios caseiros, *parce qu'il n'y avait que sept vases de nuit pour toute la salle!*

Zola não quiz ser incompleto, esquecendo um episodiozinho de *ménage*, uma indiscreçãozita muito natural e muito logica, vinda no momento opportuno, exactamente quando se tratava de conciliar a hygiene com a desordem irremediavel de um aquartelamento provisorio.

Com effeito, senhora de altos predicados, Mme. de Jonquière não podia esquecer os pobres vasos tão necessarios, tão uteis e tão asseiados.

Vejo daqui um illustre conselheiro, autor da *Morgadinha de Val-Flor*, torcer o rosto em esgares do mais requintado nojo e, com elle, o seu illustre contemporaneo E'mile Faguet.

E' pena que Zola não os conheça...

Ha nesta segunda parte do livro um episodio altamente significativo como documento humano, e, a ser verdadeiro o facto, bem razão tinha Guerra Junqueiro quando vibrou a sua clava de poeta revolucionario contra os especuladores de Lourdes :

*Desde que se espalhou pelo universo o echo*
*Do milagre feliz*
*Tartufo nunca mais encheu o seu caneco*
*Em outro chafariz.*

O milagre! Não entrarei no estudo desse melindroso problema.

São falsos ou verdadeiros os casos de cura instantanea pela agua de Lourdes? Merecem credito ou não os documentos com que se procura demonstrar a influencia mysteriosa dessa agua?

Respondam os sabios, fale a sciencia moderna.

Eis o episodio: E' chegado o momento de se ir á fonte milagrosa: os doentes pedem, supplicam, imploram a gruta, como quem pede pão para a boca e ar para os pulmões. A gruta, dêm-lhes a gruta pelo amor de Deus! Todos querem ser curados, todos anceiam pela hora decisiva do milagre.

E marcham todos em fila interminavel pela manhã quente, ao sol das oito horas, um sol triumphal de agosto. E eram cabeças roídas pelo eczema, frontes coroadas de rozéolos, bocas deformadas pela elephantiase... Uma velha tinha lepra, outra estava coberta de lichens como uma arvore que houvesse apodrecido á sombra. Vinham hydropicos, odres de agua; mãos pendiam fóra das ambulancias, torcidas pelo rheumatismo; passavam pés inchados de edema, disformes. Uma hydrocephala balançava o craneo enorme, pesado, tombando a cada solavanco do carro. Outra mulher, atacada de choréa, bolia, sem parar, com todos os membros...

Um hediondo cortejo de miserias, toda uma procissão de monstros humanos contorcendo-se, gemendo, arrastando-se fantasticamente.

E tudo isso, Jesus, por um formoso dia de sol, *sous ce grand ciel de lumière et de joie, où montait la fraicheur du Gave où le vent du matin apportait l'odeur pure des montagnes!*

Quadro angustioso! Lembra um séquito de almas penadas que vão caminhando para um mundo sobrenatural, para uma terra bemdita onde tudo são canticos de ventura. Ahi vão elles, os que soffrem, roídos de lepra, vertendo pús, tropegos, caindo de dôr, gemendo psalmos estrangulados, cantando em côro a ladainha dos desesperos humanos, ahi vão elles para a gruta da Virgem, numa ancia de felicidade mundana, arrastando as suas ulceras: — Ave, Ave, Ave-Maria!

Depois o religioso Massias interrompe do alto da sua cadeira de predicador as orações, os canticos, para annunciar um grande successo, um acontecimento extraordinario, incrivel: trata-se de resuscitar um pobre homem que morrera em viagem no trem branco!

Toda a gente estremece numa febre, num delirio, ante as palavras do missionario, como nos tempos em que Jesus enchia a Galiléa de assombros.

E aquelle grito incessante, enervante, repercutindo alucinadoramente na alma da multidão: — *Seigneur, guerissez nos malades!... Seigneur, guerissez nos malades!* vae de boca em boca, alentando os enfermos, dominando-os, como si o proprio Christo andasse por ali a resuscitar os mortos.

Abrem-se as piscinas, em cuja agua deleteria boiam raios de sangue, pedaços de pelle, fios, ligaduras, vestigios de todos os males, de todas as chagas, de todas as podridões.

Era preciso despir o cadaver; um dos hospitaleiros adianta-se para lhe tirar a roupa; outro, porém, lembra que melhor seria cortar o fato á tesoura.

A cabeça do morto pendia frouxamente numa passividade de bloco rijo, num abandono cruel.

E o padre :—*Seigneur, regardez-le seulement, et il resuscitera! Seigneur, vouz n'avez qu'un mot à dire, le mond entier celebrera votre nom!*

E a multidão alucinada : —*Seigneur, guerissez nos malades!*

E o pobre homem conserva-se hirto debaixo da agua, hirto e gelado, irremessivelmente cadaver!

Falhou o milagre. Deus não quiz ouvir a voz dos peregrinos, e o fiasco é abafado pelo clamor dos religiosos que repetem sempre o mesmo appello á divindade : — *Seigneur, guerissez nos malades!*

Ha neste episodio uma critica profunda e severa, uma diatribe formidavel ao catholicismo hypocrita dos vis especuladores, dos que não sabem respeitar as proprias crenças, a propria dignidade sacerdotal.

A figura do abbade Massias annunciando ao povo a resurreição de um homem que já devia estar descansando no fundo de uma cova é, sem tirar nem pôr, a de um pregoeiro de coisas raras brandindo a vareta magica dos Hermann *bon marché.*

Nada mais ridiculo que esse defunto mergulhando nagua fria de um reservatorio, para surgir vivo, e della saindo duas vezes morto, como diria Zola. Parece ver-se com os olhos o cadaver descendo ao fundo escuro da piscina e reaparecendo inerte ainda, a cabeça bamba, o olhar immovel, obstinadamente fixo num ponto invisivel! Causa arrepios de pavor esse episodio macabro.

Por isso é que o papa, na sua alta sabedoria, excommungou Zola; porque em *Lourdes* o grande tragico dos Rongon foi implacavel para os falsos apostolos do moderno christianismo.

Seguindo sempre a linha recta que se traçou, Zola não abandonou os seus processos de analyse, de observação verdadeira, de autopsia lenta, embora isso lhe custe um logarzinho modesto no *Index Expurgatorio* ao lado de Rosseau, de Voltaire, de Diderot e de quantos outros herejes a humanidade respeita e adora.

Zola no *Index!*

Mas isso é uma glorificação!

Zola excommungado!

Mas isso equivale a uma apotheóse!

Eu não me admiraria (palavra) si daqui a uns poucos de annos, a igreja, representada pelo successor do actual pontifice romano, tivesse a bella idéa de fazer de Zola um santo, canonisando-o escandalosamente como fez á Jeanne d'Arc, a pucella de Orléans queimada viva por *heretica*, *relapsa*, *apostata e idolatra*.

Não comprehende a igreja o alcance de uma tal excomunhão? Ou desejava Sua Santidade que Zola viesse confirmar em seu livro extraordinario tudo quanto rezam chronicas falsas e falsos apostolos da sciencia e da religião, escrevendo uma obra inverosimil, toda mystica e vaga, toda mentirosa, ao gosto dos canones?

Mas a Arte é sempre a Arte, verdadeira e bella, intransigente e nobre.

Leão XIII está no seu direito excommungando Zola, como está no seu direito abrindo as portas do Vaticano a Emilio Castellar. Si o grande tribuno hespanhol fosse, porém, menos idealista e menos rhetorico, ainda que do seu cerebro irradiassem chammas de eloquencia, iria, talvez, figurar no *Index*, á dextra de Mahomet.

Segundo a logica do papa, todo aquelle que abrir um livro de Zola deve ir para o *Index*. Pelo menos cincoenta e tantas mil almas estariam fatalmente nas profundas do inferno, a julgar pelos cincoenta e tantos mil exemplares de *Lourdes* até hoje arrancados ao prelo de Charpentier.

Era um consolo para os que, como eu, não podem deixar de querer bem ao genial romancista.

Mas deixemos a igreja e volvamos ao livro.

A terceira parte é monotona, talvez, mas quanta belleza nessa monotonia, e quanta verdade!

Nella é que se descreve a procissão annual á gruta, em pinceladas vivas e fortes de um brilho incomparavel. Nada falta ahi para dar uma idéa

perfeita desse maravilhoso desfilar de crentes pelas ruas e pelos descampados de Lourdes. Ora essa marcha interrompida é como uma serpente de fogo, cujos aneis de ouro rastejam na terra negra, alongando-se, desdobrando-se, recurvando-se fantasticamente; ora é como uma enorme via lactea que houvesse caído do alto; ora é como uma dupla fila de estrelas palpitantes; ora uma poeirada de sol nas trevas; ora um outro céo reflectindo em baixo, o de cima, um céo, porém, onde só brilhasse uma constelação gigantesca; depois, um ostensorio de ouro quente que flammeja ao fundo da noite, ou como uma perpetua scintilação de astros em marcha...

Cansam, na verdade, essas paginas intermina-veis e primorosas. A obra de Zola é toda assim, compacta, prolixa, minuciosa e cheia de verdade; o seu espirito audacioso nunca passou de leve sobre um facto da vida: demora-se na observação, identifica-se, primeiro, com o objecto — paizagem ou caracter humano — para depois vasar no papel, no livro, tudo quanto lhe ficou, tudo quanto o interessou mais vivamente. Nunca soube dizer cousa alguma em synthese; as idéas descem-lhe ao bico da penna em borbotões, como a agua de uma fonte, e vão se transformando naturalmente em paginas e paginas longas que, por sua vez, constituem obras primas do espirito humano. E' um jorro perenne, uma fecundidade assombrosa igual a de Balzac.

Na quarta parte ainda continuam os milagres e as visitas á gruta, que digo eu? as procissões, as romarias, os canticos, o tumulto de enfermos.

Quasi que se reproduzem as scenas do terceiro dia; volta o abuso de palavras technicas exprimindo estados pathologicos, num atropello, numa confusão de batalha, e voltam tambem as supplicas, os desesperos, como si toda aquella gente fosse uma horda de loucos.

— Maria concebida sem peccado, orae por nós!

— Mãe purissima, mãe castissima, vossos filhos estão a vossos pés!

— Santa Virgem das virgens, bemdita sois vós!

— Santa Virgem das virgens...

Parece que se está assistindo ao desmoronar de um mundo; o côro das vozes eleva-se na pureza do ar e perde-se longe, bem longe, pelas montanhas e pelo azul.

Aqui, ali, um episodio violento, uma scena dolorosa banhada de lagrimas, e que nos commove até ao fundo dalma, como esta pagina soberba em que se descreve a morte do irmão Izidoro, na gruta, aos pés de Nossa Senhora.

O pobre missionario tambem fôra a Lourdes em busca de vida e agora, perdido entre a multidão dos doentes, morria numa desolação de abandonado, os olhos fixos na imagem branca da Virgem como si ainda estivesse implorando a misericordia da divina curandeira.

Lá adiante outra procissão.

Finalmente, chega-se á ultima parte, ao quinto dia.

E' a volta do trem branco, o regresso a Paris: wagons precipitando-se pela noite, paizagens, canticos de louvor, agonias...

E Zola conclue descrevendo a morte de Bernadette Soubirous, a grande exilada, o novo Messias do soffrimento.

Em resumo é isto *Lourdes:* uma longa narrativa, de um pessimismo entristecedor, fria, talvez, na apparencia, mas, em verdade, bem dolorosa, bem amarga, retratando, como um espelho de crystal, os menores accidentes da vida moderna e todas as dôres da tragedia humana, que nesse livro profundamente observado e de uma intensidade tão mascula, fazem sonhar no Dante e na *Divina Comedia.*

Quando, ha dois annos, correu que Zola estava escrevendo uma obra cujo assumpto era Lourdes, a primeira idéa foi que o grande romancista abandonara de vez a antiga *manière,* transigira, afinal, com as suas theorias, e decidira-se a entrar para a Academia Franceza com uma *Lourdes* bonitinha, feita de papel dourado, muito recortada de vocabulos novos, muito ideal, uma *Lourdes* mystica, sem cousas mundanas, ao gosto dos falsificadores de sensações, e onde fosse absolutamente desprezada a parte documentaria, a parte historica, o quadro social, — especie de apotheóse á Virgem e ao Milagre.

Mas não, os que assim pensaram, clerigos e beatas, não conhecem, por certo, a obra de Zola e o seu temperamento de artista que ama um idéal superior, mil vezes superior aos pequeninos triumphos de *cabaret*.

A sua *Lourdes* é uma continuação, um prolongamento dos Rougon Macquart, a epopéa da dôr, o depoimento consciencioso de uma testemunha dessa apparatosa tragedia que se representa a algumas leguas de Paris, no fundo de uma montanha por onde corre um fio d'agua limpida e onde uma camponezinha chamada Bernadette *viu* Nossa Senhora.

Qual o escriptor de talento, o poeta, o romancista, que não encontraria muito que fantasiar, muito que explorar nessa encantadora historia? O mundo da lenda é infinito. Outro fosse Zola e tiraria dahi, não uma obra documentada, mas um simples *livro de horas*, um desses poemas em prosa symbolista que andam revolucionando o pensamento aos que não têm idéas definitivas em arte.

Elle, porém, preferiu, como sempre, a linha recta, o caminho traçado pelo seu grande espirito, apenas dourando levemente de poesia o seu livro, que no fundo é todo verdadeiro, como verdadeiras são as obras de Shakspeare e de Balsac.

Não faltará quem avance que *Lourdes* é uma "porcaria", uma blasphemia, uma profanação, uma obra de renegado. Bella duvida! Ninguem espere, emquanto existir, a sancção universal, absoluta, de

seus actos. Ha de haver sempre um imbecil que lhe atire á face uma asneira.

Zola não teve ainda, nem terá um *fauteuil* na Academia Franceza, mas, em compensação, lá está no *Index*, no glorioso *Index*.

Procuram negar valor scientifico á sua obra, dando como falsa a theoria da hereditariedade em que elle se baseou para escrever os Rougon-Macquart. Questão de *lana caprina* esta. A sua obra é scientifica, porque é verdadeira, porque é calcada sobre a natureza, não que encerre descobertas maravilhosas no campo da sciencia. Que valem theorias em arte? Cousissima alguma. O artista é o que é, manifesta-se desse ou daquelle modo por obediencia ás condições especiaes do seu espirito. A hereditariedade physiologica é um facto relativo : de accôrdo; mas deixem Zola com a sua veleidade, com o seu modo erroneo de repisar essa questão, deixem-no com a sua hereditariedade absoluta, systhematica e infallivel.

Não se trata de saber si a *combustão instantanea* de tio Macquart no *Docteur Pascal* é um phenomeno provado ou si um exagero de analyse. Primeiro que tudo a obra d'arte e essa não póde ser julgada friamente, sem interesse artistico, por um philosopho carregado de erudicção.

Querem que Zola escreva tratados de sciencia? Mas como, si elle vive para a Arte, como, si elle está todo voltado para o bello, para o seu ideal esthetico? Ainda que não pertencesse á grande serie dos

Rougon, *L'Assomoir*, esse livro admiravel, de uma realidade pungente, seria uma obra prima, um legado brilhante da arte deste seculo.

"Ninguem mais improprio do que Zola para dar um caracter scientifico a uma obra litteraria, porque lhe falta exactamente o saber profundo e serio", li num critico (algum conselheiro de Estado).

Muitissimo bem; ahi está uma verdade pura como a luz do sol: Zola nunca poderia ser um grande artista, vivendo para a sciencia. Ou artista ou sabio.

Um amigo trouxe-me o exemplo de Goethe, que foi tambem um grande sabio.

— Pura excepção, respondi, accrescentando que o grande poeta allemão fôra até conselheiro privado do grão-duque Carlos Augusto da Saxonia-Weimar.

De resto, o que predomina em Zola é o bello grandioso, o bello horrivel, como em Shakspeare, e esta qualidade torna-o verdadeiramente épico.

Lemaitre diz muito bem que *il y a du Michel Ange dans M. Zola. Ses figures font penser à la fresque du* JUGEMENT DERNIER.

*Lourdes* é ainda uma confirmação deste juizo. Obra cheia de verdade e cheia de ironia, parece que nella se reflectem todas as crenças e todos os preconceitos religiosos do nosso seculo.

Zola não perdeu nenhuma das suas extraordinarias qualidades de romancista. Declinando para a velhice, "sur le tard de sa vie", conserva o espirito

equilibrado como no tempo em que Paris inteira devorava-lhe as edições de *L'Assomoir*.

Vae para os cincoenta e cinco annos e no emtanto o seu estylo tem ainda a frescura e o brilho da mocidade.

E dizer que esse homem extraordinario, que essa grande alma de poeta, que esse caracter honestissimo, ainda soffre a tortura dos odeados e ainda não foi bastante comprehendido pela geração que o lê !

Rio, 1894.

## IV

# Nativismo ou Cosmopolitismo?

Bello assumpto para um curso official de esthetica essa debatida questão de *nativismo litterario!* Sómente era preciso que no Brazil houvesse tambem um Ferdinand Brunetière, professor de litteratura, apologista de Feuillet, membro do Instituto Historico (perdão! da Academia Franceza) e que se encarregasse de elucidar o problema. Entretanto, não desprezemos o assumpto, e, mesmo em tom de *causerie*, mesmo sem a prosa erudita de Brunetière, façamos delle um cavallo de batalha.

Ouço constantemente falar em arte nacional e arte universal com uma convicção digna de todo respeito: entendem uns que o artista deve generalisar,

em synthese, o objecto de sua obra, dando a esta uma feição cosmopolita, symbolisando vagamente numa fórma crystalina e diaphana todas as suas concepções, todo o seu modo especial de encarar o universo, toda a vida de seu espirito, sem considerar o meio physico, os accidentes cosmicos, a natureza objectiva, emfim; outros, porém, são de parecer que o artista deve obedecer ao meio que o cerca, preferindo sempre os themas nacionaes, respeitando a uma toponymia real ou imaginaria, creando personagens que obedeçam, por sua vez, a taes ou taes influencias mesologicas.

A critica dirá que ambos os processos conduzem a um mesmo resultado desde que o escriptor seja um verdadeiro artista e obedeça ao seu temperamento.

Symbolismo e objectivismo, e idealismo e naturalismo são palavras que nada explicam positivamente; essa preoccupação de systemas em materia de arte redunda num symptoma de mediocridade intellectual, porque não é isso que determina a originalidade, o talento de um artista. O talento, segundo Maupassant, revela-se por uma maneira especial de pensar, de ver, de comprehender e de julgar. Victor Hugo e Zola, não obstante seguirem caminhos oppostos, triumpharam do mesmo modo sobre o seu seculo.

O chamado nativismo litterario justifica-se pela influencia do meio sobre o caracter do escriptor, proclamada por Balzac, Sainte-Beuve e Taine. Admitte-se que o artista educado na capital do Brazil, onde

a vida é a mesma de todas as grandes capitaes, escolha de preferencia themas complicados de psychologia, ou deixe-se influenciar pelos modelos da França, dando uma obra falsa, imitada, sem originalidade, sem côr propria, e o facto não é raro; porque, num meio cosmopolita como este, elle perde, inconscientemente, as qualidades caracteristicas de brazileiro : a arte sae-lhe torturada, não exprime emoções verdadeiras, ha de forçosamente ser incompleta, ainda que, pela fórma, comsiga dominar o ouvido, simplesmente o ouvido. Mas, o provinciano, que desconhece a tumultuosa agitação dos grandes centros, que vive lá no coração de sua patria, identificado com o viver do povo e com a natureza, é sempre original e verdadeiro, porque descreve o que viu e sentiu, communica-nos a impressão que directamente recebeu ; é, por força, um nativista, um producto do meio nacional.

O exemplo de Flaubert calcando *Salammbô* sobre a historia de Carthago ; o de Pierre Loti phantasiando historietas de amor, impregnadas de um orientalismo idéal e repisado ; e mesmo o de Chateaubriand escrevendo esse livro admiravel de *Atala*, vibrante de poesia selvagem, como um poema indico ; vêm confirmar a lei natural do meio. Sabe-se que Flaubert esteve em Carthago, observou com a calma de um sabio todo o scenario historico do livro, identificou-se com a natureza physica do paiz, viu e sentiu para escrever. Em *Salammbô*, diz Zola ... *on devine des dessous très etudiés, un terrain admirablement connu*

*de l'auteur*. Chateaubriand veio á America, andou pelas florestas do novo mundo, conviveu com as tribus indigenas do norte, extasiou-se diante da esplendida paisagem americana : viu e sentiu para escrever. Dahi o fundo real da obra, a sua precisão analytica. Loti, como official de marinha e viajante, é um simples impressionista irresistivelmente dominado pela natureza das terras que visita ; o facto de pertencer ao gremio dos immortaes não o colloca ao lado dos grandes artistas.

Exigir, porém, de um escriptor brazileiro descripções do Oriente ou de cousas que elle apenas conhece através dos livros, é o que se não comprehende.

O romance nacional e a poesia nacional, desde que traduzam fielmente o sentir do povo, os seus costumes, a sua capacidade ingenita, têm um valor artistico inestimavel. O que se deve exigir de um artista é que elle seja humano, que elle saiba interpretar as dôres e as alegrias do povo, crystalisando-as numa fórma simples e clara.

O assombroso poema do Dante symbolisa o estado da sua patria numa época de reorganisação social, um conflicto historico entre reis e papas, a celebre guerra intestina dos guelfos e gibelinos. O assumpto é puramente nacional ; entretanto, a *Divina Comedia* exprime a eterna agonia da humanidade, gemem nella todas as dôres, gritam todos os desesperos...

O mesmo idéal impelle Camões a escrever *Os Luziadas*.—" O sentimento da realidade inspira-o na escolha dos episodios caracteristicos, e a physionomia

nacional aparece nitida na sua pureza. Foi um Virgilio que fez a *Eneida*, um Camões que fez os *Luziadas*, poemas ambos tão cyclicos, isto é, tão representativos do crêr, do sentir de um povo, como essas folhas soltas brotadas anonymamente da imaginação collectiva..." (*)

A litteratura russa offerece um exemplo vivo dessa maneira de interpretar a Arte. Em quasi todos os grandes escriptores daquelle paiz nebuloso observa-se o viver especial do povo, a feição nativista dominando amplamente.

A litteratura slava não se confunde com a de nenhum outro paiz. Cada romancista e cada poeta representa a propria Russia : em todos os seus livros derrama-se a branca melancolia dos gelos ; perpassa nelles uma nota sombria de miseria ; uma desolação immensa de povo errante parece dominar nessas paginas commoventes que fazem lembrar uma multidão de almas penadas vagando nos steppes do norte. Dostoiewsky é o povo russo que geme no exilio ; toda a magoa, todo o pessimismo da sua obra é uma consequencia fatal do meio physico actuando no cerebro e determinando crises morbidas. Pontifice dos escriptores russos, o mais original e fecundo de todos elles, deixou ver em seus livros a miseria humana soluçando tragicamente no fundo das prisões, nos hospicios e no meio das ruas de S. Petersburgo.

Foi um nativista, encontrou em sua patria elementos para uma arte original e vasta como essa

(*) *Os Luziadas*— O. Martins.

brumosa região das duas Russias, onde uma fatalidade cruel persegue os escriptores. Tudo é melancolia no romance russo ; a mesma sombra de tristeza que paira sobre o grande imperio, envolve a alma do artista, e não raramente essa melancolia degenera em loucura : é o caso de Bationckof acabando num hospital de alienados. (*)

A' rigidez das instituições politicas naquelle paiz vem juntar-se a influencia oppressora do clima, a fatalidade geographica, o predominio da natureza.

O povo que soffre na Russia é o mesmo povo que soffre na Inglaterra, na China ou no Brazil ; mas preciso é accentuar bem claro a feição individual e as tendencias do inglez, do chinez ou do brazileiro ; é assim que o subsidio litterario, como documento historico, torna-se um factor importantissimo.

Não entendem, porém, deste modo os que aceitam o principio da arte pela arte, os exciusivistas da fórma, cuja esthetica só elles comprehendem. Entretanto, o que parece falso é que um escriptor nascido e educado no Brazil, donde nunca arredou o pé, venha nos impingir scenas da Italia, da Grecia, do Oriente, estudadas em Cesar Cantú ou nas descripções de viagens.

Qual o valor artistico de semelhante obra ? Sob o ponto de vista da fórma, do colorido, ella poderá

(*) Na Russia poetas e escriptores desaparecem quasi sempre tragicamente : Pouckine, aos 37 annos, morre em duello por uma questão de honra; Griboiedof autor da comedia *Mal de trop d'esprit* morre assassinado.

surprehender momentaneamente, deixando no espirito uma fugitiva impressão de arco-iris... Mas, com licença do Sr. Araripe Junior,—" o estylo não é um fim, é um meio ; convém que esse meio não se converta em vehiculo de falsas sensações. "

A Arte não é sómente isto, é cousa mais duradoura e mais bella. *Salammbô*, com todo o prodigio das suas descripções, viverá menos que *Madame Bovary*.

Si eu tenho em meu paiz, no meio em que vivo, uma natureza deslumbrante, por que hei de pedir á Italia um pedaço de céo, á Allemanha uma nesga do Rheno, á Grecia o torso de uma estatua, o relampago de uma inspiração para fazer meu romance ou meu poema ? Tolice, preoccupação estulta. Sejamos o que somos na verdade e não fechemos os olhos ao inexplorado campo das tradições nacionaes, da vida nacional.

Applaudo de coração o talento que sabe ser de todos os tempos, de hoje, como de hontem, como de amanhã, sem sair do seu meio ; nada mais louvavel que esse nativismo sincero expandindo-se em creações de um colorido original como o das nossas flores e das nossas aves.

E' mais honroso ser nativista, cultivar em tudo o amor da patria, que alardear sentimentos falsos.

A moderna litteratura nacional ( estarei enganado ?...) vae-se libertando um pouco da influencia estrangeira. Como que anda na atmosphera intellectual do paiz uma estranha agitação de combate,

um vago murmurio de alarma, propagando-se, em guisa de electricidade, por todos os recantos onde floresce o talento. Annunciam-se livros novos, abrem-se concursos, fundam-se revistas ( ouço falar no proximo aparecimento da *Revista dos Novos* ) (*) com um enthusiasmo admiravel !

Não será isto um symptoma de renascença para as letras ? Eu o creio bem. Depois das lutas politicas, a revolta contra o cosmopolitismo litterario.

Quanto aos poetas metaphysicos, deixal-os cantar as nebulosidades de um mundo interdicto á comprehensão humana ; deixal-os correr atraz do seu ideal, — essa miragem divina, intangivel como o azul ficticio do ether...

Rio, 1894.

(*) Confirma-se, um anno depois, o apparecimento da *Rio-Revista*.

V

# A Fórma

Gostei de vêr, não ha muitos dias, ourejando as columnas da *Gazeta de Noticias*, uma apreciação conselheira e sensata do modo por que costumam fazer arte os nossos escriptores. Entende o luminoso chronista, como Horacio, como Boileau, e como Flaubert e seus discipulos, que a obra d'arte deve ser mil vezes refundida, mil vezes lapidada antes de entregue á critica, aos applausos ou á indifferença dos contemporaneos, e observa muito judiciosamente que na arte como na industria, na sciencia como nas letras, na administração publica como na vida particular, o *savoir faire* é tudo. "Bem vejo ( diz elle ) que arde no cerebro destes escriptores a que me refiro, e

particularmente no daquelle que me provoca estes reparos, um vulcão de inspirações a irromper flammivomo, turbulento e quasi indomavel. Ao vazal-as no livro ou no jornal, a penna lhes corre abundante, sonora, *la bride au cou...*". E logo : " Mas o que eu peço é a cuidadosa lima posterior, que desbasta as asperezas, as irregularidades e os leves senões do primeiro jacto ".

Com effeito, o axioma de que *a pressa é inimiga da perfeição* se verifica diariamente em todos os ramos do trabalho humano ; para que uma obra, seja ella qual fôr, tenha certo cunho original de perfeição, é necessario que resulte de um esforço calmo, de uma lenta elaboração meditada, sem, todavia, perder o caracter espontaneo, a força mater que a inspirou.

Na obra d'arte com especialidade essa perfeição só se adquire por meio de um trabalho penoso, mortificante, cheio de desesperos, e que vae desde o simples esboço, rapido e nervoso, té a fórma definitiva, serena e limpida, através da qual não se percebem as agonias do artista na luta insana pela realisação do ideal esthetico. Nem todos, porém, que manejam a penna, têm envergadura rija para levar ao cabo, sempre com a mesma intensidade flauberiana, uma obra como a *Tentation de Saint Antoine*, onde a phrase, admiravelmente correcta, não vibra, não commove,— é tersa de mais, exagerada, e de uma frieza de marmore sepulchral. Eu tambem quero a fórma irreprehensivel, a expressão completa, dizendo

sem exagero, nem artificio, com a simplicidade suggestiva da natureza, tudo quanto é possivel dizer-se em linguagem humana. A escolha do termo exacto, da palavra indispensavel, forte e sonora, essa ha de preoccupar sempre ao verdadeiro artista. Mas não se confunda o estylo "maravilhoso", a fórma bombastica e calculadamente litteraria dos escrevinhadores communs, que por ahi andam aos milheiros, com a simplicidade correcta e nobre, transparente e leve, sem deixar de ser espontanea ; é bom não confundir o ouro fino e polido, que se não reconhece a um primeiro exame, com o metal dourado e sem valor, cujo brilho póde fascinar, mystificando os incautos, arrancando-lhes exclamações de basbaques por um objecto que na superficie apresenta fulgurações quentes de joia artistica, e no amago encerra vil materia de consistencia duvidosa.

O trabalho da lapidação na obra d'arte não é um simples esforço mecanico de tirar e collocar palavras que formem periodos cantantes, embora com prejuizo da idéa original ; nem o artista deve ter a preoccupação absoluta, unica, e enervante da fórma *impeccavel*, de uma inconsutibilidade quasi divina. Seria rematada loucura querer produzir uma obra sem jaça, absolutamente perfeita, divinamente sublime ; por mais que trabalhe, por maiores que sejam os seus esforços e a sua intelligencia, o homem nunca realisará esse ideal, que é o desespero eterno dos grandes artistas.

Fradique Mendes, o extraordinario autor das *Cartas* — uma das mais bellas creações de Eça de

Queiroz— explicava a sua indolencia litteraria com estas palavras de uma verdade esmagadora e cruel : —"... Porque o verbo humano, tal como o falamos, é ainda impotente para encarnar a menor impressão intellectual ou reproduzir a simples fórma de um arbusto... Eu não sei escrever! Ninguem sabe escrever! "

Esse homem raro, de um temperamento artistico refinado, que em prosa queria " alguma cousa de crystalino, de avelludado, de ondeante, de marmoreo, de resplandescente, que só por si, plasticamente, realisasse uma absoluta belleza— e que, expressionalmente, como verbo, tudo pudesse traduzir, desde os mais fugidios tons de luz até os mais subtís estados d'alma...", esse homem dotado de energias superiores, esse Fradique aristocratico e tão suggestivamente bello nos seus caprichos e nas suas maneiras de viver e de interpretar a vida, representa, por certo, o artista moderno, insatisfeito e pessimista, fugindo á Arte para se abandonar ás fantasias de uma existencia " humana ", suave e calma, passada entre mulheres da alta nobreza, viajando occultamente, sem ruido, nem ostentação, dizendo em cartas o que o seu verbo não poderia exprimir em livros, " possuido da sublime e transcendente ambição de só produzir verdades absolutamente definitivas por meio de fórmas absolutamente bellas. "

Ora, si todos que amamos a Arte fossemos adoptar as theorias de Fradique, abstendo-nos de escrever, pela impossibilidade de reproduzir com a

maxima exactidão os phenomenos da vida universal e os aspectos da natureza, não haveria litteratura e o talento passaria despercebido, ignorado, obscuro, inutil, criminosamente inutil. O dever de todo artista é produzir e produzir sempre, no marmore, na téla ou no papel, embora sua obra não represente a absoluta perfeição ; só á força de trabalho constante, de um labor paciente de muitos annos é que elle poderá viver na memoria das gerações ; e, ainda assim, quantos, que se julgavam eternos, immortaes, dominadores, ficaram esquecidos, não obstante uma perseverança dolorosa, um rude trabalho cortado de angustias incriveis !

A pressa é inimiga da perfeição, ninguem o contesta ; mas lembremo-nos tambem de que a perfeição é inimiga do homem. O bellissimo sonho de Fradique Mendes, que é o sonho de todos os grandes artistas, foi talvez a causa principal da loucura de Maupassant. No dia em que Gustave Flaubert escreveu a ultima palavra do seu *Bouvard et Pecuchet*, justamente nesse dia glorioso para elle, fulminou-o uma apoplexia ; succumbiu trabalhando, construindo phrases de marmore, sem haver encontrado a expressão definitiva e absoluta do bello e da verdade.

Esse culto exagerado, essa voluptuosa religião da fórma litteraria, que alucina, que tortura, que mata o artista, vae se tornando uma grave doença, uma terrivel epidemia intellectual, uma calamidade eversiva. Em breve será preciso reformar o alphabeto, substituil-o por um grupo de signaes convencionados,

especie de hierogliphos inaccessiveis ao entendimento da maioria, ou por um numero illimitado de caracteres symbolicos, de feição bizarra, para serem meditados nó futuro, seculos depois, quando já ninguem se lembrar de que existiram phenicios e outros povos de origem prehistorica. E' a nevrose da fórma triumphando sobre uma geração de visionarios que marcham em columnas cerradas— phantastico rebanho dalmas insaciaveis— para uma terra longinqua e nebulosa, onde não chega a alacridade do viver contemporaneo, terra de escolhidos, bafejada pelo vento da loucura, semeada de urzes, desolada e triste... E' a morphomania litteraria, a esmagadora obcessão do estylo novo, inédito, rebuscado palavra por palavra no *magnum lexicon* estranho da dôr, nos subterraneos da alma humana, donde ha muito parece ter fugido, num lugubre bater d'azas, a ave (hoje maldita) da alegria, deixando o artista só, abandonado no circulo de ferro de seus ideaes intangiveis...

Em summa, o verdadeiro artista não precisa que lhe indiquem o caminho a seguir, o modo, a fórma por que deve crystalisar a vida de seu espirito. Todas as fórmas são bôas, todos os meios optimos, desde que representem uma interpretação logica e racional do mundo, alguma cousa superiormente notada, estranhamente bella, fóra da orbita commum.

O effeito da critica sobre a obra d'arte ou sobre o artista é quasi sempre nullo, por isso mesmo que nenhum espirito superior vae se deixar guiar pelo desejo,

ásvezes incongruente, deste ou daquelle individuo, ainda que elle mereça toda a consideração possivel. Dizer a quem escreve por decidida vocação, por instinctivo amor á arte litteraria :— Não empregue tal vocabulario, adopte os processos de Flaubert ou de Zola ; siga para o norte em vez de se dirigir para o rumo opposto...,— é negar talento ao escriptor, julgando-o capaz de se amoldar ao gosto especial da critica e a preferencias individuaes.

Elle proprio reconhecerá os seus erros, fazendo novos e successivos trabalhos, aperfeiçoando-se, equilibrando melhor as suas faculdades, ou então não é um artista e escreve sem ideal, sem consciencia, como qualquer *mattoide*. Infelizmente esta raça não se extinguirá nunca...

Mas, voltando ao objecto das minhas reflexões, por que é que a fórma ha de ser o cavallo de batalha dos escriptores ? Não é ella um vehiculo transitorio, um falso elemento, quando se afasta da simplicidade correcta e espontanea, vívida e sonora, que brota naturalmente, instinctivamente, da penna ?

Isso de escrever entre um diccionario, uma grammatica, e, como pretendem alguns criticos, " uma formidavel e rija lima de aço ", parece-me, ás vezes..., nem eu sei o que me parece... Um diccionario, uma grammatica e uma lima !.. Deveriamos accrescentar uma garrafa de vinho do Porto, um pão-de-ló ( para os intervallos ), e mais alguns objectos de uso privado. Ahi está como se faz um escriptor moderno, um romancista ou um poeta !

A fórma é quasi tudo na Arte ; mas que fórma deve o artista preferir, que processo deve elle empregar, qual o estylo mais bello ? E' o que se não poderá responder em tempo algum. Cada escriptor obedece a uma lei fatal, cada artista é, por assim dizer, um escravo de suas proprias tendencias, quaesquer que ellas sejam, e ninguem tem o direito de o censurar unicamente porque não escreve entre uma grammatica, um diccionario, uma " rija lima de aço " e um tratado de psychologia. A fórma, como a idéa, é sempre original no verdadeiro artista. Ou o escriptor possue talento, é um espirito superior dominado pela ambição de deixar uma obra rara, e, neste caso, saberá exprimir numa linguagem superior e artistica, as menores vibrações de sua alma, ou é um mediocre, um ambicioso vulgar, um imitador irresponsavel, symbolista hoje, amanhã naturalista, depois damanhã qualquer outra cousa... e então só merece o desprezo, a indifferença dos contemporaneos.

A fórma é *quasi* tudo na Arte, dizem ; creio, porém, que a sinceridade é *tudo*...

Rio, 1894.

# VI

## Coelho Netto (*)

Sou dos que pensam que o bom livro, em geral, se recommenda logo ás primeiras paginas, dominando o leitor educado e intelligente pelo segredo especial do estylo ou pelo estranho fulgor da imaginação: o talento do verdadeiro artista resalta admiravel e vigoroso numa simples phrase bem acabada ou numa bella metaphora original e surprehendente.

Jules Lemaitre para demonstrar a falta de senso esthetico em Georges Ohnet não precisou ir muito longe. O classico systema de introducção invariavelmente adoptado pelo galante romancista de *Serge Panine*

(*) *A Capital Federal*

foi o alvo principal do implacavel critico, e é bem verdade, como affirma certo escriptor inglez (Th. Child), que a grande reputação de Lamaitre começou no dia em que elle fez vibrar as suas armas de critico independente contra o velho e falso processo de Ohnet.

Um romancista que abre seus livros dando ao publico sempre as mesmas paizagens convencionaes e romanticas, o mesmo céo azul e limpido, o mesmo arvoredo invariavelmente agitado pela brisa, quando a natureza muda tanto de aspectos, e é tão prodiga de nuanças !

Um escriptor que não se peja de falar ainda em mancebos d'alta estirpe, cavalleiros de bota e espóra, que se duellam por ciume !

Chamar obra d'arte aos romances de Ohnet seria realmente um disparate imperdoavel, uma cegueira sem nome. Esse escriptor é um simples amador de especie curiosa, que soube, não sei porque meios, adquirir uma popularidade realmente admiravel.

Assim, voltando á minha opinião de que facilmente se reconhece o bom livro desde as primeiras paginas, é certo que a força inicial tem uma importancia relativa na dynamica litteraria.

Que diriamos do escriptor que principiasse um romance moderno com o repisado e pueril — *era uma vez..?*

Eu por mim, antes de me decidir a ler qualquer obra litteraria, procuro no começo da narração esse tic indeterminado que não permitte classificar o

escriptor de talento, o artista do verso ou da phrase, com o rabiscador banal que escreve para divertir a imbecilidade humana.

Ora, si ha livro brazileiro que se recommende immediatamente pelo estylo e pelo vigor da imaginação é, de certo, a *Capital Federal* de Coelho Netto, essa desopilante e encantadora narrativa feita por um sertanejo de Minas, chamado Anselmo Ribas, que vem ao Rio de Janeiro a passeio, com o simples intuito de visitar a grande capital fluminense, e que, no fim de alguns dias, regressa aos penates maldizendo a vida rumorosa, cheio de tedio, preferindo Tamanduá, seu logarejo natal, aos encantos da civilisação.

Confesso que antes mesmo do primeiro capitulo já meu espirito prelibava sufficientemente as delicias de uma leitura confortavel, infiltrada de humorismo, sem tramas emocionaes, leve e simples, fluindo natural como as aguas claras de um rio manso e largo...

A *Capital Federal* é desse livros que a gente relê com intima satisfação, como si estivesse a repetir uma bebida rara e saborosa.

O que mais encanta, o que fascina desde o principio é a fórma, o estylo sóbrio e conciso, representando as cousas com uma fidelidade admiravel, sem a terminologia pedantesca dos que confundem a verdadeira Arte com a arte convencional e falsa.

Observa-se mesmo que o autor não se parece em cousissima alguma com o Coelho Netto das

*Rhapsodias* nem com o Anselmo Ribas do *Rei Fantasma*, o que vem comprovar a asserção formulada em uma de minhas cartas, isto é, que o delicado estylista não tem ainda um ideal litterario perfeitamente claro.

Seus processos variam constantemente, em consequencia, talvez, de sua indole versatil e impaciente que não sabe manter-se numa mesma convicção, num mesmo principio.

Soffrego, irrequieto, dedicando-se com amor ás letras, Coelho Netto não encontrou ainda a fórma definitiva em que deve crystalisar suas impressões de artista imaginoso e fecundo.

Revela, entretanto, uma tendencia accentuada para o simplismo naturalista á Daudet, levemente bregeiro, produzindo no leitor uma suave impressão de caricia.

A simplicidade é quasi tudo na obra d'arte litteraria e isto resulta muita vez de um esforço intellectual mortificante que absolutamente não transparece. Poder-se-ia chamar— *dynamisação da phrase* a esse processo lento e penoso do escriptor em busca do termo exacto para a expressão de seu pensamento. A má collocação das palavras quantas vezes prejudica o sentido verdadeiro de uma descripção, tirando-lhe o effeito desejado? Antes de tudo se deve conhecer profundamente o valor de cada termo, a significação immediata de cada palavra.

Maupassant, o extraordinario discipulo de Flaubert, synthetisava deste modo as suas theorias litterarias da fórma :

" Qualquer que seja a cousa que se pretende dizer, não ha senão uma palavra para a exprimir, um verbo para a animar e um adjectivo para a qualificar."

Imagine-se agora o esforço necessario para que o escriptor encontre exactamente essa palavra, esse verbo e esse adjectivo !

Zola define melhor a arte de escrever : *Avoir l'impression forte de ce dont on parle, et rendre cette impression avec la plus grande intensité et la plus grande* SIMPLICITÉ *c'est l'art d'écrire tout entier.*

Em Coelho Netto observa-se a preoccupação do estylo simples, da fórma communicativa que caracterisa os grandes artistas.

A primeira surpreza que assalta o leitor da *Capital Federal* é a maravilhosa descripção de um banho elegante em casa de Serapião, tio de Anselmo e burguez rico,—verdadeiro banho aristocrata em bacia de marmore num confortabilissimo recanto de palacete, onde não faltam os finos sabonetes, as grandes esponjas, "as escovas e essencias tonicas para a hygiene da pelle e lavagem das gorduras do couro cabelludo, o espelho de nitido crystal, o wisky, o cognac e mais o curaçáo de fina qualidade, e os papeis finos... "

Inquestionavelmente é um dos melhores capitulos esse, em que se destacam qualidades de humorista feliz e de observador minucioso.

A sensação que Anselmo experimenta ao mergulhar nagua morna, branco de espuma, communica-se

ao leitor admiravelmente, e chega a produzir-lhe arrepios na epiderme, como si elle proprio estivesse dentro de uma piscina abluindo-se tambem.

Este Anselmo, porém, não satisfaz como typo real. Todo elle é falso e incompleto, mistura extravagante de sertanejo e homem educado a quem nada surprehende na Capital Federal, nem o bulicio quotidiano das ruas, nem a garridice das *toilettes* femininas, nem o sumptuoso palacete do tio Serapião, um capitalista que sabe empregar a fortuna em bronzes custosos e que vive mergulhado num luxo verdadeiramente oriental,— nada commove Anselmo. Elle vê tudo com a maior indifferença, com um desprezo de quem já viajou as cinco partes do mundo e não com a natural ingenuidade de simples provinciano que pela primeira vez pisa terra civilisada.

Verdade é que o sertanejo de Coelho Netto, longe de ser um camponio qualquer mettido em casimiras e transplantado para a civilisação, aparece falando francez com as actrizes, conhecendo satisfactoriamente o latim e discutindo philosophia no Paschoal.

Este Anselmo de Tamanduá caberia bem numa vitrine de raridades anthropologicas.

Si no genero descriptivo Coelho Netto é, sem duvida, um colorista de força, encantando-nos com a frescura de suas tintas, por outro lado, como pintor de caracteres deixa muito a desejar. Nenhum de seus personagens fica indelevelmente gravado em nosso

espirito,— passam todos como figuras indecisas de um cosmorama vulgar. Falta-lhe o dom da observação psychologica, essa profundeza de vista que nos mestres vae até á previsão dos phenomenos subjectivos.

Anselmo, Serapião Ribas, o Dr. Gomes e outros individuos da *Capital Federal* não têm vida propria, quasi que se não agitam espontaneamente,— movem-se apenas como automatos de um theatro infantil. E' força reconhecer que nenhum desses typos representa, na verdade, o idéal do escriptor.

Nem Anselmo nos dá o retrato do provinciano ( já não dizemos do sertanejo ) que visita uma capital de primeira ordem, nem Serapião Ribas caracterisa bem o capitalista burguez vivendo aristocraticamente uma vida de luxo e conforto, nem o Dr. Gomes de Almeida, um pedante, com toda a sua loquacidade, representa fielmente o "advogado, moço de talento e rico", passando os dias na rua do Ouvidor engolindo *cocktails* e as noites na caixa dos theatros confabulando com as actrizes.

Esses defeitos não são imperdoaveis numa simples obra impressionista como o livro de que me occupo, tanto mais sendo largamente compensados por paginas admiraveis de humorismo e verdade.

Aquelle final de almoço no quarto capitulo vale ouro. Anselmo aparece-nos por um momento ingenuo e verdadeiro, como deveria sêl-o em todo o livro ; a saudade invade-lhe a alma, e é com uma tristeza cheia de doçura que elle se transporta

idéalmente a Tamanduá, sua terra, debruçado á varanda, defronte do arvoredo, emquanto Jeronymo, o jardineiro de Serapião, canta com a sua voz fina, aparando a grama...

Vejam que naturalidade, que deliciosa simpleza nestas palavras; fala o sertanejo: — "Um véo espesso cobriu-me os olhos. Tudo que a minha vista alcançava desappareceu num momento e vi, como em scenario, num longinquo horizonte nebuloso, aereo, a paizagem silenciosa da minha terra, no valle fresco e verde, no fundo do qual escorre, quasi em bulha, o córrego das Almas, que vae de sitio em sitio, abeberando as hortas e os rebanhos, sempre manso e sempre claro, que não toldam senão as flores dos espinheiros que o margeam..."

Pouco a pouco humedecem os olhos de Anselmo, todo embebido em sua nostalgia. Uma a uma vão lhe aparecendo, como em sonho, as cousas de sua terra.

—" E a minha casa, além! bem visivel, branca no verdejante pomar, e gente na eira e gente pelos caminhos,— os meus com as suas feições tão nitidas, tão perfeitamente accentuadas que eu fui reconhecendo a um e um, como si os visse, não através da miragem meiga de minha alma, mas na verdade fiel da vida que além vivem..."

Isto sim, é sincero, e ninguem ha que, lendo esta pagina bellissima e original, não sinta palpitar nella um trecho de sua vida. Quem possue tão finas qualidades de artista devia aproveital-as num largo estudo sobre os costumes do sertão brazileiro.

Pena é que não seja tão feliz no dialogo, que lhe sae quasi sempre manco e desnaturado. Percebe-se o esforço para que a conversação torne-se natural e logica. Os personagens ou falam por monosyllabos ou perdem-se em longas estiradas de uma monotonia fatigante.

Neste caso se acha a descripção que o Dr. Gomes de Almeida, pedante incorregivel, faz de Pariz e do Oriente. Simplesmente falsa e horrorosamente longa.

Aqui, mais do que em qualquer outra parte, resalta a influencia de Eça de Queiroz sobre o autor da *Capital Federal.* E si muitas vezes Anselmo lembra o Raposo da *Reliquia*, não é menos verdade que a historia do mastro com um cartaz annunciando leilão de jumentos no alto do Calvario equivale, em heresia, á celebre reliquia que o mesmo Raposo trouxe da Terra Santa para a tia, em vez de uma corôa de espinhos...

Um formidavel massante o Dr. Gomes !

Nos botequins, na casa de Serapião, em toda parte eil-o a discorrer, com uma eloquencia interminavel, sobre psychologia, litteratura, artes, mythologia, educação, theologia... o diabo ! como uma catadupa a despejar agua, e é muito interessante ouvil-o apostrophar que—"a humanidade é uma redundancia — evolução é synonymo de substituição—não ha progresso, ha aperfeiçoamento !"

Comprehende-se que o escriptor quizesse, pela boca do Dr. Gomes, abrir valvulas ao seu eclectismo,

mas tudo isso tem um ar banal de revista de anno, em que o proprio estylo é sacrificado.

Outra pagina feliz e digna de attenção é essa da rua do Ouvidor observada a differentes horas do dia.

Coelho Netto soube reproduzir com habilidade as diversas nuanças por que passa a celebre arteria fluminense desde as quatro da manhã, quando começa o transito das carroças de verdura e fructas, até meia-noite, quando a Gary dá principio á sua faina de vassourar a cidade.

O cheiro caracteristico e vago da rua do Ouvidor a certas horas não lhe escapou á pituitaria.

Muito curiosa essa descripção.

A's quatro da manhã a rua do Ouvidor "cheira a curraes e a hortas, a pão quente e a artigos de fundo."

A's seis "cheira acremente a matadouro e a salsugem."

Mais tarde "tresanda a lixo..."

A's seis e meia "ha um cheiro estranho de maresia, de sabonete Windsor e de bocejos."

— " O primitivo cheiro vae desapparecendo e espalha-se um appetitoso aroma de acepipes, um almiscar suave de molhos."

A's dez "cheira a sêdas novas e a camphora— mixto de fumo, de essencias e de guarda-roupa."

Ao meio-dia o cheiro mixto vae subindo...

A's cinco da tarde "...cheira a alguma cousa entre estes dous pólos :—Guerlain e a Sapucaia."

A' noite cheira a comida, como uma casa de pasto.

A' meia noite cheira a poeira...

Finalmente, corôa a obra a descripção de uma caixa de theatro, muitissimo verdadeira. O *petit-monde* dos bastidores surge inquieto e buliçoso, empoado e suarento: ouve-se o ranger dos machinismos, a vozeria dos comparsas, a sineta de aviso e o surdo rumorejar da platéa, lá fóra, por traz do panno...

No meio de toda a balburdia, de toda a confusão, ha um sujeito em trajos de principe que bérra furioso contra uma cabelleira que lhe deram, e vae gritando pelos corredores:—O' Ferreira! O' Ferreira! Vocês viram por ahi o Ferreira?

Abrem-se camarins, fecham-se camarins, uns cantam, outros assobiam, e o tal sujeito vestido de principe, depois de muito tempo, torna a passar bradando pelo Ferreira.

Ahi temos o Coelho Netto naturalista e ironico, photographando a vida sem artificios, hombreando com Aluizio Azevedo na observação microscopica,

Tal é, em summa, a *Capital Federal*, a bella obra que acabo de ler e que produziu-me o effeito de uma curiosa galeria de quadros originaes, caprichosamente esboçados — verdadeiras aquarelas, frescas miniaturas de paizagens do campo e da cidade feitas com muita naturalidade.

Rio, 1894.

## VII

# Em defeza propria

CARTA A' "GAZETA DE NOTICIAS"

*Sr. Redactor:*— No actual momento da vida brazileira parecerá um desproposito ventilar questões que não digam directa ou indirectamente com a politica militante, larga de mais, extraordinariamente bojuda para conter grande numero de sectarios de todos os partidos; e o desproposito, a lembrança extravagante crescerá quando se souber que o assumpto desta carta funde-se todo na obra que, sem estardalhaço nem exageradas pretenções, acabo de publicar : a *Normalista.*

Muito embora. O verdadeiro artista ou homem de letras, vivendo, por força de sua indole, uma vida puramente subjectiva de reflexão e estudo,

lamenta de si para si, no silencio de seu gabinete, as grandes commoções intestinas como esta que o Brazil experimenta ha dous mezes, sem comtudo interromper o fio de suas idéas, nem alterar o seu *modus vivendi*, immiscuindo-se noutro genero de especulações contrarias á sua vocação.

Isso não é ser indifferente ás dôres da patria — é ser coherente com os seus principios e subordinado á sua indole de artista.

Agora mesmo, quando vou traçando estas linhas, ouço bombardeio, tiros surdos ao longe, mas nem por isso abandono a idéa fixa em meu cerebro de continuar a escrever, porque o contrario seria perder o *momento psychologico*, a occasião precisa e inadiavel, em que o espirito, obedecendo a um impulso natural e irresistivel, forte como o que impelle o criminoso para o crime, reclama imperiosamente a transmissão do pensamento para o papel.

Ninguem tem o poder de pensar, a um certo momento de sua vida, uma cousa differente daquella que effectivamente pensa. — E' o Sr. Ramalho Ortigão quem o affirma.

E, de facto, como hei de eu dar attenção ao bombardeio que lá vae troando na bahia, si o meu espirito está completamente absorvido, absolutamente dominado pela idéa de fazer litteratura ?

Assim, pois, V. me relevará a apparente inopportunidade das consederações que se vão ler, feitas de amigo para amigo, em tom de velha intimidade.

Não pretendo fazer a critica do livro, cujo successo, valha a verdade, pode-se dizer extraordinario, nem tão pouco guindar-me a alturas inaccessiveis.

Direi, a proposito da *Normalista*, umas tantas cousas que ha tempos andam-me no espirito.

Quando em Portugal um grupo atrevido e sympathico de moços de talento arvorava triumphalmente, a exemplo do que já se fizera em França, a bandeira revolucionaria do Symbolismo, dando vivas a papá Verlaine, houve, como sempre succede, um grande e estranho reboliço á porta dos cafés onde costumam reunir-se os litteratos e poetas da moda.

Citaram-se nomes até então obscuros, e Alberto de Oliveira, Antonio Nobre, D. João de Castro, Eugenio de Castro, João Barreira e outros vieram á baila, sendo acclamados com abundancia de coração e de cerveja.

Já então corria como cousa decidida a quéda estrondosa do Naturalismo — quéda fatal e necessaria! apostrophavam os inimigos de Zola. — Que estava morto o Naturalismo, diziam ; que Zola não tinha mais cotação no mercado litterario — Zola, o pedante romancista que inventou a sciencia physiologica dos Rougon Macquart—, e, finalmente, que o Symbolismo representava as tendencias mysticas desta pobre e velha humanidade *fin de siècle* para uma nova ordem de cousas nebulosas, ainda não definidas, esboçadas apenas no riso medroso da imberbe geração portugueza.

Aqui, no Brazil, esse movimento não passou despercebido: e logo rebentaram cogumelos á margem da nova corrente; e, como a caracteristica dos revolucionarios era a introducção de vocabulos desconhecidos no idioma patrio, grande foi a procura de diccionarios.

*Lisez, lisez, jeunes gens,*
*lisez les dictionnaires...*

Oh! os Novos, os incomprehendidos, os nephelibatas, os independentes! Estava desmanchada a carangueijola de Zola, de Flaubert, de Daudet, dos Goncourts... de toda essa velha legião de fanaticos da Verdade. Fóra o Naturalismo com as suas tintas *d'après nature*, fóra a sciencia torturada e falsa do romance realista, fogo no documento humano, sombrio e desolador!

A sciencia não resolve o problema da vida, proclamava-se.

E essa crença robusteceu quando mais tarde o Sr. Ramalho Ortigão veio nos communicar tambem pelo *Almanack das Senhoras* a agonia do Naturalismo. Nós não viamos cousa alguma: era preciso que nos abrissem os olhos, que nos mandassem de lá, do estrangeiro, o *menu* litterario, o *mot d'ordre* para o resto do seculo.

Entretanto, ainda havia quem não acreditasse no triumpho das novas idéas. Para que a adhesão fosse completa e absoluta, faltava-nos a palavra

prophetica, o verbo incontestavel de um grande artista unanimemente querido no Brazil. Olhavamos, cheiôs de anciedade, para o outro lado do Atlantico, indecisos, com a penna atrás da orelha, braços cruzados, numa incerteza que nos tirava o somno e torturava o espirito.

Foi então que, uma bella manhã, appareceu nas columnas da *Gazeta* o artigo traçado por Eça de Queiroz, em que o luminoso estylista dos *Maias* surprehende um forte *vento de idealismo* na atmosphera litteraria do Bairro Latino em França.

" A lua das *Meditações* passa outra vez, pallida e meiga, sobre o lago—e o rouxinol e Deus reentram na estrophe ".

A palavra do mestre foi um grito de alarma. Ninguem duvidou mais: o Naturalismo estava morto, bem morto; o leão pujante, que ha tantos annos sustentava uma lucta incrivel contra esse animal cabelludo e seboso que na zoologia litteraria tem o nome de romantismo,— caía, emfim, aniquilado !

*Lisez, lisez, jeunes gens,*
*lisez, les dictionnares...*

Mas, pelo amor de Deus, Sr. redactor, que vem a ser todo esse alarido ?

Agora que a obra excepcional de Zola começa verdadeiramente a sua vida gloriosa, marcando na historia do pensamento humano uma hégira de trabalho e de energia intellectual sem exemplo; agora

que o *Docteur Pascal*, a synthese dessa curiosissima analyse de uma familia no segundo imperio, veio confirmar ainda mais a admiravel envergadura artistica de Zola ; justamente agora é que nos vêm dlzer com uma convicção postiça que "o romance naturalista entrou em franco declinio !"

De modo que um operario intelligente e consciencioso leva toda sua vida a construir pedra por pedra, linha por linha, illuminado por uma fé sublime, um edificio colossal e magestoso para, no fim de contas, vel-o arrazado a golpes de ridiculo,—fragil castello de cartas, que róla a um sopro de criança !

Confessam que Zola é um genio ; admiram-lhe o pulso de athleta, adoram-lhe o estylo incomparavel, cheio de sol, claro e suggestivo como um dia tropical, gabam a calma impassivel com que elle penetra os arcanos do coração humano, desnudando vicios, paixões inconfessaveis, tendencias atavicas... horrores que a gente lê com a alma suspensa e muitas vezes com os olhos em pranto ; coroam-lhe de successo os livros, e depois sustentam que o *Docteur Pascal* foi um *fiasco*, e que "Zola tem em tudo a erudição superficial e facil, que hoje se aprende com a leitura do Larousse ou da Grande Encyclopedia !"

Chega a ser uma perversidade feita de incompetencia e de inveja mal contida,

Zola está hoje quasi abandonado e só em campo —escrevem chronistas anonymos ; como si discipulos augmentassem a gloria do mestre, como si Zola carecesse de esteios para continuar a sua marcha

triumphal, elle o mais forte e independente de todos os escriptores deste seculo, elle que nunca mendigou favores á critica, impondo-se exclusivamente pelo poder maravilhoso do seu talento!

E por que Zola está só?— "Porque o seu processo ja não corresponde ás tendencias mentaes da nova geração..."

Não se concebe maior dislate, nem insistencia mais atrevida.

Daqui a pouco teriamos Zola soletrando a *Cartilha*, com medo á férula da nova geração...

Não vêm que esse pretenso isolamento do grande romancista é o attestado mais eloquente de sua superioridade mental, porque escriptor algum alcançou maiores triumphos, e porque os que tentaram seguir-lhe o rastro distanciaram-se a perder de vista, emquanto elle, sem olhar para traz, firme e resoluto, segue o seu caminho —só, unico!

Mas eu compredendo a intolerancia da critica nephelibata, eu comprehendo a má vontade, a fingida repugnancia dos adeptos da nova escola.

Toda a questão é que elles confundem a moda com a Arte, o que é serio e grandioso com o que é banal e transitorio. Na sua opinião, Eça de Queiroz está velho e *fóra da moda.*

Para elles a Arte é uma especie de fato que a gente veste hoje, novo em folha, saídinho da melhor alfaiataria da rua do Ouvidor, para despir amanhã, simplesmente porque *está fóra da moda.* Tal é a visão artistica dos inimigos do Naturalismo; a sua esthetica

mal consegue, pelos processos de polarisação, distinguir materialmente as côres do prisma newtoniano.

Sem pretender hostilisar uma *escola*, cujos pródromos apenas vão sendo esboçados, vejamos em que se fundam os intitulados symbolistas, os cansados da vida, cujo espirito se abre todo para as nebulosas regiões do sonho—almas torturadas de ideal, que não cabem no mizeravel involucro humano ; estudemos um pouco as tendencias mysticas desse bando de nihilistas de nova especie.

Até agora os effeitos da revolução têm se feito sentir apenas na poesia, não falando nas *Gouaches* de João Barreira e num ou noutro livro de prosa recentemente dado á circulação em Pariz. Refiro-me, está bem visto, aos symbolistas, porque, no meu entender, a bella collecção de Paul Bourget e os romances subjectivos de Pirre Loti constituem generos á parte. E como seria demasiado longo procurar os symptomas das *novas aspirações* em todos os paizes que têm uma litteratura definida, tomemos Portugal para campo das nossas considerações.

A notoria influencia da litteratura portugueza sobre o nosso meio litterario e a velha affinidade que existe entre os dous paizes justificam esta preferencia.

O assumpto offerece these para um largo estudo de psychologia moderna, que eu não me aventuro a tentar.

O que desde logo devo dizer com franqueza é que não acredito na proxima unificação do pensamento

universal sob a influencia decisiva do mysticismo litterario e religioso tão preconisado nestes ultimos tempos.

O renascimento da metaphysica afigura-se-me a renuncia completa de todas as conquistas da verdadeira sciencia, a volta ao obscurantismo, a impotencia do espirito humano, e, portanto, a negação do progresso. Pelo contrario, tudo faz crer que a humanidade cada vez se preoccupa menos com os phenomenos que não lhe tragam proveito immediato.

A existencia de Deus e a immortalidade da alma são problemas eternos e insoluveis—logo, não vale a pena perder tempo com elles. Agora a influencia do espirito sobre os actos da vida, as relações entre o corpo e a alma são phenomenos que começam a ser estudados com grande interesse pelos modernos psychologistas. Em uma palavra, o Naturalismo ganha terreno, alargando os seus processos, generalisando-os. Não existe reacção alguma, o que actualmente se observa é uma consequencia natural dos principios até agora estabelecidos pela sciencia.

Quanto ao symbolismo dos novos poetas, não o comprehendo eu, tal como até agora tem sido manifestado. Em que consiste afinal esse symbolismo tão vago quanto palavroso e absconso ? No emprego esdruxulo de palavras novas representando estados dalma ? Na tendencia exquisita para os themas sacros ? Na estranha combinação de sons formando phrases sem sentido ?

Ninguem contesta o talento original e pujante da pleiade portugueza, a cuja frente eu destaco a figura sombria, quasi tetrica, de Antonio Nobre, amortalhada numa nevoa de infinita melancolia; cara de agouro retratando um temperamento de peninsular consumido pela febre da Arte. *Só*, esse livro de doente, esse poema de agonias, quente e rubro como uma golfada de sangue, soluçado talvez em crises de naufrago abandonado nas praias do desespero..., *Só* é um trabalho commovente, que fica vibrando muito tempo na alma de quem o lê, como a musica de um stradivarius medieval.

Mas infelizmente a obra de Antonio Nobre não póder ser comprehendida por todos, e esse, me parece, é o destino dos livros congeneres.

Para que a obra d'arte perdure é condição essencial que ella seja comprehendida pelo povo. O grande merecimento das obras de Garrett está justamente nesse cunho popular que o glorioso simplista portuguez sabia imprimir nellas. Todo o seu empenho era falar ao coração e ao animo do povo. Elle mesmo nos disse as suas convicções a este respeito: "Este é um seculo democratico: tudo o que se fizer ha de ser pelo povo e com o povo... ou não se faz!"

Essa aristocracia, que se pretende crear na arte, não consultando a intellectualidade da maioria, redunda num monopolio odioso e incoherente. Odioso, porque o artista que se destaca do sentir popular, da alma dos simples por um zelo calculado e vaidoso,

não consegue senão provocar a antipathia geral; incoherente, porque a verdadeira Arte é a expressão natural e espontanea da verdade, e desde que o artista sacrifica este principio, soberano e eterno, por amor de ephemeras conquistas, elle contradiz a sua indole e deixa de ser sincero.

Si o livro de Antonio Nobre, esse extraordinario conjunto de bellezas inéditas, fosse escripto em prosa fluida e espontanea ou em versos menos torturados, com certeza colheria logo o *unanime e empolgante successo a que tinha direito*, na expressão de Alberto de Oliveira.

O mesmo se poderá notar com respeito ás *Gouaches*.

João Barreira é um artista que dispõe de recursos invejaveis e de um bellissimo temperamento de naturalista *rafiné*,

Sente-se nessas paginas estranhamente compactas o atropello de um espirito forte agarrado á fórma, debatendo-se numa ancia de aguia presa.

Causa vertigem a leitura desses *estudos* incompletos que se chamam *Dialogo outomnal*, *Perfis amigos*, *A rosacea da capella gothica*... Não me lembro de ter visto nunca uma tão abundante profusão de côres combinando-se como em um vistoso fogo de artificio: verdadeira sarabanda de *manchas languidas de folhagem exhausta*, *de agonias do azul*, *de azul de gangrena*, *e poentes ensanguentados*, *e explosões esfarrapadas do rubro*... E' symbolico de mais tudo isto para o espirito ingenuo do povo.

Barreira arrisca-se a ficar incomprehendido, como Nobre, se insistir nos mesmos processos.

Todos, emfim, têm muito talento e são adoraveis para nós, que intimamente os comprehendemos; todos merecem as nossas sympathias ; mas...

E neste *mas* vae todo meu pensamento.

Emquanto elles não se resolverem a falar ao povo, emquanto elles não abandonarem essa "liturgia scenographica de *bric-à-brac* deliquescente, armada com imagens gastas de cliché, já tantas e tantas vezes reproduzidas" (*) eu preferirei o naturalismo sadío e vigoroso, limpido e sereno, retratando a vida, fazendo-nos chorar agora com Germinie Lacerteux ou com Gervaise, para nos fazer rir, depois, com o conselheiro Acacio, de Eça, ou com o Jesus-Christo, de Zola.

Admiro (por que não hei de admirar?) essa febre ardente que impulsiona os novos para as terras inexploradas da Colchida symbolista, para um mundo bizarro e assombroso de ouro e pedrarías nunca vistas. Mas eu não seria capaz de transigir com as minhas convicções unicamente prra os acompanhar nessa arriscada odysséa.

Sempre me pronunciei contra o antigo veso de querer se dividir a Arte em escolas, segundo a feição nova de cada artista, demarcando limites ao talento dos que surgem. Si fossemos classificar todos os pintores desde Raphael, nunca mais acabariamos a

(*) Expressão de Guerra Junqueiro a proposito do *Livro de Aglais.*

lista das escolas e isto sem o menor proveito para a pintura.

Tanto o artista como a sua obra devem ser estudados á luz do criterio scientifico, pelo prisma da verdade, sem outra preoccupação que não a de determinar a intensidade do poder creador daquelle e a caracteristica de sua esthesia. O contrario seria perder tempo e cansar o espirito inutilmente.

E' o caso da *Normalista.*

A imprensa fez-lhe inteira justiça collocando-o ao lado dos bons romances nacionaes? Não serei eu quem o diga. Como, porém, a arvore do symbolismo estendeu até nós as suas ramificações, uma folha houve, honesta e de grande tiragem, que enxergou no livro uma simples reproducção de velhos processos, hoje *fóra de moda,* emprestando-lhe feições *libidinosas,* e, por conseguinte, nocivas á moralidade social.

Além disto o noticiarista aconselha ao autor que "nos conte o que viu, o que presenciou e não o que leu ou o que aprendeu".

Ora, nestas palavras de uma simplicidade primitiva, transparece, clara, uma insinuação rebuscada e de todo ponto injusta.

E' muito possivel que o meu senso esthetico, si o tenho, haja comprehendido mal de maneira a não descobrir as *scenas libidinosas* de que fala o contemporaneo.

Sou contra a libidinagem litteraria e não perdoaria nunca o escriptor que me viesse, por amor do

escandalo, descrever scenas immoraes, episodios eroticos a titulo de naturalismo.

Mas, vamos : é preciso não confundir a verdade flagrante e necessaria, reproduzida naturalmente, sem intuitos dissolventes, com a patifaria rasa, que dóe nos ouvidos e faz saltar o sangue á face da burguezia.

Zola, por maior que seja o numero de seus inimigos, não é um romancista immoral.

O proprio burguez, falto de argucia philosophica, lê os romances do mestre a principio talvez com certos receios, mas, logo com um enthusiasmo crescente, e, ao cabo da leitura, sente-se bem humorado, como si saísse de um banho fresco ; reconhece que lucrou alguma cousa e que tudo aquillo é de uma sinceridade edificante !

Immoral porque reproduz a esterqueira humana, porque descreve magistralmente as fatalidades organicas de uma familia de bebedos e mentecaptos e porque narra os amores incestuosos de um velho sabio que se chama o Dr. Pascal ?

Mas todo esse trabalho é de uma belleza incomparavel e de uma verdade esmagadora.

Nada mais desolador, nada mais estupido que o homem visto através de um tratado de physiologia, e comtudo Claude Bernard era um professor honesto e a sua obra ha de ser consultada com amor emquanto existir a sciencia.

Eu desejaria que me apontassem as scenas libidinosas da *Normalista*, singela narrativa de um

escandalo de provincia, muito natural e muito sóbria de commentarios, desenrolando-se de principio a fim com firmeza de observação, levemente penumbrada de um pessimismo ironico e sincero, que está no meu proprio temperamento.

O esqueleto do livro, o assumpto principal que constitue a parte dramatica, é muito simples.

João da Matta, um amanuense que se intitula pensador livre, sujeito devasso para quem a familia é uma questão secundaria na vida da sociedade, João da Matta abusa de Maria do Carmo, sua afilhada, rapariga muito nova e ingenua, de uma excepcional brandura de caracter, educada numa casa de caridade e depois normalista, a qual, em determinado momento psycho-physiologico, influenciada irresistivelmente por circumstancias poderosas, mais fortes que a sua vontade, entrega-se ao padrinho toda inteira com uma submissão tocante de sêr irresponsavel.

Esta é a scena capital do livro, a cumieira do edificio.

Ora, tratando-se do defloramento ou da deshonra de uma rapariga como Maria do Carmo, dotada de todos os encantos possiveis, não seria para admirar que eu carregasse nas tintas de minha paleta, offerecendo um quadro vivo, excitante e rebelaisiano, ao gosto do rapazio livre. Entretanto, leal aos meus principios de honestidade litteraria, preferi dar o simples esboço da scena, que se desenha em traços rapidos, natural e commovente, sem *parti-pris* licencioso.

Poder-se-ia transcrever toda essa pagina em qualquer folha, sem receio de desacatar a tradicional moralidade publica. Não ha ahi o menor vislumbre de pornographia, uma palavra sequer impropria ou bregeira, capaz de "exaltar meninas mal educadas ou collegiaes de mãos suadas". Todo o livro é escripto na mesma linguagem simples e commedida, no mesmo estylo que procurei tornar fluente e diaphano. Onde, pois, as scenas libidinosas a que allude o casto noticiarista ?

Crueza de analyse, isto encontra-se numa ou noutra pagina onde se fez necessario o estudo de caracteres, como, logo no principio do romance, quando Maria do Carmo pede instrucções á sua amiga Lydia Campello sobre tal ou tal episodio do *Primo Basilio*, que ambas lêm juntas no banheiro da viuva, ou como na entrevista da mesma Lydia com o guarda-livros, á porta de D. Amanda, fóra de horas, quando Loureiro adianta-se um pouco nos seus enthusiasmos pela Campellinho ; cruezas necessarias ao desenvolvimento da obra e que não offendem a pudicicia do seculo.

Si a *Normalista* é um livro immoral, cuja circulação deve limitar-se a um certo e determinado grupo de leitores, então o que direi dos romances naturalistas de Aluizio Azevedo ? Que não devem ter entrada sequer nas bibliothecas publicas ? Neste caso, e com muito mais forte razão, a *Carne*, de Julio Ribeiro, deveria ser queimado solemnemente perante um conselho de jesuitas...

E' a eterna questão que levou *Madame Bovary* aos tribunaes, *Madame Bovary*, esse *codigo da nova arte*, segundo Zola.

A critica finge ignorar uma cousa: que todo escriptor naturalista, verdadeiramente digno desse nome, admitte que o injuriem por todos os modos, comtanto que o não chamem de immoral.

Nenhum epitheto fere tanto a honestidade daquelles que trabalham pela Arte.

A outra insinuação da folha quotidiana, que nega originalidade ao romance, surprehendeu-me devéras. Aconselhar a um escriptor que diga o que viu e presenciou, e não o que leu e aprendeu, importa dizer que esse escriptor é um simples copista de trabalbos alheios e, portanto, sem individualidade propria, direi quasi, sem talento. Absolutamente não foi este o juizo da imprensa sobre o livro em questão. Quando digo da imprensa, refiro-me á maioria dos jornaes que se occuparam da *Normalista*.

Não me consta que se tenha escripto em parte alguma um romance de *costumes cearenses* observado e verdadeiro como este, em cujas paginas vibra forte e caniculante o sol do norte e onde a vida de um povo é descripta com alguma precisão.

Para quem não conhece o Ceará e nunca pisou as legendarias terras de Iracema, tudo aquillo parecerá inverosimil e rebuscado. Os outros, porém, aquelles que viram de perto a vida cearense, desde as camadas inferiores da população indigente, que emigra dos sertões no tempo das sêccas, até o burguez

independente, que affecta aristocracia e bom gosto; esses hão de reconhecer a verdade dos factos que se desdobram no romance.

Aluizio Azevedo, cujos processos differem dos meus não foi mais escrupuloso nem menos cruel quando pintou a vida fluminense nas paginas admiraveis da *Casa de Pensão* e do *Cortiço*, onde pullula uma multidão de parasitas da sociedade, confundindo-se, palpitando, como na realidade, aos olhos do leitor. Compare-se qualquer destes livros com a *Normalista* e ver-se-ha que, sendo ambos naturalistas, differem, comtudo, na essencia como na fórma.

O proprio *Mulato*, que tambem é um romance de provincia, nenhuma semelhança tem com a *Normalista.*

Anna Rosa e Maria do Carmo, Raymundo, o amante daquella, e João da Matta, o seductor desta, são typos distinctos vivendo em meios differentes.

Entende a *Semana* do Sr. Valentim que o assumpto deste romance é uma FICELLE *já gasta.* De accôrdo. Mas que é a vida senão uma reproducção continua e eterna de factos?

Flaubert, o bom e grande Flaubert formulava assim o seu idéal litterario: — *Tout a été dit avant nous, nous n'avons qu'à redire les mêmes choses, dans une forme plus belle, si c'est possible.*

Qual é, de resto, o assumpto do *Primo Basilio?* Um adulterio, thema debatidissimo, antigo como o mundo, e, no emtanto, sempre novo e interessante quando visto através do temperamento de um

verdadeiro artista. Sendo o assumpto de *Madame Bovary* igualmente o adulterio, poder-se-ia negar originalidade a Eça de Queiroz ?

Demais, essa questão do assumpto é toda secundaria para o romancista moderno.

Precisamos ser mais justos na apreciação dos livros nacionaes. A litteratura brazileira conta pouquissimos cultores do romance, genero difficil na verdade, exigindo, em primeiro logar, uma perfeita e elevada concepção da vida e da Arte, qualidade esta que não é facil encontrar entre os nossos escriptores mais applaudidos.

A critica, si critica existe entre nós, deve ser independente e escrupulosa quando emittir seus conceitos. Por que o Symbolismo está em moda em alguns paizes da Europa, não segue-se que seja a unica escola verdadeira. Si a questão é de escolas, então devemos reconhecer que o Naturalismo, isto é, a escola da verdade, continúa na sua marcha triumphal, levantando estatuas a Balzac, a Stendhal, a Flaubert, aos Goucourt, a Zola, a Daudet, a Maupassant... Immoraes ou não o seculo os admira.

A *Normalista* (repito) é um livro sincero e trabalhado ; vale mil vezes mais que toda essa inutil e palavrosa bambochata litteraria que ahi anda pelos jornaes.

Rio, 1893.

# VIII

## Fialho de Almeida (*)

Dentre as pouquissimas obras que Portugal nos tem mandado ultimamente, resalta com brilhos de novidade encantadora esse livro perfumado e raro, de um exotismo adoravel, que se intitula o *Paiz das Uvas.*

Todo elle é um hymno pantheístico á vida sôlta do campo, um grande hymno em prosa original com uns tons quasi imperceptiveis de elegia melancolisando existencias obscuras e longes de paizagem morta....

Creio que vem dahi o titulo, a julgar mesmo pela symphonia de abertura, essa extraordinaria

---

(*) *No Paiz das Uvas*

saudação á natureza, á primavera, ás flores — bella e suggestiva como uma egloga virgiliana.

Fialho de Almeida tem a rara qualidade de ser um escriptor inconfundivel, um caracter perfeitamente excepcional na litteratura contemporanea, absconso ás vezes, nem sempre claro, mas nunca reflexo e trivial : impõe-se pelas audacias de seu estylo fogoso, pelas aureas colorações de sua prosa scintillante. A' paizagem portugueza, elle a descreve com alma de poeta lyrico, a vida bucolica tem a seus olhos um delicioso encanto de lenda primitiva ; pelo menos é esta a impressão que nos deixam seus contos.

"— A nossa vida moderna, diz elle, reclama uma religião mais alegre e contemporanea dos nossos ligeiros costumes, que nos divirta como uma opera, e faça embevecer como um museu — deusas núas e triumphantes, mythologias aladas, mais animalidade e mais seiva, desde a fórma expansiva do ephebo bebedo, té aos grandes festins flamengos do Olympo...."

A religião que Fialho deseja ver implantada na sociedade moderna, é a religião da natureza, a perpetua alegria universal das flores e das almas num convivio biblico, paradisiaco. Bello sonho, na verdade, sonho de poeta lyrico vibrando estrophes contra a civilisação, a maldita civilisação que transforma os homens em escravos da lei e dos preconceitos, e que era e desespero de Flaubert- No *Paiz das Uvas*, como na *Cidade do Vicio*, o que surprehende logo é

justamente esse ideal de liberdade primitiva, objectivando-se em contos de um sensualismo nervoso e desassombrado. Por vezes a fantasia toma logar á realidade, e — borboleta de ouro — atravessa os campos de flôr em flôr, doudejando sempre, a nos lembrar que a primavera ahi vem rebentando em rosas, por montes e valles, ou que está para chegar o verão cheio de luz, radioso e quente...

Ha, sobretudo, um conto neste livro, que é um primor de observação e de psychologia. Tenho idéa de o haver lido primeiramente na *Revista de Portugal* com o titulo — *O Caixão*. Denomina-se agora *Trez cadaveres*. E' a simples e commovente historia de uma rapariga que abandona a casa paterna com o fim de se unir ao amante — pobre rapaz carpinteiro—, e que, depois, atirada ao despreso, morre tisica num hospital de segunda ordem ; essa historia, porém, adoravelmente singela, é narrada com uma fidelidade espantosa, e ninguem ha que, lendo-a, deixe de reconhecer em Fialho de Almeida um profundo conhecedor da alma humana, sabendo, como Eça de Queiroz, todos os segredos da psychologia sentimental. O delicioso poeta lyrico da *Symphonia da Primavera* é, ao mesmo tempo, um naturalista eximio, e neste conto, os *Trez cadaveres*, mais que em qualquer outro, elle revelou em alta dóse seu poder de observação.

Martha (é o nome da rapariga) deixa-se apaixonar pelo carpinteiro, e, um bello dia, foge de casa para a companhia delle ; mas o rapaz, lá um bello dia, farta-se e, por sua vez, a abandona. Ella,

coitada, sem arrimo de especie alguma, lembra-se do pae e desse máo bairro da cidade, " donde o sol se retira apenas nasce, e de cujos predios súa ainda agora a immundicie das judiarias medievaes. " Lembra-se do pae e resolve-se a procural-o. Pobre Martha! O velho recebe-a com um safanão :

— Rua ! Si tornas aqui, deito-te pela escada, mato-te !

Ella, então, vae soluçando, soluçando por ali abaixo, como uma desgraçada.

— De que viveremos nós ? pergunta ao irmão.

E o irmão :

— Ora essa ! Do meu trabalho, do teu. Já que o pae te não quer, que se governe. Então eu havia de te deixar por ahi ?

Começa a tragedia. O escriptor acompanha Martha, sem a deixar um instante, noite e dia ; registra os primeiros symptomas da molestia, as primeiras hemoptises, as febres, os suores debilitantes... Moravam juntos, ella e o irmão, " nos forros de um grande predio, por cujos buracos se via o Tejo e um bocado dos montes da Outra Banda... " O pae teima em não a querer mais, recusa-a sem pre, apesar de todos os soffrimentos que iam purificando a infeliz rapariga. O proprio irmão já não a póde soccorrer, porque foi-se-lhe o ultimo vintem.

Martha entra no hospital.

Todo esse capitulo é obra d'arte notavel, tão notavel quanto a descripção da morte de Luiza no *Primo Basilio* e da de Germinie no primoroso romance dos

Goncourt. A verdade ahi salta aos olhos como uma onda de luz forte. Chegam os ultimos momentos dessa creatura infeliz, cuja existencia evaporou-se rapida num abandono pungente.

" A terrivel hora approxima-se emtanto. Succediam-se estados de torpor cortados por vastas afflicções, arquejos, spasmos... E os irmãos todos os dias vinham espreitar na pobre tisica os prenuncios dessa pavorosissima noite sem alvorada nem luar, de que a religião embalde tenta esclarecer os homens com a lanterna duma chimerica immortalidade.

.............................................

" Era uma vespera de ferias, quando Martha morreu.

" Os ultimos dias do outono sorriam na amarelidão dolorosa das arvores... "

Depois vem um triste episodio, uma lutuosa historia de— *Panno famoso, 22 jardas...*

E' o caso que havia no hospital um estudante de medicina ( João da Graça ) que cuidava da rapariga e que pretendia ter achado em Martha um caso igual ao do *Noivado do Sepulchro*, de Soares de Passos. Comprehende-se logo que João da Graça era um romantico perigoso. Encheu-se de amores pela desolada creatura e, depois, quiz, por força, amortalhal-a com as suas proprias mãos. " Deixara de hesitar na escolha da roupa. Desenrolou o vestido, estendeu aos pés da cama o par de meias bordadas, e, uma a uma, começou de alisar as flores da grinalda de rosas, que o embrulho machucara pelo caminho. E tirando um

pente do bolso, com mil cautelas, para que o não surprehendessem naquella tarefa materna, entrou a pentear-lhe os cabellos, docemente, madeixa a madeixa, desempeçando com arte os tufos rebeldes, como si, estando ella dormindo, qualquer empuxão, por ligeiro, lhe pudesse arrancar gritos de dôr. Nenhuma mãe vestindo o filho que acaba de esmorecer-lhe nos braços : nenhuma noiva espargindo geranios e cravos sobre o cadaver do noivo, puderam jamais desenvolver tanta delicadeza, mimo tanto, como esse romanesco moço no preparar com humildes vestuarios o corpo fenecido da creatura que nem sequer conhecera fresca e radiosa ! "

Bem estudado esse typo ! Toda a gente parece ter conhecido um João da Graça, rapazinho magro, sumído, recitando ao piano o *Noivado do Sepulchro...* Fialho esqueceu dizer que o estudante tocava flauta nas horas d'ocio. Não sei porque, acho-o mais completo, mais bem acabado que o escrevente de Eça de Queiroz no *Crime do Padre Amaro.*

Elle representa uma geração inteira chafurdando-se no velho romantismo litterario e sentimental cuja expressão mais completa ficou sendo, em lingua portugueza, o *Noivado do Sepulchro.* João da Graça com todos os seus dengues, com toda a sua unctuosa ternura de mulher histerica, entra nos casos de intoxicação litteraria.

Mas vamos ao— *Panno famoso, 22 jardas...*

Martha, a bôa rapariga, está prompta para a derradeira viagem: sáia bordada, vestido de musselina

com mangas curtas, um poucochinho decotado, sapatinhos de sêda, luvas.... Approxima-se o caixão "oblongo, coberto de sarja azul com pequenos galões lateraes, uma cruz de lhama branca sobre o dorso."

O estudante assiste resignadamente aos ultimos preparos.

"E quando, emfim, os dous homens se ergueram, ajoelhou-se elle para compor a grinalda, que pendera, e atar-lhe as mãos com uma fita. Porém a sua sensibilidade estancava-se; fazia já tudo machinalmente; por fim— só os olhos fixavam no forro de panninho do caixão, a rubrica da peça donde elle tinha sido tirado, e que, em letras azues, dizia— *Panno famoso, 22 jardas, Manchester*, a um canto. Em pensamento o pobre rapaz repetia aquillo muitas vezes :—*Panno famoso, 22 jardas*... com uma monotonia lugubre e idiota"...

Esta observação de uma naturalidade flagrante, engastada no episodio mais triste do conto, exprime admiravelmente o estado de uma alma que soffre pela eterna ausencia de outra alma querida, e é, ao mesmo tempo, a synthese de uma existencia obscura de miseria, como a de Martha. Succumbido pela dôr que lhe vinha do cadaver da rapariga, João da Graça cravara os olhos na impassibilidade material e fria daquelle rotulo profundamente ignobil, que ninguem tivera o cuidado de occultar, e repetia sempre, até cair sobre elle a ultima pá de terra:—*Panno famoso, 22 jardas*... como si estas palavras encerrassem um grande e tenebroso mysterio !

Flue assim todo o conto, logicamente, sem truc nem asperezas de estylo. Eu, por mim, não duvidaria classifical-o entre as mais bellas obras do espirito portuguez. Só o autor do *Primo Basilio*, em Portugal, era capaz de reprodusir a vida com tanta perfeição.

E, a proposito de Fialho de Almeida, não sei como explicar a indifferença com que são acolhidas no Brazil as obras desse escriptor. E' verdade que o seu ideal artistico, sua fórma recortada e nova, suas audacias de colorista, seu modo original de dizer, estão acima da intelligencia commum ; mas isto não é razão, pelo amor de Deus ! Os nephelibatas portuguezes são muito mais incomprehensiveis, e no emtanto quasi toda a gente os conhece.

Fialho merece bem o nosso enthusiasmo. Que lá, em Lisboa, não o aceitem como escriptor de talento original, vá, porque a sua penna tem desmascarado muita hypocrisia, acendendo as coleras de uma geração inimiga de caracteres independentes como o do autor da *Vida Ironica.* Nós outros, porém, devemos admiral-o através das paginas luminosas da *Cidade do Vicio* e do *Paiz das Uvas*, onde o artista se revela primoroso e delicado.

Rio, 1894.

## IX

# Praga

Já uma vez me occupei de Coelho Netto, accentuando, em ligeira analyse, os caracteres que o distinguem como escriptor ; agora torno a elle, cheio de admiração, maravilhado por essa obra de mestre, essencialmente brazileira, que é um consolo e um orgulho para os que amam a Arte e vêm, com bons olhos, as cousas deste paiz.

Refiro-me á *Praga*.

O facto de ser o novo trabalho do autor da *Capital Federal* simples novella, a descripção de um triste episodio de romance, não lhe tira o valor de obra d'arte que é.

Uma litteratura não se define pela quantidade de producções, mas pela intensidade artistica, pelo que ella encerra de original e bello. *Praga* é uma novella, mas uma novella fóra da linha commum, desdobrada com arte, sentida e vibrante, onde fulguram clarões vivos de tragedia shakspeareana, arrebatando-nos para um mundo selvagem de animalidade grosseira e de remorsos incriveis.

Admiravelmente fecundo e imaginoso, bello, quando não vae a explorar lendas e theogonias orientaes num enlevo de fetiche pelas extravagancias de Gautier, Coelho Netto acaba de pôr em evidencia o que eu já disse a respeito de suas tendencias artisticas, falseadas aqui e ali por um *dilettantismo* que Bourget acharia justificavel e até honroso si se tratasse de Ernest Renan...

Essas tendencias, revelou-as elle agora, e de modo positivo, na *Praga*, ensaiando um romance brazileiro, em que palpita a alma do povo rude, a alma do sertanejo, escravo embora, falando-nos a verdadeira linguagem humana e dizendo as alegrias e as tristezas desse vasto mundo ignorado que se espreguiça entre montanhas e florestas, debaixo de um sol africano, ou á luz de incomparavel luar.

O resultado não podia ser melhor.

Este volumesinho bastaria para, com firmeza, se estudar o temperamento litterario do autor, cuja faculdade inventiva chega a ser prodigiosa, absorvendo todas as outras, mysticando-nos como a força hypnotica de um agente suggestivo, — o que

não quer dizer que fique sendo a obra definitiva e mais bella de Coelho Netto.

A verdadeira caracteristica desse escriptor, ninguem a deve procurar nas *Rhapsodias*, nem na *Capital Federal*, sob pena de cair em grosseiro erro se psychologia artistica.

Ella aqui está, nas cento e quinze paginas que eu acabo de ler, mais flagrantes que uma auto-biographia.

Debalde o Naturalismo quiz banir a imaginação da obra d'arte. Zola mesmo, apezar da sinceridade com que formulava suas theorias, não pôde nunca dispensar o auxilio dessa força dominadora, que é como o sol dourando a realidade asquerosa da vida. Mas, assim como uma obra copiada exactamente do mundo real, tornar-se-ia monotona, repugnando ao senso esthetico e a todos os principios da Arte, do mesmo modo qualquer romance, poema ou drama, que não encerrasse uma observação da realidade, um facto qualquer de ordem moral ou physiologica, perderia todo interesse, caindo tambem na monotonia. Verdade e imaginação completam-se ; esta é para aquella o que a alma é para o corpo ; dessa harmoniosa combinação resultam effeitos que só o talento do verdadeiro artista sabe prever.

Em Coelho Netto a faculdade inventiva domina todas as outras, e é por isso que, prosador, elle será sempre um poeta encantado com as bellas historias de amor, extasiando-se de ver a natureza florir nos dias limpidos, voltando o rosto ás miserias da cidade,

fechando ouvidos ao brouhaha continuo das ruas... A paisagem faz-lhe bem á retina de colorista e á alma de poeta.

Os mais bellos trechos da *Praga* são exactamente as descripções de logares pittorescos e de aspectos suggestivos. Cabem-lhe as palavras de Lemaitre sobre Alphonse Daudet : " *Son originalité, c'est d'unir étroitment l'observation et la fantasie de dégager du vrai tout ce qu'il contient d'invraisemblable et de surprenant, de contenter, du même coup, les lecteurs de M. Cherbulliez e les lecteurs de M. Zola, d'écrire des romans qui sont en même temp réalistes et romanesques.*

Nem sempre a harmonia é completa no escriptor da *Praga* : a imaginação, expandindo-se em vôos largos, arroja-se, por ventura, muito alto para ser comprehendida pelos que não têm o mesmo folego ou o mesmo poder ascencional...

Tomemos o exemplo de Raymundo neste livro. O cafuso, que a principio encontramos victima do cholera, " golfando bilis, repuxado de ancia " mata a velha Dina, sua mãe, por uma questão de dinheiro, e, cheio de assombro com essa lembrança horrivel, inda fraco da molestia, pensa, irresistivelmente, nas magras feições da bruxa. Apodera-se delle o remorso; visões espectraes enchem-lhe a alma.

" De pé, no meio do quarto, semi-nú, arrastando o lençol branco, tiritava gelado, suando frio, como si estivesse sobre um campo de neve fustigado por um vento glacial. Sentia uma estranha sensação de abandono, como si, de quando em quando, um pouco

de sua alma fugisse. O terror crispava-o interiormente, como si o seu espirito tremesse : corriam, coriscavam fremitos de tetano. "

E' longa demais a descripção, ainda que bellissima, para a reproduzirmos aqui. Raymundo sae pelo campo, alucinado, *ouvindo* barulho de ossos que se chocam, *vendo* o fantasma da velha Dina perseguindo-o sempre. Corre "pela vertente abaixo, nú, crispado, indomito, com uma velocidade de energumeno, arrastando a ossada tranco a tranco pelas pedras..."

O caso de alucinação é perfeitamente conhecido e lembra o episodio mythologico de Pentheu perseguido pelas Furias. O grande pintor francez Charles Gleyre explorou o assumpto numa téla famosa que se acha no museu de Baziléa (Suissa), representando Pentheu nú, fugindo á ira das bacchantes.

A imaginação do escriptor brazileiro ganha o sonho e tira delle paginas assombrosas, onde a belleza do estylo faz esquecer exageros de analyse e inverosimilhanças compromettedoras. O naturalismo parnasiano de Coelho Netto como que se etherisa dando logar a esse pesadelo sombrio e vertiginoso de uma alma damnada pelo remorso, e que, em summa, é um bello pretexto de poeta que ama Shakspeare e larga-se para a região do bello-horrivel em busca de originalidades. Kaleidoscopo magico, o talento desse escriptor offerece nuanças variadissimas ; elle sente-se livre, muito a seu gosto, respirando a atmosphera casta do sonho, embora o criminem por isso. Como Daudet, possue o mysterio

de agradar a todo os paladares, sem cair na baixa especulação litteraria. Não é um artista rebelde, victimado pela doença do seculo, na procura de um ideal completamente novo, completamente estranho ; mas sabe dizer, num bello estylo caprichoso, as impressões de seu espirito educado.

Si não bastassem as *Rhapsodias*, esse rico livro de estréa, e a *Capital Federal*, para tornal-o querido em nosso paiz, ahi tinhamos a *Praga*, essa narrativa duplamente notavel, quer como trabalho artistico, quer como romance indigena.

Como é bem feito, como fala á nossa alma de brazileiros esse final do pesadelo de Raymundo, essa deliciosa madrugada sertaneja que surprehende o negro quasi sem forças na lucta contra o duende !

" A paisagem esclarecia-se .... O rio era como uma larga estrada de crystal por entre os cajueiros.., Garças alvissimas, juntas em grupo, partiam com um rumor de asas que se abriam esplendidamente claras e subiam, subiam em demanda dos ares, muito brancas, como uma leva de pequeninos anjos ... O céo, para o occidente, meio encardido pela bruma, ia aos poucos tomando o seu azul fulgurante .... "

Ha uma passagem neste livrinho, que vale um poema, sem exagero ; ao menos assim o entendo. Para comprehendel-a bem, para se poder avaliar a felicidade com que ella foi escripta, faz-se mister que se tenha viajado no sertão, ou que se tenha nascido na provincia, nalguma cidade remota, perto da natureza agreste. Refiro-me a uma simples observação,

mas uma observação de mestre, subtilissima, que a muitos passaria despercebida. E', nessa manhã, quando vae passando a boiada, e depois que os boiadeiros cantam um estribilho ingenuo, o grito *"ôooh!"* echoando pelas quebradas. Simplesmente isso. Entretanto, nada mais verdadeiro e profundamente nostalgico. No meio da frescura matinal que poreja da terra orvalhada, e no silencio mysterioso da campina onde acaba de passar um vento de desgraça, aquelle grito vibrando longe, de serra em serra, vago e inimitavel, é como a chave de ouro da narrativa ; é o grito selvagem dos boiadeiros e do gado, que se confunde á voz da propria natureza saudando o alvorecer, bemdizendo a vida que recomeça.

"No azul, o sol vencia o seu curso triumphal. Vinham chegando tropas sertanejas e pela estrada de santa Cruz, fulgida e lisa, ao trote das alimarias carregadas, um doce villancico, quasi elegiaco, de tão triste, acordava o silencio.... "

E acaba a novella, deixando uma suave e melancolica impressão de lenda.

Uma cousa, porém, me desgosta, na *Praga* e em quasi todos os escriptos de Coelho Netto : o amaneirado inutil da adjetivação, o emprego desnecessario e mesmo anti-esthetico de vocabulos raros, cuja presença nem sempre dá mais força e belleza á expressão, tornando-a, pelo contrario, vaga e prosaica.

Os grande escriptores, na maioria, jogam com palavras que o povo entende sem ir ao diccionario, combinando-as artisticamente, de modo a exprimirem,

nem mais nem menos, o verdadeiro pensamento, a idéa, como ella foi concebida.

O que torturava Flaubert, Jules de Goucourt e Maupassant, não era a preoccupação banal dos neologismos fulgurantes, a phrase complicada, embora sem harmonia; era o estylo simples e natural, a forma correcta e suggestiva, o termo exacto, preciso, unico capaz de exprimir, com o maximo rigor, tal ou tal idéa.

Não é o caso do escriptor brazileiro, em quem reconheço qualidades originaes. Coelho Netto faz questão de palavras que estejam completamente fóra do uso commum.

Diria sem escrupulo —*floreo rudimento* (*Notas e ficções* de Affonso Celso) em vez de botão de flor, ou qualquer outra coisa identica... Não serei eu quem o admire por isso.

Outras vezes caem-lhe da penna expressões infelizes como "susurro surdo", "movimento tacito" "socego tacito", que não soam bem a ouvidos delicados.

Em tudo mais é elle um verdadeiro prosador, e dos que honram a litteratura nacional. Seria impeccavel si não abusasse do seu bello talento escrevendo *pochades au jour le jour*...

Rio, 1894.

# X

## Musset e os Novos

A caprichosa e trêfega mocidade de hoje não vê com olhos meigos o busto glorioso de Alfred de Musset, cuja memoria, no emtanto, resplandece ainda e brilhará por muitos seculos, maravilhando gerações e gerações de artistas e profanos como a inextinguivel claridade do sol; desdenha-o quasi, franzindo-lhe a testa numa arrogancia muda de sphinge. A mocidade, quero dizer, os novos, os recemchegados, os que despontam agora cheios de fé, com a alma num desafogo estrepitoso de horda invasora, clamando novas idéas, nova arte, fórma nova!

A esses é que eu me refiro.

Já uma vez disse e outra vez accentuo: não pertenço á grei revolucionaria dos que entendem arrasar tudo para reconstruir em falso alicerce; a selecção definitiva irá se fazendo naturalmente com o evoluir dos annos. Muita gente que, ha bem pouco tempo, acreditava na immortalidade de Victor Hugo, aperta os labios hoje numa expressão de duvida, emquanto outros, que o não viam com bons olhos, pensam que ainda é cedo para julgar em ultima instancia a obra paradoxal desse retumbante octogenario que insultava imperadores e *posava* para se fazer retratar.

Não é obra séria a que procura demolir a um golpe de vista, sem causa formada, como não é admiravel que um individuo qualquer puxe a aba da casaca ao primeiro transeunte honesto que fôr passando. Nunca deixou de haver irresponsaveis aqui, nem no paiz mais obscuro da Africa. Outra cousa é demonstrar a incompetencia ou a nullidade de um escriptor.

No Rio de Janeiro, para onde convergem todos os que ambicionam um posto na galeria dos escriptores nacionaes, a luta pela gloria não é uma luta séria, honesta, com todos os visos de lealdade e franqueza; pelo contrario, é um medonho *fervet opus* de intrigas e pequeninas vaidades, uma agua-suja (o termo exprime bem) de perfidias que se não explicam, uma enxurrada de odios que muita vez degeneram no desforço pessoal e na bengalada.

Dahi a anarchia litteraria, a falta de orientação e de estudo, o menospreço da propria dignidade intellectual e... o estacionamento.

Não nos basta deprimir os contemporaneos, vamos até á irreverencia para com os mortos e aquelles que, deixando a vida, legaram-nos alguma cousa perfeita e duradoura — versos que se não esquecem ou paginas que não morrerão.

Depois que appareceram os "decadistas" e depois que se inventaram as côres das vogaes, as brochuras de capa branca em pergaminho, e a orthographia positivista não ha mais homens celebres na Historia: tudo uns *velhos*, uns fosseis, uns nullos, desde Homero, que não previu os requintes do nosso seculo, até Musset, o pobre Musset, o querido de outrora, que ainda hontem, neste mesmo seculo, foi dormir o somno derradeiro entre as casuarinas do Père-Lachaise, na visinhança de Balzac...

O deus, por emquanto, é Baudelaire, deus omnipotente, fóra do qual nenhuma limpidez, nenhuma perfeição: Baudelaire, o Grande, o Immortal, o Divino, o Mysterioso!...

E por que?

Porque as *Flores do mal*, não as entende o povo rude; porque o extraordinario poeta foi, é e será sempre o escolhido, o artista dos raros, o privilegiado dos deuses — nectar subtilissimo que não chega para labios profanos!

Musset, ao contrario, escrevia para todo mundo, era logo comprehendido e todos viam nelle o poeta do amor, o grande interprete do coração humano.

Em que um é inferior ao outro?

Ninguem mais independente, mais original, mais audacioso que o poeta de *Rolla* com toda a melancolia de seus versos; e, a insistirmos no parallelo, direi que este vence aquelle na espontaneidade assombrosa, no colorido vivissimo e extravagante da idéa. Tudo o que lhe saiu da penna, brotou-lhe do coração, e o que elle sentiu sentimos todos ao lel-o ; as suas canções vibram num rythmo blandicioso e estranho de musica ideal, evocando imagens que todo a gente reconhece e adora. Ficou celebre a *Ballade à la lune* em que o estribilho

*La lune*
*Comme un point sur un — I*

é de uma graça incomparavel.

Que bizarra delicadesa nestes versos da mesma poesia :

*Comme un ours à la chaine,*
*Toujours sous tes yeux,*
*Se traine*
*L'océan monstroueux.*

Os seus poemas têm a brusca selvageria de blasphemias ; fluem ás vezes numa linguagem revoltada e quente de poemas barbaros. *Rolla* é uma imprecação distilando lagrimas.

Aristocrata, herdeiro de um nome respeitavel na sociedade franceza, Musset quebrou todos os laços

que o prendiam a essa mesma sociedade, atirando-lhe em rosto aquelles versos flammejantes de indignação, a proposito da amante de Jacques :

*Vous ne la plaignez pas, vous, femmes de ce monde!*
*Vous qui vivez gaiment dans une horreur profonde*
*De tout ce qui n'est pas riche et gai comme vous !*
*Vous ne la plaignez pas, vous, mères de familles,*
*Qui poussez les verrous aux portes de vos filles,*
*Et cachez un amant sous le lit de l'époux !*

Que maior arrojo esperar de um poeta bafejado pela nobreza e pela fortuna ?

Nunca se leram versos mais commovidos e mais humanamente verdadeiros. Por menos que isto Byron foi repudiado pelo *high-life* inglez que o expatriou com o seu odio.

Mas, de repente, volta a serenidade do poeta, e eil-o que põe á boca de Rolla a deliciosa invocação :

*Vous qui volez là-bas, légères hirondelles,*
*Dites-moi, dites-moi, pourquoi vais-je mourir ?*
*Oh ! l'affreux suicide ! oh ! si j'avais des ailes,*
*Par ce beau ciel si pur je voudrais les ouvrir !*

E era um moço de vinte e trez annos que fazia estes versos tão humanos como aquella tragica historia de Werther que ha de ser sempre lida.

Incontestavelmente a philosophia satanica de Voltaire influiu em Musset, como mais tarde no

proprio Baudelaire. Outra cousa não significam estes versos do poema :

*Voilà pourtant ton œuvre, Arouet, voilà l'homme*
*Tel que tu l'as voulu........................*

Não ha razão para esse feudalismo baudelaireano. E' tão grande um como o outro, sendo que o autor das *Flores do mal* teve a felicidade de vir alguns annos depois de Musset. Com effeito é um soberbo livro aquelle, um livro *unico ;* mas dahi não se segue que as obras de Musset lhe sejam inferiores.

As escolas desaparecem, ficam as obras ; amanhã, quem sabe ? outro poeta virá, outro genio com idéas novas, com uma fórma absolutamente original ; mas nem por isso Baudelaire será esquecido.

O barulho vem de uma questão secundaria ; clamam os novos que Baudelaire escreveu unicamente para meia duzia de genios como elle.

O povo, a grande familia humana, é zero em cousas d'arte, não penetra a basilica sagrada onde só têm entrada os celebrantes do ritual symbolista.

Mas, vamos ! póde-se muito bem ser um artista rarissimo, com os mais bellos predicados de espirito e accessivel ao entendimento do povo. A larga comprehensão da verdadeira Arte, da Arte sem systemas, da Arte universal, tinha-a Musset numa escala superior.

O proprio Baudelaire não é tão metaphysico como parece aos novos; a sua arte, sendo original, tem

alguma cousa do velho ideal romantico. A sua esthetica filia-se á de Poë, tanto assim que entre as *regras eternas*, (palavras textuaes) de sua vida uma o demonstra: *Faire tous les matins ma prière à Dieu, reservoir de toute force et de toute justice, à mon père, à Mariette et à Poë comme intercesseurs: les prier de* COMMUNIQUER LA FORCE NECESSAIRE...

Admittamos que houvesse uma perfeita ou quasi perfeita irmandade de espirito entre o sombrio americano dos *Contos extraordinarios* e o seu magnifico traductor; o que ninguem nega é que Baudelaire tivesse a obsessão de Poë. A influencia é clara.

No emtanto, si fossemos procurar uma origem para Musset, não a encontrariamos, talvez, senão dentro delle mesmo, nas suas dores e na sua libertinagem.

As *Confessions d'un enfant du siècle* o retratam admiravelmente: genio trêfego e malicioso, ora cheio de ternuras, cantando a estrophe immortal do amor e da volupia, ora rebelde á existencia, gargalhando ironias de sceptico e debochado que era. Nenhuma discordancia entre a obra e o autor.

Bem analysados os dois, Musset e Baudelaire, vê-se que não são em tudo genios oppostos; ha como que uma semelhança fundamental, certa paridade de caracteres que os approxima um do outro, fazendo que ambos mereçam igualmente a admiração da mocidade e da critica.

Sainte-Beuve, grande amigo de Baudelaire, a quem dava o tratamento familiar de *mon cher enfant*,

reconhece em Musset um dos primeiros poetas deste seculo.

O mais é *parti pris* ou falta de criterio.

No *Salon* de 1836 Musset deixou archivadas as suas idéas sobre a Arte, de maneira franca e intuitiva :— "A primeira condição de uma obra d'arte é que ella agrade ao povo, a segunda que agrade aos entendidos. Toda a producção que attingir um destes dois fins é obra de talento. *Mas o verdadeiro talento, o talento duravel é o que simultaneamente attingir os dois fins.*"

Ora, isto não póde agradar ao symbolismo dos novos, que apenas visa o acanhado triumpho sobre uma pequena fracção do genero humano ; triumpho incompleto que não é exactamente o que se chama — a Gloria. Esta não póde ser senão absoluta.

O progresso tem exigencias, quem o nega ?

O poeta que hoje viesse com um poema mythologico á antiga, cantando em versos brancos a nudez de Venus e tudo o mais que referem as lendas do paganismo grego, morreria, talvez, numa silenciosa obscuridade.

O Classismo, que tantas obras primas deixou, foi-se com os deuses ; voltar a elle seria menoscabar o gosto moderno e as modernas tendencias dos espiritos.

O Romantismo (não comprehendendo bem a significação do vocabulo applicado aos poetas), o Romantismo deu logar aos naturalistas, e, antes mesmo que Zola tenha desaparecido, fala-se á boca cheia no

triumpho completo do Mysticismo— a santa escola, o refugio das almas impeccaveis que andam a sonhar em *vias lacteas* e *santas Irias* e *flos sanctorum* e numa immortalidade vaga e precoce...

Nenhum poeta que se preza invoca hoje a lua em seus poemas ; a velha confidente dos namorados passou o sceptro á Via-lactea.

A Arte mesmo como que se vae transformando numa colossal nebulosa ; producção artistica em que não haja certa religiosidade benefica e acariciadora morre ao nascer.

Explicar todos esses caprichos da Evolução é o que me parece baldado.

Ler hoje uma obra litteraria—verso ou prosa—equivale a ir á missa, ouvir um sermão quaresmal, rezar uma ladainha. E, é preciso que se note, o anjo caído, Satan, expulsou do templo os vendilhões, que eram os padres, e celébra tambem seus officios *divinos.*

Qual, então, o verdadeiro caminho que conduz á immortalidade ?

A critica emmudece e fica-se a olhar para a anarchia intellectual deste fim de seculo tão contraditorio e nebuloso.

Shakspeare, Dante, Gœthe, Byron, Musset, os grandes e obscuros poetas do Oriente — legião fantastica de deuses — reunidos em apotheóse, não valem o genio maravilhoso de Baudelaire !

A mocidade, embriagada pelo opio das *Flores do mal*, já não os admira, não os ama.

E é assim que de anno em anno se fazem as revoluções litterarias. A Arte e a moda confundem-se num lamentavel exclusivismo.

Felizes os que se não deixam arrebatar pela suggestão do momento e vão para adiante, calmos, confiados no valor proprio e na força impulsiva do trabalho.

Rio, 1895.

## XI

# Uma estréa ruidosa

Diz um conceito antigo, attribuido a Horacio, que— *poetas por poetas sejam lidos.* Não é má a lembrança e eu calaria qualquer juizo em contrario, si não pretendesse falar de um poeta. Guardadas as opiniões, quer dos antigos, quer dos modernos, entendo, de mim para mim, que não é condição essencial conviver com as musas para julgar um livro de versos. Basta que se saiba distinguir o bom alexandrino do máo alexandrino, um endecasylabo correcto de um endecasylabo errado, e que se tenha um systhema nervoso prompto a receber impressões delicadas ; basta que não falte senso commum e a necessaria educação da vista e do ouvido, para

poder se julgar com tal ou qual firmeza um quadro de Raphael ou um terceto do Dante.

O sentimento do bello é innato no homem. Não ha individuo, por mais imbecil, que não cruze os braços, estatelado, ante uma aurora boreal ou uma esplendida noite de luar nos tropicos. O bello entra pelos olhos, quer se trate de um africano selvagem, quer se trate de um pariziense educado.

Na verdade, esse sentimento é mais ou menos intenso, conforme o gráo de cultura intellectual de cada um. Quanto mais se illustra, se aperfeiçoa, mais o instincto do bello se desenvolve, a ponto de transformar um trovador inculto num poeta consumado, um rabiscador de paisagens num artista provecto.

Casimiro de Abreu, por exemplo, na sua adolescencia de poeta, ainda sem cultivo litterario, alheio a certos moldes da poesia do seu tempo,— natureza excessivamente delicada, alma contemplativa, doentía mesmo,— sabia fazer versos admiraveis de ingenuidade e lyrismo. A proporção que se ia tornando homem, ao passo que se foi educando, mais correctos iam lhe saindo os versos, bem que menos originaes. O que seria elle hoje é facil de presumir.

Não quero com isto affirmar que todo homem nasce poeta,— absolutamente não ; mas, todo homem nasce com o instincto do bello ; desenvolvido esse instincto, mais accentuado em alguns, o individuo, si não fôr um mentecapto, póde tornar-se um verdadeiro artista. E' questão de *meio*, de tempo e de orientação.

Não é muito, pois, que eu, profano da poesia, venha falar de um poeta.

Ha muito que era esperado o primeiro livro de Antonio Salles, já porque o poeta gosa de muitas sympathias entre nós, já porque a imprensa indigena tem-se occupado delle em termos os mais espalhafatosos.

Depois que se inventou a *réclame*, o pregão á americana que faz dum algueire um cavalleiro, não ha mais ninguem obscuro no mundo.

Antonio Salles comprehendeu que o indifferentismo publico só se vence á força de zabumba e tratou de aproveitar os amigos.

Esses, honra lhes seja, não se fizeram rogar, e bimbalharam por toda parte, apregoando aos quatro ventos o apparecimento dos *Versos Diversos*, o grande e laborioso parto litterario,—*le succès du jour !*

Afinal vem o livro, eil-o penetrando todas as casas, invadindo todos os aposentos, figurando nas bibliothecas, e a esta hora não ha quem o não tenha folheado.

Antonio Salles era até então conhecido, mesmo no Rio de Janeiro, como um "rapaz modesto, despretencioso, sem a cultura intellectual que se adquire nas academias..."

Vejamos agora os *Versos Diversos*, pondo de parte a má escolha do titulo.

Perdôe-me o poeta, mas eu não o considero *impeccavel*, correcto até á perfeição, e capaz de

figurar, honrosamente, com Olavo Bilac e Raymundo Corrêa. Seus admiradores o perdem á força de tanto elogio. Incontestavelmente, de todos os poetas provincianos, é elle o mais correcto e o mais inspirado. Torna-se, porém, muito affectado, e, ás vezes muito banal, quando se submette a influencias estranhas, deixando-se facilmente impressionar por outros poetas. Ha muita belleza, muito soneto bem feito, muita imagem feliz no seu livro de estréa: encontram-se nelle poesias delicadissimas, de um calor vivificante, a par de outras que bem podiam ter ficado na pasta.

Entre os poetas que mais preponderaram no animo de A. Salles destacam-se Guerra Junqueiro, Gonçalves Dias, José Bonifacio e Castro Alves, sendo para notar que Olavo Bilac, Raymundo Corrêa e até Guimarães Junior o impressionaram de alguma fórma.

Antonio Salles não tem necessidade de nivelar-se com certos individuos audaciosos, cuja existencia carece da sombra, ou da luz, como quizerem, de outros, sem a qual ser-lhes-ia impossivel a vida. Ninguem ignora, porém, quão desastrada tem sido a influencia de G. Junqueiro no espirito indisciplinado da mocidade brazileira. Junqueiro é para nós o unico poeta moderno de incontestavel merecimento.

Forte mania!

O extraordinario poeta portuguez é realmente genial e soube fazer-se atirando para longe as vestes tradicionaes da poesia e manifestando seu genio

assombroso através de uma fórma toda nova, revestindo de esplendidas roupagens seus poemas revolucionarios, onde os alexandrinos flammejam como vergastas de fogo.

Si é difficil fazer o mesmo sem o imitar, quebrem-se as cordas da lyra e pendurem-na ao fundo de qualquer caverna escura, á moda Ossian; mas, por amor de Deus, não plagiem, não reproduzam Guerra Junqueiro.

O autor da *Velhice do Padre Eterno* na sua grandiosa obra de demolição e reconstrucção, arrasta, máo grado seu, muito artista aproveitavel.

Antonio Salles não escapou de todo á influencia.

Muitas de suas poesias trazem o cunho da musa irrequieta de Junqueiro.

Nadá se me affigura tão escabroso como falar de um poeta que estréa. Porque para isto não basta abrir o livro e citar meia duzia de poesias, accrescentando outra meia duzia de phrases louvaminheiras, que nenhuma significação podem ter. Antes de qualquer juizo cumpre observar circumstancias que não devem ser despresadas : a idade e o temperamento do poeta, o meio em que elle produziu os seus versos, as suas tendencias, os autores que mais influiram nelle... O meu fim, porém, é outro. Deixo á critica erudita a analyse philosophica, o estudo minucioso das qualidades intimas do poeta nortista ; apenas irei registrando, por alto, as impressões que me produziu a leitura de sua obra.

Antonio Salles é um excellente rimador, conhece tanto como qualquer dos nossos poetas mais dignos deste nome a arte do verso, o mecanismo musical das syllabas, todos os segredos da metrica e da rima; e si a poesia consistisse unicamente no arranjo de hemistichios e de rimas sonoras, ninguem mais do que elle teria direito a uma consagração immediata. Falta-lhe, porém, uma qualidade essencial,—a originalidade, e é por isto que ainda não póde marchar ao lado de Bilac e de Raymundo Corrêa, poetas que se revelaram mais do que simples *faiseurs*, impondo-se aquelle pelo lyrismo caracteristico e ingenito de sua alma e este pela profundeza de suas concepções. Em Antonio Salles o que predomina é o subjectivismo lamuriento da velha poesia brazileira, já tanta vez explorado. Hoje, para que a poesia valha alguma cousa, é preciso que não tenha sido repisada por quanto mocinho imberbe deseja um logar no pantheon das glorias nacionaes. E' tão largo o campo da Poesia, é tão grande a Arte! Para que reproduzir o que já foi dito por vinte gerações?

A vida até aos vinte annos é uma serie de miragens côr de rosa que se succedem constantemente. Essas illusões, o poeta irá perdendo-as á proporção que fôr convivendo com os homens. O tempo é o melhor mestre para os que não sabem ver claro a realidade das cousas.

Na poesia *Vice-Versa*, por exemplo, transparece uma dóze bem soffrivel de mysticismo langoroso. O poeta narra que a namorada de sua alma já o não

contempla como dantes ; trocam-se os papeis : elle é quem *baixa os olhos enleiado.*

Ha nesta poesia certo *tic* improprio de um rapaz de vinte annos, mas em todo caso admissivel num poeta que estréa.

Quem disse a verdade foi o Sr. José Carlos, prefaciador do livro : a musa do poeta não conhece os vicios da civilisação, ainda está *habituada a corar.* Uma innocente ! Pena é que não se deixasse ficar pelos sertões ao contacto da mãe Natureza, á cata de borboletas...

No soneto *A Garça* a ingenuidade do autor se revela palpitante. O poeta desmente o Sr. J. Carlos, confessando que não é de todo um santo no seguinte terceto :

> — *Garça !— ês a imagem da creança pura*
> *Que inda ousa vir sobre* MINH'ALMA ESCURA
> *Roçar as brancas azas divinaes.—*

Não me compete, porém, canonisar, nem condemnar ás chammas eternas quem quer que seja.

Retrocedamos e vejamos sinceramente si não é verdade que Antonio Salles deixou-se impressionar por leituras de autores nossos conhecidos velhos.

Junqueiro é o seu predilecto.

A maneira de dizer deste lembra muitas vezes a daquelle, sem haver, comtudo, identidade algebrica de expressões.

Assim, na poesia *Ao luar :*

*Emtanto as rubras rosas*, IMPUDENTES
FILHAS DO AMOR,— REPLETAS DE DESEJO...

Abra-se agora a popularissima MORTE DE D. JOÃO,
e ver-se-á, na poesia *A Guitarra de D. João* :

.......Em vólta as *Messalinas*
*repletas de cognac*.......

O exemplo não é tão frisante como na poesia
*A volta das andorinhas:*

*Do céo qual duma* TAÇA AZUL DE PORCELANA
VOLTADA PARA NÓS......................

A mesma figura foi empregada com mais energia
não só por Junqueiro, mas tambem pelo brazileiro
Castro Alves.

Vide o poema citado :— *A noite dos Amores* :

*A noite era de Abril; o céo era profundo*
COMO CONCHA DE LUZ VOLTADA SOBRE O MUNDO...

E as ESPUMAS FLUCTUANTES, na poesia *Sub Tegmine Fagi* :

*Não vês?... Do céo a cupola azulada*
COMO UMA TAÇA SOBRE NÓS VOLTADA...

A coincidencia está clara como agua cristalina.

E assim muitas outras em que A. Salles revela-se discipulo do poeta portuguez.

Quem não vê nó soneto *Retrato incompleto* alguma cousa do *Retrato*, de José Bonifacio ?

O paulista, depois de esgotar as tintas da sua admiravel paleta e todos os recursos de sua prodigiosa imaginação, exclama por fim, atirando para o lado o pincel de artista, num desespero sublime :

*..................que mão ousada !*
*Pintar de noite o levantar da aurora !...*

E o cearense, num arroubo de pintor a quem faltam tintas, exclama tambem :

*....Não ! Deixo de mão a empreza !*
*Deslumbra-me essa luz ! Perdoa-me a fraqueza ;*
*Mas não posso, Senhora, olhar a fito o sol...*

Diz aquelle :

*Inclina o rosto um pouco... assim... assim...*

Este diz :

*Senta-te junto a mim. Vou começar agora.*

Diz o primeiro :

*Ergue a ponta do pé .....*

E o outro :

*Agora os olhos.............*

Continuam assim, no mesmo tom, até se confessarem, como vimos, incapazes de tão engenhosa tarefa, qual a de tirar o retrato á bem amada.

Não vale a pena transcrever integralmente os dois sonetos.

Depois que Raymundo Corrêa, o poeta mysantropo, escreveu aquelle extraordinario poema que toda a gente conhece sob o titulo *As Pombas* e que tão grande fama alcançou no mundo litterario brazileiro, não houve poeta que o não tentasse imitar. O proprio Sr. Medeiros de Albuquerque não poude resistir ao prurído de imitar as *Pombas* e fêl-o com habilidade no seu lindo soneto *Illusões*, dos PECCADOS.

Antonio Salles tambem julgou-se capaz de fazer igual gymnastica e atirou-nos com *A Uma Arvore.*

E si, nas *Pombas*, os sonhos

*No azul da adolescencia as azas soltam...*
*Fogem... Mas aos pombaes as pombas voltam*
*E elles aos corações não voltam mais.*

E si, no soneto de Medeiros de Albuquerque, as illusões

*Chegam... Ancoram·nalma um só instante:*
*Logo, as vêlas abrindo, amplas, ao vento,*
*Fogem p'ra longes solidões remotas...*

Antonio Salles, comparando seus sonhos com as folhas de uma arvore que se reveste, escreve :

*Dia por dia tufam-se mais bellas :*
*Mas, meus sonhos, que foram-se com ellas,*
*Embalde espero-os : não voltarão mais!*

Eu disse a principio, e repito : A. Salles não raro torna-se banal, quando diz: *vagas de luz repletas de harmonia ; negridão radiante ; orgias de sons e luz; o carnaúbal erguia a verde mão; alma transparente;* e tantas outras phrases ôcas, retumbantes, sem nexo, vasias de significação, verdadeiros fogos de artificio.

Entretanto, e nisto vae grande elogio ao poeta, em todo o livro deparei apenas dois versos frouxos, um dos quaes errado.

Na poesia *O Lenço*, que abre o livro, lê-se :

*Foi com as tranças dormir no sapatinho...*

O primeiro hemistichio seria correctissimo si o poeta houvesse escripto *co'as tranças*, em vez de *com as tranças*. Parece que a ecktlipse empregada neste caso daria mais força ao verso, tornando-o muito mais fluente, mais sonoro, visto como o accento deixaria a voz nasal da preposição e passaria ao artigo, de modo que, em vez de duas syllabas, *com* e *as*, teriamos uma unicamente *co'as*,—syllaba euphonica, bem entendido.

O outro verso a que me refiro é o seguinte:

*Por ver que tu me fugiste do peito...*

Um aleijão. Não sei mesmo como escapou o monstrengo. Estou certo de que foi cochilo dos typographos.

O poeta escreveu certamente:

*Por ver que tu fugiste-me do peito...*

que é, ainda, um attentado á grammatica.

Sou dos que não admittem, sob pretexto algum, escola em poesia. O poeta deve ter plena liberdade de cantar o que bem lhe aprouver, no tom que achar melhor. A questão é que elle saiba commover.

Na minha opinião a poesia, quer seja lyrica, epica ou dramatica, tem o mesmo valor, uma vez que o poeta seja um Musset, um Dante ou um Shakspeare, isto é, que seja correcto e original.

Antonio Salles é um *parnasiano* ao gosto moderno. Seus versos, em geral, são bem feitos e espontaneos.

A pensar como o Sr. Sylvio Romero, isto é, que *as artes vivem essencialmente pelo prestigio da fórma*, e que *o estylo é quasi tudo em poesia*, dou parabens ao poeta cearense pela brilhante estréa que acaba de fazer no mundo das letras nacionaes.

Mas, por isso mesmo que Antonio Salles só attendeu á fórma, á estructura do verso, esquecendo de

cingir-se á Natureza, é que o seu primeiro livro torna-se monotono.

Acredito que com o tempo deixará de amoldar-se a outros poetas, revelando-se tal qual é subjectivamente.

Juvenal Galeno com ser mais simples não lhe é superior.

As poesias *Chromo*, *Sertão á fóra*, *De vólta do campo*, *Na Villa* e *Madrugada* valem bem mais que muitos dos poemas sertanejos de Galeno.

Em conclusão, lembro-lhe os seguintes conceitos de um critico brazileiro: "O poeta deve ser o que elle é e não deve attender a cathecismos alheios. Deve estar na altura de seu tempo, deve possuir-lhe a intuição geral, mas esta respira-se com o ar da vida, faz parte da atmosphera social, impõe-se por si mesma. Escusado é procural-a. E' uma acquisição quasi inconsciente".

—, 1891.

## XII

# Norte e Sul

Em 1893, ao pisar a terra fluminense de volta dos areiaes nortistas, onde eu fôra beber um pouco de ar provinciano, li com surpresa, na capa de um livro artistico, e em fórma de bandeira revolucionaria, a expressão *Brazil-Sul* num destaque vivo e pretencioso. O autor já eu conhecia como um dos espiritos mais rebeldes da nova geração litteraria ; quanto á obra, não é difficil imaginar a minha soffreguidão ante esse titulo vago, cheirando a incenso, e de uma tão larga suggestividade : *Missal.*

Aquella especie de legenda obrigou-me a uma série de reflexões sobre a velha theoria dos climas

popularisada trinta annos antes de Montesquieu pelo abbade Dubos.

Positivamente Cruz e Souza quiz dividir o Brazil, como já alguem fizera, em duas grandes regiões litterarias : a região norte e a região sul, obedecendo cada uma ás leis especiaes de clima, de topographia e de sociabilidade que caracterisam os paizes e que constituem o *meio*, isto é, o conjuncto de circumstancias capazes de modificar a propria raça. De outro modo não se entenderiam as palavras *Brazil-Sul* collocadas á frente de um livro de arte.

A questão levantada, creio que pela primeira vez, por um nortista, echoou mais tarde no espirito do autor do *Missal* como no de alguns homens de letras, que a procuraram estudar.

Si é verdade, como entenderam muitos escriptores, inclusive Taine, que o artista é um producto do *meio* ; si podemos reconhecer pelo caracter de uma obra que o seu autor é filho de uma zona quente ou de uma zona fria, para que esse aviso desnecessario e odioso— Brazil-Sul ou Brazil-Norte ?

O poeta X..., convencido de que é uma força intellectual capaz de honrar o seu paiz, orgulha-se em ter nascido nos pampas do Rio Grande ; mas o poeta Y..., convencido tambem de que *il y a quelque chose là...*, ostenta garbo em dizer que nasceu debaixo do equador, nas fronteiras do Amazonas. Um e outro, porém, esquecem-se de que o Rio Grande e o Amazonas são Estados brazileiros e de que as suas obras virão a honrar não ao Amazonas e ao Rio Grande,

mas unicamente ao Brazil, a patria commum que elles representam.

Si quizermos a todo transe, por uma vaidade infantil, discutir qual o meio mais proprio á gestação artistica, então demos a palavra á sciencia, que, por sua vez, dará a primasia ao norte, ou melhor ao paiz em que mais temperado fôr o clima.

Uma atmosphera leve, um céo azul e uma paizagem clara, como se observam ordinariamente nas regiões septentrionaes do Brazil, dão força á imaginação, desenvolvem a sensibilidade, proporcionam *estàdos dalma* e uma visão optimista das cousas.

De resto, nem muita luz, nem muita sombra, como na pintura flamenga.

O calor excessivo e o frio excessivo dão em resultado, no primeiro caso, a indolencia do espirito e, portanto, certa incapacidade para as grandes creações estheticas ; no segundo caso a atrophia mental, —feitas as excepções que, em regra, nunca deixaram de existir.

Sem falar no abbade Dubos, cujas *Reflexions sur la poësie et la peinture* Brunetière recommenda aos artistas de hoje como obra essencial, infelizmente rarissima (tanto assim que não encontrei em nenhuma de nossas bibliothecas), devemos acreditar na sinceridade de um espirito como o de Montesquieu. Reconhece o grande philosopho as vantagens do clima quente sobre o clima frio no que respeita ás manifestações intellectuaes, e, a proposito, narra que, tendo ouvido a mesma opera, representada pelos

mesmos actores na Inglaterra e na Italia, enthusiasmou-se mais pela representação nesse ultimo paiz.

*Dans les pays froids* (diz elle) *on aura peu de sensibilité pour les plaisirs ; elle sera plus grande dans les pays temperés ; dans les pays chauds, elle sera extreme.*

Com relação á sensibilidade artistica observa-se o mesmo facto : ella é tanto maior quanto mais proximo ao equador estiver o homem.

Todos os hygienistas do espirito são accordes em sustentar esta doutrina, que, entretanto, me parece exagerada.

Em França a maior parte dos homens illustres nasceram no meio-dia. A Provence é a terra tradicional dos artistas.

Outro argumento em favor de nossa opinião é a Grecia, onde as faculdades do espirito humano attingiram o seu maximo de desenvolvimento na Arte e na sciencia. Diz um autor celebre que ainda hoje somos, não obstante a largueza dos conhecimentos modernos, discipulos de Platão, de Aristoteles e dos poetas e artistas gregos ; e accrescenta, com justa razão, que nos climas quentes e temperados a natureza e a vida prodigalisam os seus thesouros : a imaginação crea livremente, o cerebro não cansa de produzir sob a influencia de um sol ardente, de uma atmosphera pura e luminosa.

Com relação ao Brazil não se póde negar que a zona do norte é mais fecunda em organisações artisticas : de lá é que vem toda a força, todo o prestigio litterario, toda a originalidade.

Comprehende-se a necessidade que têm os escriptores de vir ao Rio de Janeiro completar a educação do espirito. Este facto é commum a nortistas e sulistas, que trazem do solo natal o que se não adquire em parte alguma : o temperamento, a vocação, as tendencias naturaes. Aqui apenas recebem a educação mental definitiva, como uma pedra rara que fosse lapidada numa grande officina.

Quaes os nossos maiores escriptores e poetas ?

José de Alencar, o legitimo creador do romance nacional, espirito independente, artista de uma sensibilidade feminina igual á de Chateaubriand e a dos mais delicados prosadores deste seculo ;

Gonçalves Dias, o grande lyrico inexcedivel na delicadesa do sentimento e da fórma, o poeta nacional por excellencia, muito superior, como poeta e como artista, ao melifluo e terno João de Deus, que é o orgulho da poesia portugueza contemporanea ;

Castro Alves, uma das mais finas organizações artisticas brazileiras, typo do poeta do norte, arrebatado pelos grandes idéaes, e cujo poema *O Navio Negreiro* excede todas as producções dos nossos modernos poetas ;

e, dos contemporaneos :

Aluizio Azevedo, Coelho Netto, Raymundo Corrêa, Araripe Junior, Arthur Azevedo...;

todos nortistas, comprovando, em maioria, a superioridade intellectual de uma zona sobre a outra.

Actualmente os centros litterarios de maior actividade são os de Pernambuco, Ceará e Pará.

Em uma de suas ultimas e adoraveis *cartas familiares de Pariz*, Eça de Queiroz, partindo de Montesquieu no *Espirito das leis*, com escala pelo estadista Fontes Pereira de Mello ( o " nosso Fontes ", como elle espirituosamente chama ), tratou da influencia do clima sobre as sociedades. E naquelle estylo macio e apurado, que todos nós conhecemos, naquella linguagem de ouro fluido, provou que as sociedades vivem melhor e dão melhor conta de sua capacidade physica ou intellectual nos climas temperados.

"No sul (escreve o illustre correspondente) o trabalho é todo feito a cantar, como uma devoção ; no norte o trabalho é feito sombriamente, quasi amargamente, como uma condemnação..."

Isso quanto á Europa, onde o clima do sul corresponde ao do norte brazileiro aproximadamente, segundo as latitudes.

Continuando o seu bello estudo, diz ainda o autor das *cartas familiares* :

"O sól, que tudo allumia, enche tambem de claridade o espirito. Não ha fantasmas interiores. O mundo nitido, repassado de luz, não offerece mysterios, nem terrores."

Exactamente. A luz da athmosphera communica-se ao espirito, abre horizontes á imaginação, e o poeta, e o artista não póde esquivar-se ao trabalho da phrase ou da rima, porque o cerebro lhe está constantemente a reclamar actividade numa grande febre de idealisações e de gloria.

Parece logico, e ninguem ha que deixe de reconhecer, que o habitante da zona torrida, por isso mesmo que vive sob um clima ardente, tem uma visão mais nitida do universo e uma sensibilidade mais impressionavel que a do esquimó ou do canadaense. O calor, accelerando as forças vivas da natureza humana, empresta ao homem certa energia moral, certa pujança de espirito verdadeiramente admiravel, ao contrario do gelo, do frio e das brumas, que produzem uma enervação doentia e grande abatimento dalma, como si pesasse sobre elle uma athmosphera de chumbo.

E' ainda Montesquieu quem reconhece nos filhos da zona torrida... *une penetration singulière, une prompte facilité a saisir toutes les idées et à les rendre avec feu ; la force de combiner, jointe au talent d'observer ; un mélange heureux de toutes les qualités de l'esprit...*

O sul do Brazil não é positivamente uma região fria com todos os caracteres das zonas mais ou menos glaciaes, onde o homem vive subjugado pela natureza, coberto de pelles ou conchegado ás estufas num ascetismo perpetuo. O nosso clima é, em geral, temperado, não obstante as bruscas variações thermometricas a que estão sujeitos alguns Estados do sul ; no norte, porém, essas variações desaparecem para dar logar á uniformidade da temperatura só de muito longe em muito longe alterada pelos invernos regulares, quando elles não faltam.

Por que é que na Europa o espirito de um meridional tem muito mais vivacidade e muito mais delicadezas que o de um laponio ou de um moscovita?

A que se devem as extraordinarias qualidades artisticas do povo italiano?

Procuremos a resposta na theoria dos climas e só ahi a encontraremos.

Falem-me nas tendencias guerreiras do sulista (exigencias da natureza organica) e eu estarei prompto a concordar favoravelmente ao sul. Intellectualmente é que elle não poderá competir com a região opposta.

Os filhos do Rio de Janeiro têm uma vantagem sobre o provinciano: é que nascem no meio da civilisação e logo, em idade precoce, vão adquirindo conhecimentos e maneiras proprias das grandes capitaes e vão se familiarisando, portanto, mais depressa que aquelles, com os processos artisticos dominantes e com as idéas geraes da época.

O filho da provincia, por mais talentoso que seja, hade forçosamente completar a sua educação artistica num circulo maior, onde as suas faculdades possam triumphar em communicação com as boas obras estrangeiras; o talento, porém, esse conserva-se original e vigoroso, sem perder nenhum dos caracteres que o distinguem da intelligencia do meridional.

Si eu pensasse com um ex-professor de mythologia das Bellas-Artes que todo artista deve ser ignorante, obedecendo *exclusivamente* ás tendencias naturaes de seu espirito, ainda assim teria um argumento

a favor do norte. Juvenal Galeno é, no genero popular, o nosso melhor cancioneiro; e, comtudo, o poeta cearense não quiz ficar inteiramente alheio ás manifestações da arte civilisada.

A educação intellectual é tão necessaria quanto a hygiene do corpo. Todos os grandes escriptores e poetas foram homens de cultura superior e de orientação litteraria.

O Rio de Janeiro é o nosso *petit* Paris, o centro da vida nacional, por assim dizer a retorta em que se operam as dymnamisações artisticas; do norte e do sul correm todos para o meio commum em que se estabelece a verdadeira luta pela existencia e pela gloria.

Estou certo de que o autor do *Missal* já se não preoccupa com essa ridicula questão de Brazil-Norte e Brazil-Sul. Elle, que não admitte nacionalidade em arte, commetteu uma heresia pasmosa, carregando a tinta naquelle distico banal á entrada de seu primoroso livro.

Rio, 1894.

## XII

# A Fome

Ha um bom quarto d'hora que tenho suspensa a penna, em attitude circumspecta e religiosa de quem espera uma revelação divina, sem saber o que dizer do novo livro do Sr. Rodolpho Theophilo ; e a minha difficuldade, o meu embaraço, a minha incerteza sobe de ponto ao cogitar eu no modo lisongeiro com que foi acolhida essa obra, na opinião da imprensa a melhor do autor.

Effectivamente, A FOME foi recebida com palmas estrondosas e flores de alambicada rethorica provinciana, não sei si em consideração ao autor ou si em reverencia ao editor.

Uma obra de subido quilate, disse *una voce* a imprensa, uma obra de incontestavel merecimento litterario !

Eu contesto.

Não duvído que A Fome seja a melhor, a mais bem acabada, a mais conscienciosa producção do Sr. Theophilo. Acredito-o piamente, uma vez que a imprensa foi unisona em dizel-o, pois não tenho a honra de conhecer a Historia da Sêcca, nem a Monographia da Mucunã, nem a Botanica Elementar, nem as Sciencias Naturaes em Contos, nem as obscuras Campezinas (versos). Creio, entretanto, que toda essa volumosa bagagem scientifico-litteraria é de pequena importancia, a julgar pela Fome que se diz ser a principal obra do autor.

O que desde já vou affirmando é que o Sr. Theophilo póde ser um cidadão muitissimo trabalhador, um activissimo fabricante de vinho de cajú (que o é), incansavel mesmo nos labores de sua profissão, extremamente amoroso para com a sua terra natal, póde ter todas as qualidades de bom cidadão; mas em tempo algum conseguirá um logar proeminente na litteratura nacional. Falta-lhe certo *quid*, largueza de vistas, orientação e bom gosto, predicados indispensaveis a quem se aventura nesse terreno.

Um assumpto como as sêccas do Ceará, digamos com franqueza, intelligentemente aproveitado por José de Alencar ou por Aluizio Azevedo, fosse como romance, fosse como simples narrativa dramatica, daria, estou certo, paginas admiraveis de estylo

e verdade, emquanto o Sr. Theophilo, que é nortista, que sempre residiu em sua terra, que assistiu *de visu* todas aquellas scenas canibalescas e incriveis de miseria e de fome, não conseguiu dar senão paginas sem estylo, sem arte, sem verdade ás vezes, e eu diria sem interesse, si a grandeza do assumpto, a propria essencia da obra não nos obrigasse a ler todo o livro, pondo de parte sua feição litteraria.

E isto é tanto mais lamentavel quanto Guerra Junqueiro, que nunca veio ao Brazil, escreveu, a proposito da tremenda sêcca de 77, que se tornou legendaria, oito estrophes que valem mil vezes A FOME.

A primeira parte do livro intitulada *Exodo*, titulo que faz lembrar uma das mais bellas scenas da Biblia, —é supportavel até certo ponto. Não tem estylo, mas consegue arrebatar pela verdade dos factos, pelo dramatico dos episodios quasi sempre vivos e interessantes. Na segunda, porém, como que o autor vae perdendo pouco a pouco, sem o saber talvez, grande somma da energia que a principio se observa. Esmaecem as tintas, a imaginação toma o logar á verdade, a linguagem afrouxa-se de maneira sensivel, nota-se o esforço empregado na urdidura dos factos.

Na terceira parte, então, o livro perde todo o interesse, o enredo torna-se frivolo, pueril quasi, insignificante e monotono a ponto de cansar o leitor. Como que o romancista sente-se fatigado depois da longa viagem que faz de pouso em pouso na companhia dos retirantes, e deseja a todo o transe concluir.

Os amores da filha de Freitas com Edmundo, a presença inesperada, sem a minima logica, do Padre Clemente, e muitas outras inverosimilhanças desnaturam a obra, dando-lhe um caracter todo romantico.

Como nos dramalhões decadentes, o Sr. Theophilo, no seu livro, faz triumphar a virtude por meio de tramas falsas e falsas situações. No desfecho, então, a verdade é completamente sacrificada, e faz-nos rir o tom prophetico e imperioso com que o romancista pretende commover e moralisar.

Em theoria ou em phantasia nada mais edificante; a realidade, porém, mormente nas condições em que, por fim, se achou a familia do coronel Freitas, seria outra si outro fosse o romancista.

Sendo o romance o estudo ou a reproducção artistica de uma parte qualquer da sociedade, segundo o ponto de vista em que se colloca o escriptor, para quê esses longos sermões de moral, esses arranjos montepineanos de scenas falsas, que só servem de desequilibrar espiritos juvenis ?

A moral de um romance está no proprio caracter dos personagens, na descripção real dos factos sejam elles quaes forem.

Muita vez o leitor consegue tirar proveito do estudo consciencioso de um individuo repugnante, de um bebedo ou de um assassino.

A moral communica-se indirectamente e insensivelmente, sem que haja necessidade de predicas religiosas e outras *ficelles* de encommenda.

O romancista deve ser logico e coherente, qualidades estas que faltam ao operoso industrial.

Aquelle accordar de Manoel de Freitas, no sertão, depois de uma lucta ingloria contra os rigores da sêcca, que começa forte, nada tem de verdadeiro.

Vejamos. Uma bella manhã Freitas levanta-se mais cêdo que de costume, e, calmo, estupidamente calmo, sem vislumbre de commoção, diz para a mulher : —"Accorda os filhos, reune depois a roupa indispensavel a cada um em uma maca, que vamos deixar esta terra antes de sair o sol."

Chega a ser ridicula esta scena, que deveria ser uma das mais tocantes do livro.

Com que indifferença o honrado pae de familia, o velho Freitas profere aquellas palavras, elle que amava tanto as suas terras, o seu gado, sua mulher e os seus filhos !

Eu, no caso delle, si não perdesse o juizo antes de tomar qualquer resolução, esperaria mais, ainda mais, providenciaria com antécedencia a fim de estar prompto a qualquer tempo, prevenindo-me para o que succedesse, e, ao resolver definitivamente abandonar o sertão com toda a sua inclemencia, com todas as suas desgraças, fal-o-ia succumbido de dôr, porque ali deixava enterradas as minhas esperanças, o meu suor, e as lagrimas bemditas de meus dias de felicidade...

Scena commovedora essa, descripta pela penna de um artista que conhecesse a vida sertaneja!

Mas o Sr. Theophilo não soube penetrar na alma do sertanejo, não soube perscrutar todo o segredo do coração dos simples...

E aquelle retirante que Freitas depara em caminho para a capital cearense, quando anda na matta a explorar a mucunã ?

O Sr. Theophilo empresta ao pobre homem uma linguagem de sabio, polída e technica, certo modo de dizer as cousas, extraordinario num filho do sertão.

Ouçamos o desgraçado retirante a respeito da mucunã :—"...Sua massa era côr de carne, o sabor suave e adocicado, e os tecidos de uma macieza que muito agradava o paladar..." E, assim por diante, o homem fala em *tecidos vegetaes*, como si fosse um doutor diplomado !

Deprehende-se que o Sr. Theophilo ama as exhibições e deseja tambem um logar entre os *illustrados* da terra, suppondo, talvez, que o romance moderno de observação e analyse presta-se a digressões scientificas de qualquer natureza.

Encontra-se á pag. 102 a seguinte descripção, que tambem se encontra nos compendios de physiologia : "O coração que a pouca densidade do sangue, a abundancia de leucolytos tornára irregular e tumultuosa, os affligia com soffrimentos atrozes. A systole e diastole eram incompletas, accelerados os movimentos do motor da circulação, as valvulas, funccionando mal, deixavam refluir em parte a onda sanguinea, já bastante reduzida, determinando a anemia do cerebro..."

Muito bem ; mas quando o leitor quizer saber essas cousas, que afinal não podem ser comprehendidos por toda a gente, vae á verdadeira fonte. Claude Bernard ensina isso maravilhosamente. São outros os intuitos do romancista moderno. Por que não escreve o autor da *Fome* tratados de physiologia e de sciencias naturaes ? Si a sua vocação é a sciencia pura, valia mais a pena enriquecer a bibliographia nacional com obras de sciencia.

O romance é um dos generos mais difficeis em litteratura. Modernamente o romancista precisa de ser um observador perspicaz, um artista consciencioso e um homem illustrado.

Os romances de Zola, por exemplo, são verdadeiros documentos humanos, verdadeiros estudos sociaes, encerrando muitas vezes problemas complicadissimos de physiologia e sociologia. Entretanto, Zola não perde tempo com largas e massantes prelecções scientificas. Diz a cousa como ella é, como ella foi observada, como foi sentida e conforme a verdade scientifica.

Escrever um romance não é somente accumular factos inverosimeis e sem logica. Foi-se o tempo do romance intimo, escripto ao acaso, todo de imaginação.

Em summa, o livro do illustre cearense não deixa de ter seu valor como trabalho de cunho nacional.

—, 1893.

## XIV

# Editores

Incontestavelmente uma das causas que muito influem no animo de nossos escriptores, obringando-os ao recolhimento, á vida obscura de autores inéditos, a uma especie de ascetismo litterario duas vezes prejudicial, roubando-lhes o estimulo e amesquinhando-lhes o talento, é o monopolio, a ganancia, a desenfreada ambição do elemento editor. Não ha por ahi quem desconheça que o escriptor brazileiro, na maioria dos casos, vive tristemente de um misero emprego publico, sem recursos de outra especie, occultando-se da sociedade para não ser visto com os seus trajos de bohemio á força, macambuzio, chorando suas necessidades, alimentando-se mal, contrahindo

favores, emquanto não lhe chega o mingoado subsidio com que vae pagar aos agiotas que o soccorreram durante o mez.

Quando o poeta ou romancista pertence á especie Felippe Dubois, e não se incommoda muito com essa questão de brio ou dignidade litteraria, menos mal: tanto lhe faz que o editor lhe offereça um conto de réis ou um nickel por sua obra; viverá do mesmo modo alegre, feliz, cachimbando a sua indifferença pelos cafés, pela rua do Ouvidor, pelo jornalismo. Todo seu interesse é que o livro seja publicado.

Entretanto, si, ao contrario disso, o escriptor préza a sua individualidade, o seu caracter, o seu amor proprio, nada mais triste, nada mais ridiculo que essa esmola dada misericordiosamente em paga do trabalho intellectual.

Não me tenho em conta de reformador, nem quero estabelecer parallelo entre o Brazil, onde verdadeiramente não existem editores, e a França, cuja litteratura é uma das mais opulentas do mundo. Nesse paiz os escriptores vivem de seus livros, de sua penna, e chegam mesmo a enriquecer, quando a sympathia publica os protege.

Mas, por isso mesmo que entre nós as letras não chegaram ao seu maior gráo de desenvolvimento e o numero de escriptores constitue um algarismo quasi nullo, é que deveriamos exigir muito mais daquelles que se dizem editores. Porque, em summa, qualquer individuo póde, facilmente, encarregar-se da publicação de livros alheios, na certeza de um lucro, si

não fabuloso, bastante para que o seu capital, fraccionado em edições, produza um resultado infallivel e satisfactorio.

Toda a questão é que haja escriptores. O negocio, portanto, não demanda qualidades excepcionaes, e ainda menos grande somma de esforços ; constitue mesmo um ramo de commercio improductivo e commodo. Veja-se agora quão differente é o trabalho da intelligencia miseravelmente pago neste paiz de monopolios. O romancista, por exemplo, o romancista de talento, que não escreve consultando o gosto pulha da burguezia, tem necessidade absoluta de um anno inteiro para fazer sua obra, com especialidade aqui no Brazil, onde a litteratura está longe de ser uma profissão ; e elle, que além de romancista é empregado publico, dispõe de um tempo relativamente escasso ; observa, estuda, medita, consome, emfim, toda sua actividade intellectual, toda sua paixão de artista num labor quasi incessante, renunciando a prazeres, esquecendo interesses pessoaes, fechado, como um asceta, no seu tugurio, no seu gabinete de trabalho : — é um incansavel, muita vez um alucinado, que vae, com o seu nome, honrar as tradições de sua patria.

Depois de tudo isso, orgulhoso da obra que fez, quer publical-a e bate á porta do editor. Este, quando não é um sujeito grosseiro, sem tino commercial, ricaço, a quem tanto faz obter mais uma edição como não obtel-a, recebe-o amavelmente, com um arzinho

de bondosa superioridade, manda-o sentar e passa logo ao assumpto.

O discurso é o mesmo sempre : não ha leitores, além disso o romance não é do genero que "o nosso povo" gosta, e tal, e cousa...

— Mas, olhe que é um bom livro, senhor F...; tem estylo, tem arte, vale a pena...

— O amigo engana-se, diz o outro ; nós editores preferimos ao estylo, á arte, um bom enredo, uma historia de sangue cheia de mysterios, commovente, arrebatadora ! E' disto que o povo gosta, e nós, a respeito de gosto litterario, só conhecemos o do povo.

Continúa o dialogo : o editor apresenta razões em abono de seus escrupulos, razões quasi sempre falsas, inacreditaveis, e o romancista discreteia sobre arte, faz a critica de seu proprio livro, dil-o bom, dil-o magnifico, promette responsabilizar-se pela venda, tudo isso com uma sinceridade admiravel.

Acontece, finalmente, que o escriptor vê-se na dura obrigação de tomar um partido, e, neste caso, ou deixa ficar o livro, porque a miseria o ameaça, ou, instransigente e altivo, prefere guardal-o comsigo e recolher-se á obscuridade. Em qualquer das hypotheses, é claro que só elle tem a perder, elle que trabalhou um anno inteiro, e ás vezes muito mais, elle o artista honesto e incansavel.

Nenhum symbolo exprime tão bem essa febre de lucro, esse furor de riqueza, que accommette a todo editor brazileiro, como a sanguesuga, cujo poder

absorvente não encontra igual na escala zoologica. Em grande parte, elle é responsavel pela nossa miseria litteraria, porque se encarrega de pervérter o gosto publico, editando economicamente babuzeiras a dez tostões o volume.

José de Alencar, Macedo, Bernardo Guimarães, os escriptores que mais produziram em nosso paiz, morreram lastimavelmente pobres, numa quasi indigencia, não que a obra delles ficasse encalhada, por falta de leitores, no fundo poento das livrarias. O autor do *Guarany* ainda é lido com enthusiasmo por muita gente. Morreu pobre, com elementos de fortuna, em consequencia da usuraria especulação de seus editores. Esta é que é a verdade.

Pois si elles, os editores, têm a coragem de offerecer duzentos, trezentos mil réis por uma edição de mil exemplares de qualquer obra litteraria feita a capricho, verdadeiramente boa, em cujas paginas fulgura o talento de um escriptor notavel! — Ah! porque o lucro não é certo: o povo não comprehende obras d'arte...

Sempre o mesmo pretexto, a mesma alicantina; mas o certo é que, si não houvesse probabilidade de se vender o livro, elles não ousavam propor o negocio...

Devia existir um rigoroso tratado litterario, em que os direitos de autor fossem claramente expressos, uma lei severa e positiva, estabelecendo medidas contra a especulação, o abuso e a improbidade commercial dos editores. E' preciso ter soffrido ao menos

uma vez a pressão esmagadora dessa especie de minotauro da Arte para se calcularem os effeitos de sua influencia. Mil vezes a obscuridade, o isolamento inglorio, a inacção litteraria!

Porque editores ha que não se contentam em baratear o trabalho intellectual: julgam-se uma entidade superior e têm um geitinho impagavel de franzir a testa aos homens de espirito, encarando-os com orgulho de nababo do alto de sua independencia.

Todo editor em nosso paiz é, por systema, um "benemerito" um "protector das letras patrias", um "incansavel". A imprensa cobre-o de elogios, mette-o numa roda viva de applausos, toca o buzio da *réclame*, transforma-o numa especie de semi-deus glorioso, aureolado por um clarão de fôfa immortalidade. Por que? Pela simples razão de haver editado qualquer livrinho de versos, que não lhe custou dinheiro, que não lhe deu trabalho, e cuja publicação foi autorisada por uma natural velleidade de poeta bisonho. Eis ahi o grande serviço que "acaba de prestar á litteratura nacional o editor F..."!

Uma occasião, iamos, eu e um amigo, pela rua dos Ourives, quando esse, estacando, e com a voz mysteriosamente sepulchral, chamou a minha attenção para um homemzinho baixo, meio encarquilhado e senil, mas todavia forte e bem disposto, que seguia pela outra calçada.

— Conheces?

— Não; alguma notabilidade?

— Oh, homem! o Garnier, o velho Garnier, o editor Garnier!

E ajuntou com respeito :

— Uma fortuna! Quasi todos os escriptores brazileiros, desde Alencar, têm pago seu tributo ali, ao velho.

E o meu amigo, trocista incorrigivel, entrou a narrar episodios da vida de Garnier, alguns dos quaes me fizeram rir.

Dias depois o bom velho entregava a alma a Deus e um bello dote á familia. Não chorei, porque... porque não tive a minima vontade, como não choraria pela morte do Sr. Seraphim Alves ou de qualquer outro livreiro da rua de S. José, por mais honesto que elle fosse. A melhor qualidade, a grande virtude que exalçava o finado Garnier era ser trabalhador e fazer pela vida honestamente. Ora, isso não é bastante para que um homem seja acclamado e mereça estatua. Quem não trabalha não tem direito á vida. Os serviços que o velho Garnier prestou ás letras, foram largamente, abundantemente recompensados. Que o digam Machado de Assis e Aluizio Azevedo... Como já deixei perceber, vi-o apenas uma vez, de relânce, mas duvído, pelo que sei de suas qualidades mercantis, que elle fosse um homem generoso...

O que eu desejaria encontrar em nosso paiz, era um editor intelligente e sincero, como Charpentier, Lemerre, Guillaume, Chardron e tantas outras notabilidades no genero; um editor que soubesse

comprehender o seu papel, empregando a maior somma de esforços para que triumphasse o talento, a decidida vocação litteraria, a Arte, emfim.

Injustamente accusado de reclamista da casa Charpentier, quando mandava á Russia as fulgurações de sua intelligencia, Émile Zola defendeu-se com altaneira energia, pondo em relevo o real merecimento daquelle editor: — *Eh bien !* (diz elle) *c'est que M. Georges Charpentier a été très intélligent, lorsqu'il a su se les attacher* (os escriptores naturalistas). *Vous dites que je lui fais vne réclame, mais je suis enchanté de la lui faire. Il a eu l'audace de nous grouper, au moment où les portes se fermaient encore devunt nous.* Este elogio equivale a um titulo de gloria, porque, na verdade, ao tempo em que o Naturalismo feria a sua campanha de morte contra a hypocrisia litteraria, foi elle, Charpentier, quem arregimentou Zola, Flaubert, os Goncourt, Daudet, e os outros revolucionarios, em torno de si, á sombra da mesma bandeira; foi elle quem teve a inaudita coragem de os editar primeiramente, sem consultar o gosto da burguezia escandalisada, sem preoccupações de lucro, arriscando-se a um prejuizo enorme, e, por outro lado, á má vontade publica. Zola tinha razões para o elogiar. No fim de contas o resultado foi maravilhoso: as edições de Charpentier reproduziam-se, e a nova geração triumphava duplamente sobre a miseria economica e sobre o romantismo desequilibrado.

Si é verdade que o escriptor não deve sacrificar o seu ideal artistico, produzindo obras de fancaría,

no intuito exclusivo de auferir vantagens pecuniarias. transformando a Arte num grosseiro commercio de livros por encommenda, nivelando-se com o pasquineiro irresponsavel e sem dignidade, cuja unica ambição é ganhar dinheiro, ou com o varegista imbecil, todo entregue á faina de explorar o bolso alheio : — não resta duvida que, por sua vez, o editor deve ser um homem intelligente e honesto, desinteressado até certo ponto, e que saiba distinguir um bom livro, um trabalho original, de uma obra sem valor, manufacturada *à la diable*, feita expressamente para a tolice humana.

Flaubert, por exemplo, um torturado, cuja obra nem todos podem comprehender, o estupendo artista da *Tentation de Saint Antoine* e de *Salammbô*, o visionario da Fórma, nunca se queixou por falta de editor. Quasi todos os seus livros foram editados pela casa Lemerre. Elles ahi andam em magnificas edições ; o povo não os compra, justamente porque os não entende ; entretanto, si esta causa predominasse no espirito de Alphonse Lemerre, talvez *Salammbô* fosse ainda hoje um livro inédito.

O mesmo poderiamos dizer de Poictevin, escriptor quasi desconhecido entre nós e na propria França. Lemerre não o abandona, porque reconhece nelle um bello artista, um discipulo de Flaubert, com a sua feição nova especial.

Isso prova que em França os editores não encaram sómente o lado mercantil, financeiro, da cousa.

Seleccionam, ás vezes com prejuizo de seus interesses, protegem o talento, nobilitam-se perante a sua patria, são verdadeiros benemeritos.

Mas a França é um paiz essencialmente intellectual, argumenta-se.

E' verdade, ia-me esquecendo que estamos no Brazil, onde a profissão de escriptor é a mais desgraçada de todas as profissões. O argumento acordou-me dessa meiga illusão. Estamos no Brazil...

Um conselho, porém, aos moços de talento: não se deixem dominar pela sanguesuga, reajam contra a mystificadora influencia dos editores, porque, ou elles procedem com equidade remunerando a intelligencia dos que trabalham, ou morrem de anemia profunda...

Rio, 1894.

XV

# A Padaria Espiritual

*Fevereiro, 1895.*

Vae para dois annos, meu amigo, que uma forte resolução e uma briza de prosperidade arrancaram-me a esse poetico e delicioso Outeiro, onde, por umas tardes incomparaveis de doçura e quietação, pude escrever as paginas mais verdadeiras e mais sinceras do meu primeiro livro, — esse Outeiro cheio de recordações, plantado d'arvores que falam ao espirito, e donde, a olho nú, se vêm lá baixo, negras de limo, erguidas para o céo, as torres da cathedral, e, do outro lado, as areias côr de ouro da Aldeiota, brilhando por cima da matta, zebradas duma vegetação

langue e sombria como a triste vegetação dos desertos e dos cemiterios. Vae para dois annos...

Daqui do meu pouso actual, tão longe dos "verdes mares", ainda sinto a vaga emoção, meio gostosa, meio amarga, de uma saudade que talvez não acabe nunca, porque foi lá, nesse adorado bairro de lenhadores e jangadeiros, que eu amei, que eu vivi, qne eu soffri..., meigo para os bons, máo para os perversos, pedindo a Deus que me deixasse morrer, velho embora, mas tranquillo, socegado, num abandono de victima orgulhosa, como morreu, tisico e só, entre a mulher e o filho recemnascido, aquelle outro meu visinho em tedios, o Manoel Paiva, junto á imagem do Christo,— elle um impio, elle um renegado...

Aqui estou, no turbulento redomoinho da vida fluminense, muito minha conhecida, trabalhando, escrevendo para os jornaes, ouvindo os rumores das paixões politicas e supportando os editores, até que um dia vá servir de pasto á ganancia do *infinitamente pequeno*... Aqui estou e daqui te escrevo embalado pela nostalgia da minha terra, vendo-a através da distancia, augmentada pela saudade, grande na sua miniatura de povoado risonho que olha para o mar.

Logo se comprehende que uma terra onde quasi não ha agua, porque vive num deslumbramento de luz, não podia ficar sempre na veludosa penumbra dos paizes ignorados.

Perguntas-me, entre curioso e tímido, como é que nasceu a *Padaria Espiritual*. Sei lá! Quem sabe

a verdadeira origem das cousas ? O que desde logo te posso ir dizendo é o seguinte : Aos tantos de maio de 1892, foram ao escriptorio do *Diario*, jornal em que eu trabalhava, dois rapazes (lembra-me bem que um delles trazia pince-nez) convidar-me para fundar uma sociedade litteraria, cujo nome fosse *Padaria Espiritual.*

— Qual o programma ? inquiri depois de estranhar o titulo.

— Isso veremos. A primeira sessão preparatoria realizar-se-á no *Café Java*, ali á praça do Ferreira... Você está designado para escrever uma carta a Guerra Junqueiro.

— Como uma carta a Guerra Junqueiro ?

— O Salles vae se dirigir a Ramalho Ortigão, o Tiburcio a Eça de Queiroz, o Lopes Filho a Antonio Nobre. A você, coube-lhe Guerra Junqueiro.

— Mas... expliquem-se !

— Não é nada : uma ousadia, um escandalo, o que você quizer ! Trate de fazer a correspondencia para ser lida amanhã, no *forno.*

Ri-me, embaraçado, com um ar tôlo.

— Que devo escrever, então ?

— Fale ao Guerra sobre a *Padaria* e diga-lhe que queremos um exemplar da *Morte de D. João*, outro da *Musa em Férias*, outro da *Velhice...*, emfim, um exemplar de cada obra delle para a nossa futura bibliotheca. Uma cousa assim...

Todos nós tinhamos enthusiasmo pela gloriosa constelação portugueza ; recolhemo-nos para meditar

phrases ao Eça, ao Nobre, ao Ramalho, ao Guerra Junqueiro...

Reuniamo-nos á porta do *Café Java*, um kiosquezinho de madeira, cujo proprietario, bom homem, pernostico e folgazão, habituara-se áquellas ingenuas conferencias ao ar livre.

No dia marcado, ahi pelas sete da noite, inaugurou-se publicamente a *Padaria*. Antonio Salles desenrolou o *Programma*, que fez rir muito á burguezia curiosa, e leu a carta a Ramalho, verdadeira *Carta de Hollanda*, no estylo fresco e sadío do autor de *John Bull*.

Tocou-me a vez de ler a carta ao poeta da *Velhice*... Falei nas aguas historicas do Douro e do Tejo ; evoquei o passado, as grandezas da India, a batalha de Aljubarrota ; gabei os alexandrinos da *Morte de D. João* e da *Sêcca do Ceará* ; lembrei "a moleirinha branca, toc, toc, toc...", o "castanheiro morto", e... deram-me palmas !

Só depois, em outra reunião, foram lidas as correspondencias ao Nobre e ao Eça.

Estava, emfim, creada a *Padaria Espiritual*, essa *Padaria* de que hoje se fala até na rua do Ouvidor e a quem o Sr. Affonso Celso dedicou ultimamente o seu *Um Invejado*.

Nem Eça, porém, nem Ramalho, nem Guerra Junqueiro nos mandaram uma respostazinha, uma palavra sequer de animação e cortezia. Incommodou-nos, sobretudo, o silencio de Junqueiro que

anteriormente offerecera o retrato (uma bella photographia) aos estudantes do Lyceu !

Abel Botelho é que nos enviou seus livros acompanhados duma honrosa carta. Foi o unico. Em todo caso já eramos vistos da *outra banda*...

Eis, meu amigo, como nasceu a *Padaria*.

Depois, "uma bella manhã de julho do anno de graça de 1892, o *forno* surgia aos olhos da população do Forte, embandeirado, florído, pimpão e ruidoso..."(*)

Era o primeiro numero d'*O Pão* que saía. Não nos faltava mais nada : estava completa nossa obra revolucionaria.

Entretanto, aquillo já não parece o que dantes era. Vejo e sinto-o.

A *Padaria Espiritual*, cujo nome *hors ligne* tão depressa viajou merecendo applausos de toda a imprensa norte-sul, fazendo-se querida até por poetas e escriptores consagrados, a *Padaria Espiritual* vae decaindo, rolando para o nivel commum. E' hoje uma sociedade litteraria grave, "ajuizada", com uma ponta de officialismo, sem os ideaes doutro tempo, sem aquella orientação nova, sem aquellas audacias que faziam della um exemplo a imitar, alguma cousa superior a um rebanho de ovelhas...

Tiburcio de Freitas, que ainda não quiz estrear definitivamente e que, no emtanto, possue uma forte organisação de artista, veiu para o sul e aqui anda, obscuro e pobre, doudo por um logar de amanuense, ruminando, talvez, alguma grande obra.

(*) *Retrospecto.*

Theophilo Braga, em *As modernas idêas na litteratura portugueza*, fala numa classe de escriptores que " apparecem feitos diante do publico ; a sua elaboração mental (diz elle) faz-se no silencio e no recolhimento do estudo, e só depois que a sua obra attingiu a solidez de uma inabalavel construcção, a atiram a luz, dominando pelo deslumbramento."

Acho-lhe rasão, e, si me não engano, Tiburcio é um desses escriptores ; não tendo ainda chegado a maturidade intellectual, é bem de crer que appareça deslumbrando pela fórma ou por qualquer uma qualidade extraordinaria do seu espirito. Conserva ainda o respeito a Eça de Queiroz, mas prefere as nebulosidades de João Barreira ....

Lopes Filho, mandaram-n'o para o Amazonas, onde andou perdido numa floresta de saudades e nostalgias.

Antonio Salles não é o mesmo poeta dos *Versos Diversos*, fanatico pela rima, escrupuloso na sua arte (bem sabes a conta em que o tenho.)

Alvaro Martins divorciou-se da *Padaria* e é agora um de seus inimigos.

J. Maria Brigido, o rachitico e choroso Brigido, escreve contos para os jornaes de Penedo, vive longe tambem.

E eu, que tambem fui *padeiro* convencido, deixei a Provence e o abençoado Outeiro para rabiscar nas folhas desta grande e turbulenta capital.

Durante uma porção de mezes ninguem ouviu falar na *Padaria* e eu cheguei mesmo a rezar-lhe por alma no templo da minha saudade.

Eil-a que surge agora ; mas ( torno a dizer ) sem as audacias de quando era apenas meia duzia de "utopistas". com um culto superior.

O Mallet (perdoa a familiaridade) foi testemunha do nosso enthusiasmo, por signal lá deixou, no *album de ouro*, um espontaneo e honroso — *away* !

Basta comparar o *Programma de Installação* com o *Restrospecto*. Ha naquelle mais liberdade no dizer, mais leveza na fórma e o espirito subtil de um *novo* esmaltando a phrase. Por ahi se vê que o *forno* era um pretexto para a gente não ficar em casa embrutecendo. A' noite, ao accender do gaz, lá iamos trincando o cigarro, com uma pagina inédita no bolso, palestrar ao *forno*, discutir livremente Antonio Nobre, *Os Simples*, Verlaine e Zola.

Nenhuma formalidade banal, cousa alguma que nos desse ares de academicos : a maior liberdade, a mais franca camaradagem. O unico volume do *Só*, que aparecera mysteriosamente na provincia, andava de mão em mão, era lido e relido, e entrava-nos pela alma como um jorro de luz septentrional, como uma onda quente de vida nova. O *Só* era a nossa biblia, o nosso encanto, o nosso livro amado.

Com que enthusiasmo, digno do *Quartier Latin*, discutiamos uma obra nova e a individualidade artistica dos escriptores do Sul !

Queixavam-se os visinhos do berreiro infernal que faziamos, parava gente á porta da casa ( um tremendo *rez-de-chaussée*, que fôra armazem de exportação), chamavam-nos doudos, idiotas, vagabundos !

Bella época !

Hoje, ao qûe se me afigura, está tudo mudado. O *Retrospecto* lembra um pouco.... os annaes de uma camara de pares. Falta-lhe o sal da espontaneidade.

Raymundo Corrêa, em sua visita ao Norte, já não encontrou a mesma *Padaria Espiritual.*

Basta ler *O Pão*, meu amigo, basta ler *O Pão*, cujo numero oito guardo carinhosamente, *por serdes vós quem sois*.... Bem escripto ainda, mas.... muito parecido com *A Semana* de *Mr.* Valentim Magalhães....

Para outros a *Padaria* existe ainda tal qual era, cheia de vida, collaborando na obra da renascença artistica do Brazil ; para mim é que ella desappareceu dando logar a uma outra associação com o mesmo nome, porém sem o mesmo ideal da primitiva.

Não quero com isto desgostar os actuaes *padeiros*, oh, não ! Elles que continuem a trabalhar, que não esmoreçam, que não façam caso de concurrencia alguma perigosa (*), e hão de ser felizes.

Pardal Mallet, espirito francamente revolucionario, disse uma bella verdade, escrevendo no *album de ouro*, ao voltar do exilio : " E' nesta solidariedade que está o segredo das futuras e garantidas victorias que a todos hão de definitivamente consagrar no mundo artistico brazileiro .... "

A todos não sei .... Muitos, porém, dos que começam agora, mesmo neste paiz, onde tão difficil é a garantia do renome, serão os mestres de amanhã.

(*) V. G. o *Centro Litterario* fundado ultimamente.

## XVI

# Lupe

Ha dias uma revista litteraria notavel pela irreprehensivel nitidez e feminina elegancia com que semanalmente delicía a vista de seus assignantes, em breve e maliciosa noticia estranhou meu juizo proclamando Coelho Netto e Aluizio Azevedo os dois escriptores mais activos e operosos da actual geração, e accrescenta que fiz *taboa rasa* de todos os demais escriptores, "só considerando artistas Cruz e Souza e B. Lopes".

Francamente, não sei onde a illustre hebdomadaria foi descobrir esse conceito odioso ; talvez em alguma edição especial, refundida e contradictoria, das *Cartas litterarias...* E' só como se explica a

erronea e absurda interpretação do gracioso localista. Sim, eu nunca affirmei, aqui ou em parte alguma, que B. Lopes e Cruz e Souza são os *unicos* artistas da palavra, que o Brazil possue actualmente. Isto seria um exclusivismo sem nome, tocando as raias da ignorancia. O que eu disse, e estou prompto a repetir, é que esses escriptores e poetas (incluindo Aluizio e C. Netto) occupam, a meu ver, o primeiro plano,— destacam-se dos outros. Comprehende-se a distancia que vae dahi a fazer taboa rasa de todos os demais.

O jacobinismo em arte, como em tudo mais, repugna á logica e ao bom senso. Aquelles que o admittem, deveriam começar o exterminio pelas pyramides do Egypto e pelos marmores esculpturaes da Grecia. Por que razão haviamos de negar talento ás gerações que nos precederam? Por que motivo Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves, e toda essa legião gloriosa de poetas que determinaram o periodo de maior effervescencia litteraria no Brazil, devem ser esquecidos?

Assim tambem, entre os que ainda vivem, muitos ha verdadeiramente notaveis, de superior talento, e que não devem cair no menospreço da geração de hoje: coripheus hontem, elles merecem, por certo, o respeito dos que surgem.

Sou contra esse nihilismo *à outrance,* reflexo do que acontece em França, onde os grandes poetas como Sully Prudhomme, François Coppée, e o proprio Zola, são victimas constantemente do odio incomprehensivel dos "novos".

Interessante, essa questão de novos e velhos; mas não convem agital-a... Entretanto, note-se á puridade que os chamados "novos" apresentam-se, em geral, sem obra que os recommende, sem documento ou prova alguma de seu espirito, de sua originalidade e de sua independencia. — Estou preparando um livro, costumam dizer. Ou então: — Só pretendo estrear com alguma cousa inteiramente "nova" e que *fique*...

Emquanto os outros morrem de trabalho, dedicam o melhor de seu tempo ás letras, ao paciente labor quotidiano de construir uma obra que lhes custa o proprio sangue, elles, os inéditos, vivem por ahi flanando, enchendo cervejarias e maldizendo reputações...

Bourget, o percuciente Bourget, qualifica isso de *corrupção intellectual*, a proposito de um seu patricio, viajante na Italia, quando, em 1890, elle tambem se achou naquelle paiz. Philippe Dubois (tal era o nome do revoltado) não admittia, por fórma alguma, que um escriptor vivesse honestamente á custa de sua penna, e indignava-se contra os que tinham a felicidade, a excepcional ventura de ganhar dinheiro escrevendo livros. Deprimia-os implacavelmente, de modo feroz, calumniava-os até; dizia delles o que se não diz de um forçado.

Um dia Bourget teve a paciencia de o ouvir e juntou mais um documento ás suas observações psychologicas.

— Falemos, advertiu o joven litterato, em cujo riso amargo o autor de *Mensonges* acabava de reconhecer a colera surda do escriptor inédito, já envenenado pela inveja, antes mesmo de se medir com os seus rivaes. E começou, diz Bourget, a desancar, um por um, os escriptores de maiòr vulto da actualidade.—Este não passava de um fazedor de anecdotas; aquelle de um Paulo de Kock modernisado; aquelloutro de um intrigante de salão, habil em refinar Stendhal e Balzac para o estomago fraco das mulheres...

Com que ironia Bourget se refere a esse typico Dubois! — "Eu deixava-o falar, — continúa o escriptor francez, — com uma profunda tristeza, mas não que désse importancia a essas severidades de *novo*... Ellas hão de existir em todos os tempos e não deixam de ter sua utilidade: — é o sarcasmo de Mephistopheles que obriga Fausto a trabalhar..."

Para cumulo da honestidade, Philippe Dubois, que tinha ido visitar, em companhia de Bourget, um velho convento de Piza, acaba roubando ao generoso frade que os recebera e obsequiara, uma bella medalha de ouro, antiguissima, do tempo de Julio Cesar, e que o pobre monge guardava no fundo do seu relicario...

Quanto aos velhos, é possivel que tenham tambem suas fraquezas, é possivel...

Estas considerações, entendi fazel-as antes de qualquer juizo sobre o novo e interessante livrinho de Affonso Celso.

Como classificar este escriptor: entre os velhos ou entre os novos? Si consultarmos a qualquer symbolista, dirá elle promptamente, com uma desdenhosa expressão de arrogancia: — Entre os velhos, entre os inuteis! E a critica passará tambem a ser velha e rabugenta, si tiver a audacia de pensar o contrario.

Digamos, porém, a verdade, embora isto nos custe alguns pruridos na orelha...

O novo livro de Affonso Celso não é, com franqueza, uma obra d'arte, uma dessas revelações assombrosas que fazem a gloria de um artista. *Lupe* é uma simples e curiosa narrativa de viagem, feita sem grandes preoccupações de fórma, num estylo breve de *touriste* educado, e em que predomina a historia imaginosa e attrahente de uma rapariga mexicana.

O fino espirito de quem a escreveu, compraz-se em esmiuçar pequenos factos de sua vida, episodios auto-biographicos, á maneira de Loti, não raro dourando a phrase com a nota suggestiva da erudição. A penna que escreveu *Minha Filha* (essa encantadora historia de uma criança doente), soube narrar, sem opulencias de estylo, em linguagem sadía e limpida, com aquella simplicidade caracteristica do autor de *Azyadé*, a historia sentimental de *Lupe*.

Fica-se querendo bem a essa "princeza desthronada" cujo pae morre em S. Francisco da California, e que volta á patria sem os esplendores do luxo e da

riqueza, em companhia de sua mãe, — pobre e desolada viuva.

Entretanto, Lupe não manifesta o menor desgosto a bordo do *Colima* em viagem para o Mexico: ri, brinca, faz declarações de amor, e, entre outras travessuras, é encontrada uma tarde na camara do commandante, "jogando o *whist*, a fumar cigarros de Havana e a beber *punch*..."

Especie de endiabrado *enfant gaté*, longe de se incommodar profundamente com a subita mudança que soffrera, abandonando, máo grado seu, o convivio fidalgo da alta sociedade, para volver ao obscuro recanto do seu paiz, — revela-se a cada passo temperamento irrequieto, alma trêfega, por vezes inconveniente. Só lhe falta vestir calções de homem e largar-se pelo mundo ás aventuras como a celebre *Mademoiselle Maupin*.

Conheci em Nova-Orleans uma rapariga do *high-life* exactamente igual a Lupe : o mesmo genio folgazão, a mesma desenvoltura de parisiense, o mesmo chic, a mesma graça...

Tambem gostava de arte, de letras e de uma boa conversação entre homens. Fumava tambem sua cigarrilla e jogava o *whist* admiravelmente.

MaryBrow foi por muito tempo a *great attraction* de Nova-Orleans, apezar das novellas creadas ao redor do seu nome e que a compromettiam no conceito publico.

Miss Brow era um escandalosinho vivo,uma preciosidade *fin de siècle*, uma cantarida espiritual,

conjunto extravagante e fascinador,—anjo e demonio ao mesmo tempo. Soberana dos salões, ninguem escapava á sua influencia dominadora ; mulher alguma sobrepujava-a na *toilette*, no brilho dos olhos, no roseo vivo da tez, no calor irresistivel com que falava, na deliciosa alvura do collo, nos meneios, no gesto... Um francez, official de marinha, creio que do navio *L'Étoile*, suicidara-se por sua causa.

Lupe fez-me lembrar Mary Brow, essa *créole* de cabellos louros, olhos azues e voz de sereia, que eu conheci em Nova-Orleans. Não é, portanto, uma liberdade poetica, uma creação de artista, um capricho da imaginação. Lupe existiu.

Chega um momento, em que ella se transfigura, e, no meio de toda a sua alegria intempestiva e pueril sente o que, na physiologia das paixões, se poderia chamar—a nostalgia da grandeza:—é quando, em viagem, aparece, entre os passageiros, um negociante de joias, e ella, tomando, uma a uma, as pedrarias do homem, vae, pouco a pouco, se enfeitando, recamando-se de ouro e brilhante até ficar inteiramente outra debaixo daquella opulencia emprestada constellando o seu velho vestido de sêda...

Uma das melhores paginas do livro, essa,— feita com amôr, e, sobretudo, com delicadezas de artista exquisito.

Lupe estava esplendida ! — "Circumdava-a um halo de ouro. Da cabeça aos pés resplandecia. E os rubins, esmeraldas, diamantes, topazios, saphiras, profusamente fixados em seu corpo, desferiam incisivos

relampagos azues, crystalinos, verdes, roxos, rozeos, rubros, no meio das quaes as perolas soltavam languidamente claridades pallidas de luar."

Intitula-se *As joias do judeu* esse capitulo de romance, que eu quizera recommendar aos artistas da prosa.

Depois a rapariga, tristemente, vae tirando as joias, uma a uma, como quando as collocára.—"E no despojar de Lupe havia qualquer cousa de tragico,— a solemnidade triste dos irreparaveis sacrificios..."

Désse-nos Affonso Celso um livro todo assim, cheio de brilho e verdade, admiravel pelo estylo, e, com certeza, não lhe recusariam os "novos" um logarzinho no vaticano da arte moderna.

Mas o autor de *Lupe* é sincero de mais para merecer tamanho favor. Essa pagina saiu-lhe da penna sem esforço, naturalmente; irrompeu-lhe do sangue, brotou do fundo da sua individualidade litteraria.

Ha em todos os livros desse escriptor um teimoso personalismo que não assenta bem num espirito superior. Em *Lupe* esse defeito resalta com violencias de mosca importuna, excluindo a despretenção que possa existir na obra. Imagine-se um individuo a falar de si constantemente, gabando em alta voz as suas proprias qualidades, fazendo o seu proprio elogio ! Nada mais insulso e menos artistico. O pronome *eu*, este antipathico pronome que anda na boca dos vaidosos, repugna ao bom senso e produz um effeito detestavel quando sae da penna de um homem intelligente para elogiar a si proprio.

Tornar-se-ia ridiculo quem dissesse : — Eu sou um bello talento ! — mesmo que fosse um genio.

A preoccupação de Affonso Celso é menos pretenciosa, mas, em todo caso demonstra um veso egoistico e pueril. Não adianta, por exemplo, saber, numa obra litteraria, que tal inglez tratasse o autor de *Mister Cilso*, ou que houve uma hespanhola que o chamava *dom Alfonso*....

No presente livro ha um periodo assim :

"—Não se póde negar que dom Alfonso (eu) é um guapo mancebo, bem educado e, seguramente, de excellente familia."

Horroroso aquelle *eu !*

O leitor comprehende bem, no correr da leitura, que se trata de *dom Alfonso Cilso*...

Nessa pagina as palavras *dom Alfonso* entram cinco vezes !

Comprehende-se o máo effeito que dahi resulta.

Poderiamos notar outras imperfeições.

A descripção do Brazil, que o autor faz á Lupe, é bella e imaginosa, mas nem sempre verdadeira. O patriotismo, para não dizer *chauvinismo* exaltou-o demasiadamente, a ponto de negar a existencia de "sêccas prolongadas", quando a estatistica de varios estados do norte registra muitas ; e de "cachopos ou quaesquer perigos" no litoral brazileiro, quando a nossa costa é recortada de bancos de areia e rochedos perigosos, mormente no norte.

O Brazil descripto por Affonso Celso, como o Brazil de quasi todos os poetas brazileiros, é um paiz

legendario e maravilhoso, um verdadeiro eden, "sem culminancias (!) nem abysmos ameaçadores".

Entre nós não ha "preconceitos de raças, aristocracia de sangue ou dinheiro, nem distincções de côr" ! Isso desde o tempo do Imperador e antes da abolição !

Admira como o illustre escriptor, alludindo ao nosso progresso moral, intellectual e artistico, se limitou a falar na arte plumaria dos autochtones e em geniaes artistas *incultos* (não esquecendo o Aleijadinho), sem fazer menção de uma só notabilidade na litteratura e nas bellas-artes ! Lupe se interessaria mais em saber que nós temos um magnifico corpo de bombeiros (desde o Imperador) e uma agua da Carioca, que já foi cantada em versos magnificos. E as *fiebres del Orenoco ?* Por que Affonso Celso não se referiu á peste negra que nos assola de anno em anno ?

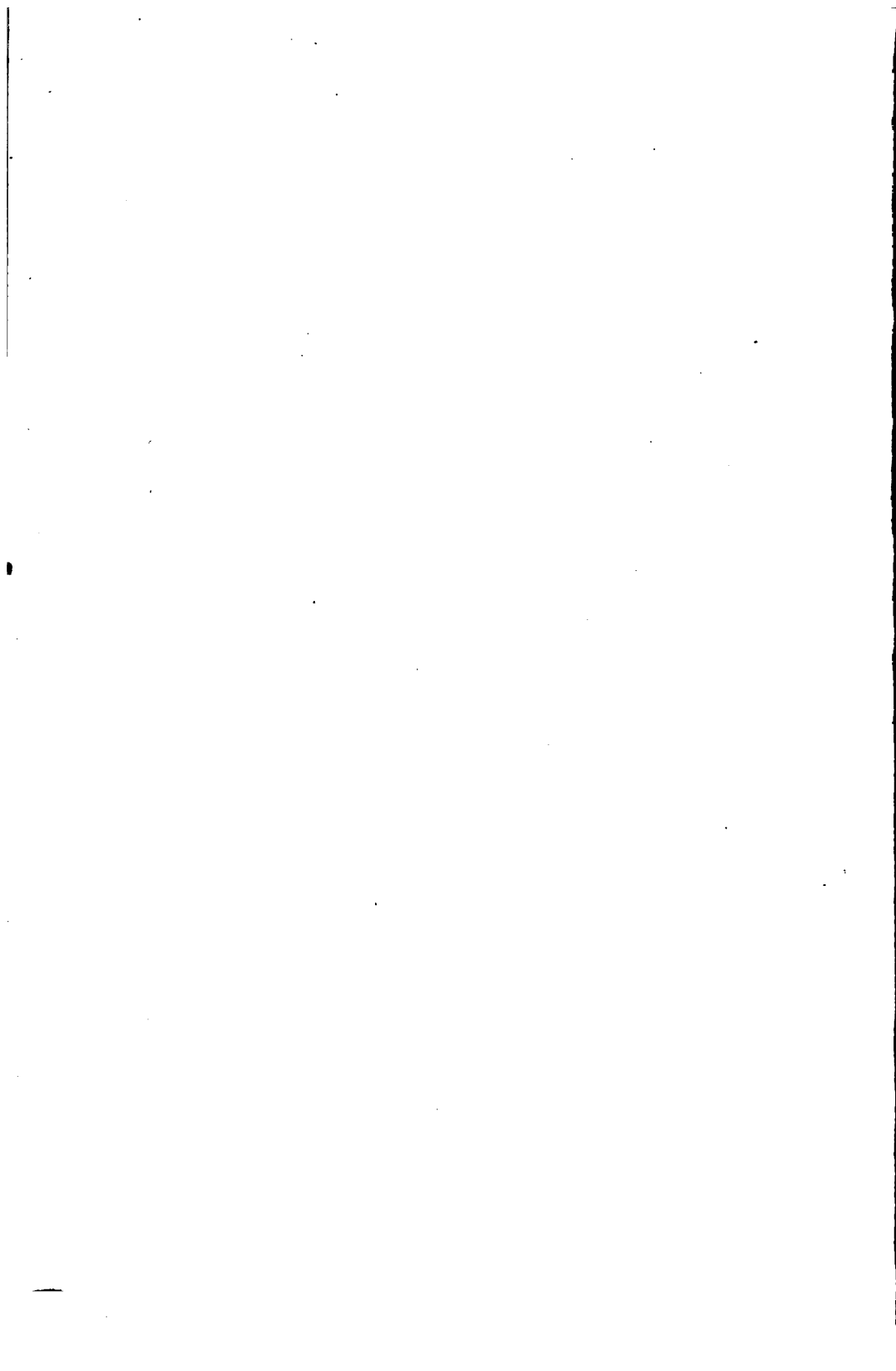
E' preciso dizer tudo, mesmo em prejuiso dos nossos creditos. O estrangeiro bem conhece a natureza americana e sabe que o Brazil é um paiz colosso, uma terra onde o sol parece um diamante suspenso. O que elle não sabe é que existe uma capital chamada Rio de Janeiro, onde já se anda em bonds electricos.

Menos bella e igualmente inédita é a descripção do Mexico feita por Lupe. Não acredito, porém, que a linda *signorita* conhecesse tão minuciosamente a historia da sua patria, destrinçando genealogias, crenças primitivas, alta politica, phenomenos naturaes, tudo ! Lupe, sendo intelligente, era muito leviana para se importar com essas cousas...

Entretanto, póde muito bem ser que as mexicanas entendam tão perfeitamente de historia natural como de seducções...

Muito interessante a *Lupe* de Affonso Celso.

A reacção nihilista, que se levanta contra a sinceridade litteraria, não intimidará os que trabalham com ardor e sem odios. O pallio rutilante da Arte não cobre sómente os sacerdotes do Symbolismo : abre-se, immenso e estrellado, sobre a cabeça branca de Verlaine e sobre o tumulo triste de Musset.

Março, 1894.

XVII

# O Indianismo

Quanta vez a grandeza de um povo está nas cinzas de uma geração !

Portugal, esse Portugal hoje esquecido, pequeno entre as grandes nações da Europa, abalou o mundo com as suas descobertas, com as arrojadas e temerosas emprezas de seus navegantes: vive do passado, e o seu logar na Historia é um dos mais brilhantes. Esses monumentos sumptuosos que o tempo ainda não logrou consumir, essas construcções maravilhosas, que ameaçam desabar de velhas : — palacios, estatuas, capiteis — tudo lembra reinados gloriosos, grandes heroes de uma época memoravel. Lêde os LUZIADAS — essa epopéa, em que cada estrophe

parece um coração sangrando patriotismo. Folheae a Historia e haveis de ficar encantado com esse povo, cujos emprehendimentos encheram seculos. Que gente, depois dos phenicios, ousou sulcar o oceano? Os portuguezes nas suas frageis caravelas, nos seus galeões reaes.

Entretanto, Portugal é hoje pobre nação decadente...

Tomemos outro exemplo: a Hespanha. Magnifico passado o dessa nação! Parece-nos ver ainda sobre o monte Padul, abandonado e triste, como uma ave sem ninho, soltando um ultimo adeus ao paiz de seus gloriosos antepassados, Boabdil, o ultimo abencerrage!...

Granada, a bella Granada! Quantas lendas, quantas historias interessantes recordam aquelles pateos desolados, aquellas abobodas escuras de Alhambra! Como que se ouve ainda, echoando, em seus corredores sombrios, os soluços de Aben-Hamet, o decepado, no pateo dos leões.

E o Generalife, a *mysteriosa torre dos sete andares!*

Que de poemas encerram aquellas arcadas gothicas, aquelles edificios soberbos, filhos de uma arte infante!

Tudo aquillo é grande, tudo aquillo inspira respeito.

Roma, o que é a Roma de hoje, a Roma dos Papas, com o seu colossal Vaticano, comparada á Roma antiga, a Roma dos Cezares?

.......................................

Mas, não é preciso recapitular a Historia para provar que todos os povos têm seu passado glorioso.

O Brazil, este paiz de hontem, já tem tambem suas tradições.

Quando José de Alencar, alludindo a uma tendencia que se manifestava na litteratura nacional, procurava crear a verdadeira poesia brazileira, muita gente achou-o ridiculo e presumido.

Entretanto, o grande romancista defendia-se deste modo : "...o que não partilho e o que acho fatal é que essa reacção se exceda ; que, em logar de stygmatisar alguns poetastros, que perdem o seu tempo a estudar o diccionario indigena, procure lançar o ridiculo e a zombaria sobre a verdadeira poesia nacional." (*)

E' sabido e notorio que a propensão dos litteratos brazileiros é, em geral, mais para escrever do que para estudar e reflectir.

Nós somos pouco amigos do nosso paiz, mormente no que respeita o passado.

Que é das preciosissimas tradições daquellas hordas selvagens, que, em suas correrias através dos sertões,—outros barbaros do Norte—enchiam as florestas de brados e canticos guerreiros ?

Já ninguem no Brazil se dá ao labor de esmiuçar essas cousas. E' penoso o trabalho de exhumação historica. Queremos o prato feito—nada de laboriosas viagens ao passado. Ahi temos a França que nos

(*) *Cartas á Confederação dos Tamoyos.*

manda annualmente centenas de obras novas em prosa e verso.

Durão, Magalhães, Gonçalves Dias, Alencar... uns idiotas!

*Caramurú*, a *Confederação dos Tamoyos*, os *Tymbiras*, *Iracema*... esses poemas fulgurantes ficaram esquecidos nas estantes das livrarias.

Pésa sobre elles o desprezo das novas gerações litterarias.

E comtudo, é extraordinario que, num paiz verdadeiramente fecundo em talentos, como o Brazil, rarissimos sejam os historiadores, muito poucos os que estudam a historia patria!

Incontestavelmente nós, brazileiros, abominamos todo o trabalho que requer paciencia e reflexão, somos um povo de ociosos, incapaz de grandes devotamentos.

Dahi o menospreço a tudo quanto é puro nacionalismo, dahi o ar zombeteiro com que tratamos os que se abalam a obras genuinamente brazileiras.

E, porque temos horror ás excavações, é que desprezamos a verdadeira fonte donde emana toda a poesia nacional.

Que passado ha mais opulento de lendas? Quantas illiadas nas chronicas e papeis velhos consumidos pela traça dos archivos publicos! Esta natureza tão rica e fascinante aos olhos do viajante estrangeiro, nenhum interesse desperta áquelles que se dizem poetas e que nasceram e cresceram á sombra de

montanhas colossaes ou sob a luz radiante do sol brazileiro.

O poeta nacional volve-se todo para as litteraturas da Europa e gasta o seu talento copiando o velho mundo,

Preferimos Louis Blanc a Rocha Pitta, Guizot a Varnaghen.

As grandes datas nacionaes são quasi desconhecidas. Não sabemos bem o que era o Brazil antes de sua descoberta, que povo o habitava antes da colonisação portugueza.

Si Chateaubriand visitasse o Brazil, elle que adorou de joelhos a natureza da America do Norte, arrancando *Atala*, uma obra prima, das florestas americanas, que epopéas não faria si tivesse a felicidade de conhecer o Amazonas e as florestas do Brazil !

Não preciso ir tão longe : o Sr. Pinheiro Chagas, que nunca pisou terras brazileiras, escreveu a VIRGEM GUARACIABA, uma obra relativamente bella. Sem abusar da technica indianista, dá-nos elle descripções esplendidas, de uma attracção irresistivel.

Entretanto, o Sr. Pinheiro Chagas é portuguez, e, como dissemos, nunca veiu ao Brazil. E' uma simples questão de boa vontade.

Ha, comtudo, quem se interesse pelas cousas patrias. De longe em longe vem matar a monotonia das letras emprestadas uma obra de cunho brazileiro. Os criticos apenas sentem-na, tomam o escalpello da

analyse, erguem ligeiramente a ponta de uma folha, dizem-lhe muitas cousas bonitas ou feias, conforme a moda, e—adeusinho! mandam-na passear.—Que não val nada ; que é uma *brazileirice !*

E voltam-se novamente para os dramas de Sardou e para os romances de Zola.

Eu não sou dos que pensam que a nossa litteratura é uma litteratura atrazada, sem elementos para se comparar á de alguns paizes da Europa.

Entendo que nós já podemos, com galhardia, figurar em qualquer certamen intellectual e que temos os alicerces fundamentaes de uma litteratura incomparavel e originalissima. Falta-nos cousa muito differente, falta-nos esse impulso patriotico, esse orgulho nativo, que é uma das principaes qualidades de todo bom poeta, de todo bom escriptor.

A mocidade brazileira não lê obras nacionaes; agarra-se ao romance estrangeiro com um enthusiasmo verdadeiramente lamentavel. O estudo das raças que primeiro habitaram o Brazil, estudo que fornece assumpto para muitissimos trabalhos de elevado alcance litterario, não merece a attenção della, e, quando algum ousado vae buscar nos costumes e nas lendas dos autochtones assumpto para romance ou para poema, é logo corrido a golpes de ridiculo.

Exemplifiquemos. Uma das paginas mais bellas que entre nós se ha publicado é — quem o nega ? — o GUARANY, de José de Alencar. Entretanto, houve

quem dissesse que o estylo dessa obra é *frouxo e desleixado.*

A occasião não se presta á critica do romance que tanto deu que falar a *Sempronio* e a *Cincinato* em suas tão famosas quanto apaixonadas *Cartas.*

O estylo do Guarany não podia ser outro senão aquelle mesmo — simples, despretencioso e espontaneo — tratando-se da simples historia de um selvagem domesticado que *adora* uma mulher civilisada. Nenhuma graça, nenhuma originalidade haveria si Alencar, em vez de imaginar Pery, filho de uma raça quasi extincta — caracter docil e submisso — fizesse falar um individuo qualquer. O entrecho tornar-se-ia trivial e até certo ponto ridiculo, como no momento em que Cecy, apontando para uns flocos de nuvens, que passavam no céo, pergunta ao indio o que faria si ella lhe pedisse a nuvem.

— "Pery ia buscar," responde o indio com a maior naturalidade.

— "A nuvem?

— "Sim, a nuvem... Sómente, como a nuvem não é da terra, Pery morreria e ia pedir ao Senhor do céo a nuvem para dar a Cecy."

Ha ahi um perfeito conhecimento da indole amorosa e intrepida de uma raça.

Pery é um personagem inverosimil ás vezes, mas constitue o principal encanto da obra. E a habilidade do romancista cresce quando se considera que um dos themas mais difficeis em litteratura tem

sido até hoje esse de saber qual a linguagem que deve ter o indio, o selvagem, nos poemas e nos romances. O proprio Gonçalves Dias, nem por ser o poeta nacional por excellencia, conseguiu resolver a questão; seus primorosos poemas resentem-se de uma linguaguem classica e falsa.

Não temos uma litteratura que se diga eminentemente nacional, mas possuimos a base sobre que ella deve ser assentada.

*Guarany*, *Iracema*, *Ubyrajara*, e os *Tymbyras* foram o primeiro grito contra a imitação.

Consultemos as chronicas, façamos reviver esse passado memoravel, já tão esquecido, e, com os elementos de que dispomos, não tardaremos a ver a litteratura brazileira fulgurar, com um brilho especial, entre as primeiras da Europa.

—,1885.

## XVIII

# Poeta e chronista

Anda-me nos globulos do sangue o prurído quasi physiologico de archivar, em letra de fórma, o esboço impressionista do autor das *Chronicas* e *Novellas*, unica e exclusivamente porque Olavo Bilac é um dos nossos poetas mais talentosos ; razão simples, como vêm, e que, por si só, levaria um homem a fazer imprudencias e uma mulher a commetter loucuras.

Admiro o talento com a mesma paixão, com o mesmo enthusiasmo do naturalista que se extasia diante do especimen raro de uma flor tropical. Dizer a um poeta como Musset, que escreveu *La coupe et les lèvres*, ou Baudelaire, que cantou *L'âme du vin*,

que o admiro, que o tenho em casa dentro de uma encadernação luxuosa e dentro de uma moldura fina, é para mim um orgulho, uma necessidade, um dever mesmo.

Dahi estas linhas esbatidas num crepusculo de sympathias, este pequeno quadro a *crayon*, que ligeiramente vou traçando.

Mas não quero apenas dizer a Olavo Bilac que o admiro, por ter elle concebido e crystalisado versos magnificos, de uma pureza artistica inconsutil e de uma sonoridade poucas vezes igualada ; seduz-me tambem o desejo de ferir uma questão incommoda de sinceridade litteraria.

Melhor occasião não encontraria eu para divagar neste gosto ácerca de um poeta adorado.

A's suas *Choonicas e Novellas*, ultimamente publicadas, devo o ensejo.

De Bilac o que sei notavel, por uma *biographia express* do Sr. Guimarães Passos, é que estreou ha dez annos "com dois bellissimos sonetos" (Grande successo ! accrescenta o biographo) ; que publicou o seu primeiro livro em 1888, que foi á Europa, que é estrabico, que tem mãos esculpturaes e orelhas largas (vide o ALBUM n. 13), que é ironico e muito altivo, e que affecta scepticismo.

Algumas dessas qualidades não influem positivamente no juizo que se possa fazer delle como poeta ou como novellista ; uma, entretanto, resalta de suas chronicas e é confirmada por quantos pessoalmente o

conhecem : a ironia ; ironia mansa, dizem uns, ironia perfida, insinuam outros.

O riso de Olavo Bilac parece-se com o riso de Voltaire,—creio que já se escreveu por ahi.

Sem estudar o riso bilaqueano (o adjectivo é do Sr. Araripe Junior), o escriptor da *biographia express* encarregou-se de affirmar cathegoricamente que o septicismo de Bilac não é sincero, é um septicismo affectado.

E eu o creio, como creio na affectacção de sua ironia e no lyrismo encantador e verdadeiro de seus versos. Si o vemos, agora, de labio arregaçado, num formidavel desdem pelas cousas mundanas, parece-me isso resultado do meio artistico de sua predilecção, influencias ora de Baudelaire, como em *A Cannabina*, ora de Eça de Queiroz, na feição já por si ironica do estylo.

Quanto ao poeta, é todo elle de uma beatitude evangelica, de um pantheismo sem sarcasmos ou ironias, mesmo na *Tentação de Xenocrates*.

Aspira, ama, canta a Natureza, canta a Mulher, abre o coração ao sol, que é a luz do Universo, e á alegria, que é o sol da alma.

Por vezes uma nota languida, um suspiro de magua, uma indolencia mórbida, — cousas naturaes em um poeta, mesmo que elle não seja ironico.

Heine, sim, é o poeta da ironia subtil, da ironia aguçada, que penetra como um estylete até ao fundo do coração mais insensivel, derramando-se por toda a alma, envenenando-a : Heine, sim, ninguem o

duvidará, é sincero no seu escarneo, sincero na sua revolta intima contra a divindade, contra os homens e contra a patria. Em verso, como em prosa, temol-o sempre a rir, ainda chorando.

Mas Olavo Bilac ? Não. Poderá ser um descontente da vida, um disilludido, nunca um revoltado nato.

Não o conheço, repito; vi-o uma unica vez, providencialmente: leio-o sempre no jornal ou no livro.

Já o qualificaram de *satanico* á maneira do poeta das *Flores do Mal.*

A este respeito direi que se nota em suas ultimas producções uma como vaga tendencia para o satanismo de Baudelaire, manifestando-se mui subtilmente em ironias que se percebem falsas ou affectadas, como diria o escriptor da *biographia express.*

Eu, por mim, quero ver num livro, antes de tudo, o temperamento, o espirito original do seu autor, desdobrando-se em cada pagina, accentuado, vivo, sem *trucs.*

Lendo agora as *Chronicas e Novellas* que o autor menosprésa *ironicamente,* adjectivando de futeis a umas e de ligeiras a outras, pasmei ao ver o rico poeta das *Balladas Romanticas* mergulhado em alfarrabios, dicifrando hieroglyphos, quer dizer, calligraphias impossiveis de velhos tabelliães, fazendo de João de Barros e de Diogo do Couto; meu pasmo tomou vulto, cresceu, abriu a boca e arregalou os olhos, ó Musas ! ao vel-o,—ó deuses do paganismo ! —de braço dado com a Excellentissima Revista do

Instituto Historico e Geographico do Brazil etc. (tomo LV.—1892 etc.), documentando phrases a proposito da gentil Sra. D. Maria Dorothéa de Seixas, conhecida na Historia com o nome arcadico e dulçuroso de Marilia de Dirceu, graças ao grande lyrico que della se enamorou.

Pasmei devéras !

Como é que Olavo Bilac, um moço, um poeta, e, sobretudo, um ironico, vae para Minas, para o exilio desenterrar chronicas ?

E logo desenrolei a téla de minhas previsões:— Ganhou a historia um alfarrabista e perdeu o Brazil um de seus melhores poetas.

Que idéa, senhor, que triste lembrança !

Pois, em vez de continuar a fazer versos, de rimar canções, de gargantear p'r'ahi melodias de ave exilada, Bilac foi conviver com as traças !

Para o futuro, quando se houver de escrever a historia de Minas Geraes em dois ou tres volumes offerecidos ao Instituto Historico, citar-se-á muito naturalmente o poeta—chronista, que floresceu e visitou Minas na segunda metade do seculo XIX.

Não ha desdouro nisto, bem sei; mas parece que a gloria do poeta fechará o rosto, amuada, á gloria do chronista.

Uma cousa prenderá a attenção do historiador futuro, como me prendeu a minha: o estylo das *Chronicas*, estylo que em nada se assemelha ao de João de Barros e que tem, ás vezes, caprichos a Damião de Góes rememorado por Alberto de Oliveira, quando o

chronista portuguez, descrevendo o palacio dos Nayres, refere que tinha "varandas de ouro sobre o mar !"

Chronicas poeticas, de resto, e que se lêm de um trago, saboreando a leve estructura da phrase irisada e communicativa.

Quando, ainda para o futuro, alguem precisar do testamento da muito digna Sra. D. Dorothéa, ou da portaria em que o conde de Assumar prohibio as *acções entre amigos*, o trabalho de exhumação está feito: é só recorrer ás chronicas de Bilac.

"*D. Pedro de Almeyda etc., etc. Faço saber a todos os moradores deste governo, etc., etc...* "

Nem sei porque figuram entre as *Chronicas* os *Lazaros*, estas paginas humanas de uma tão crua realidade.

A commovente historia dos *Lazaros*, narra-a Bilac singelamente com o coração cheio de piedade. Do primeiro—o de bordo—diz elle que leu em seu "olhar indefinivel tamanho desespero, tão sobrehumana angustia, tão aterradora amargura, que ficou-se a olhal-o carinhosamente, com o sorriso á boca—sem falar, para não chamar a attenção dos outros... "

... Com um sorriso á boca... Sorriso de ironia bilaqueana? Creio bem que não; sorriso de piedade humana, talvez, sorriso carinhoso dos que não são indifferentes ás dores alheias.

Ninguem, por mais sceptico, mostra os dentes, num sorriso ironico, a uma chaga aberta ou a uma dansa de S. Guido, a menos que não seja um louco,

um imbecil ou um scelerado. E' impossivel mesmo levar-se a vida inteira a rir. O proprio Voltaire, o cynico e blasphemo Voltaire descobria-se cortezmente á passagem do Viatico...

As *Novellas*, em conjuncto, parecem-me, realmente, um pouco futeis; destacadas, escolho *No Hospital*, outra pagina como a dos *Lazaros*, estudada e verdadeira, vibrando forte, penetrando a alma e dominando-a.

E' um trecho d'arte que não permitte naufragarem os creditos do novellista.

Quanto ás outras, digam-me, por exemplo, o que veiu fazer neste livro (que, entre parenthesis, podia ser mais vigoroso) *O Sonho*, um enxerto, cujo sentido ninguem percebe?

Claudio sonha que é leitão assado e que o vão comer... No momento, porém, de ser trinchado, acorda... Nada mais!

Não vejo ironia, não vejo humorismo, não vejo cousa de valor nessa *pochade* de máo gosto, que, emfim, se perdôa num poeta da força de Bilac.

*As Noites de Jacques*, intitulam-se vagamente as novellas,— paginas romanticas onde se narram amores adulteros e paixões criminosas, por vezes em estylo que ninguem diria de um prosador novo, absolutamente emancipado dos velhos moldes lamartineanos.

E' o caso do CRIME (*carta de Jacques, achada entre papeis velhos.*)

Um dos autores do drama, Jacques, morre de amores pela mulher do seu amigo Octavio; ella, porém, amava um terceiro; Octavio vem a saber e dahi toda uma intriga sem alcance litterario, sem originalidade. Enciumado, porque não é correspondido pela esposa de Octavio, Jacques faz-se delator de Barbosa, o verdadeiro amante, e o marido infeliz assassina a mulher com um revólver.

Conclusão: "Na sala, guardada pela policia, o corpo estava no chão, estendido sobre o tapete."

.............................................

"Foi um crime o que eu fiz?" pergunta Lovelace.

Não sei por que os bons poetas, na maioria dos casos, não são muito felizes como novelistas.

Musset quasi não é cohecido pelas suas *Nouvelles et Contes.* Bandelaire, alma de eleito, foi mais feliz nos *Petits Poèmes en Prose* (miniaturas que valem bem uma reputação litteraria) do que na *Fanfarlo*, por exemplo, que só tem a virtude de marcar o primeiro passo do seu autor no inferno da Arte.

A concepção de Bilac como prosador é mediocre e superficial. Prefiro-o poeta amoroso, de um lyrismo casto e sadio, rimando delicadezas da alma com a perfeição *exquise* de Banville.

Isso de scepticismo... é um veso que se não compadece já com a limpidez de um espirito novo e robusto.

Rio, 1895

## XIX

# A' sombra de Molière

Apezar do elevado e justo conceito em que tenho Arthur Azevedo, não calarei a desagradavel impressão que me ficou de seu ultimo livro — *Contos fóra da moda* —, tanto mais quanto nenhum prejuizo advirá dahi para o illustre escriptor, cujo nome é já o que se chama "uma gloria litteraria". A carta em que Affonso Celso paga com inexcedivel gentileza a dedicatoria dos *Contos* obrigou-me a uma segunda leitura, mas nada encontrei nestas paginas que destruisse a primeira impressão. Continuei a julgar os *Contos fóra da moda* um livro fóra da Arte. Porque é preciso lembrar que não se trata aqui de um rapazinho imberbe, noviço em letras, de joelhos implorando

olhar misericordioso á critica. Ao envez disso, trata-se de um nome laureado quotidianamente pelos jornaes e por numerosissimos leitores que o amam devéras.

Conheci Arthur Azevedo escrevendo a secção *De Palanque* no *Diario de Noticias*; conheci é uma maneira de dizer,—li-o pela primeira vez, e, porque fosse eu talvez muito novo ainda, elle afigurou-se-me um velho mestre-escola de férula em punho leccionando portuguez e rhetorica á mocidade daquelle tempo. Nenhum escriptor era mais respeitado que elle; os poetas mandavam-lhe versos que elle corrigia citando padre Antonio Vieira, ensinando a collocação dos pronomes, o emprego das preposições...

Como a admiração pelos homens é uma especie de epidemia, facil me foi admirar tambem o popularissimo escriptor que mais tarde, depois de uma série de traducções para o theatro, e da *Vespera de Reis* que o tornou conhecido, havia de nos dar os *Contos fóra da moda*; essa admiração, porém, converteu-se agora no frio interesse com que leio suas anecdotas, que não merecem outro nome os referidos contos.

Por que razão *Contos fóra da moda?* O proprio autor nol-a diz: "... porque sou o primeiro a reconhecer que elles estão inteiramente afastados do actual movimento litterario (note-se bem), isto é, foram escriptos sem preoccupação de psychologia, nem gymnastica de estylo". E, como justificativa de sua preferencia, lembra os versos de Molière:

*J'estime plus cela que la pompe fleurie*
*de tous ces faux brillants où chacun se récrie...*

Perfeitamente; ninguem deve obrigar o espirito a acrobatismos, nem o gosto é uma cousa que se discuta. O que se deve discutir em litteratura é o valor artistico da obra, a sua parte essencial, e esta me parece nulla no livro em questão. Em vez de um trabalho novo, forte, espiritual,—sem gymnastica de estylo, mas em que se registrasse alguma cousa inédita, paizagem, estados d'alma..., alguma cousa, emfim, que nos abalasse, que nos fizesse rir ou chorar nobremente, que nos arrastasse para uma philosophia desconhecida ou para algum canto da terra visto por um prisma novo; em vez disso, Arthur Azevedo trouxe-nos um livro banal, em que se agitam personagens de uma casta inferior e pulha, typos de esquina esboçados a *crayon* por desfastio, *mademoiselles* analphabetas da Praia da Lapa, escrevendo *nen çei o teu nome...*, funccionarios que enviuvam,—frivola e serodia pantomima que não representa sequer uma critica de actualidade e que eu reputo inferior ás revistas de anno com que elle já habituou o nosso publico.

Outro escriptor, seu amigo e contemporaneo, o Sr. Valentim Magalhães, felicitou-o ha dias "por essa feição nova, interessantissima (!) que vae tomando o seu talento". Comparo esse enthusiasmo ao de um homem sem energia que se aproxima de outro, no meio da vida, por encontrar nelle os seus proprios defeitos, as irremediaveis fraquezas da velhice prematura ...

Quem é que não vê logo no presente livro de Arthur Azevedo uma prova de decadencia litteraria, um symptoma evidente de cansaço intellectual ? Seu humorismo brazileiro está muito longe do riso philosophico de Molière ou de Aristophanes. Os *Contos fóra da moda* parecem mais uma obra feita especialmente para divertir creanças do que uma obra litteraria. A julgar como o escriptor de *Minha Filha*, isto é, que nesse livro ''brilham a belleza e a força immanentes da verdadeira arte'', então muito breve teriamos o Sr. *Braz Patife* hombreando com Cervantes, medida a distancia entre o folhetinista do *Tempo* e Arthur Azevedo ...

Ora, ha nada mais frivolo em litteratura que esse conto: — *A Praia de Santa Luzia ?* Não seria preferivel que o autor o deixasse ficar entre os delictos de sua penna ? Sem duvida alguma. E o *Plesbiscito ?* E *Blak*, esse enredo infantil, que começa assim : ''Leandrinho, o moço mais elegante e mais peralta do bairro de S. Christovão...''? Confessemos que tudo isso tem um ar mediocre de velharia repisada... Mencionarei tambem a *Agua de Janos*, onde Arthur Azevedo rivalisa com Paulo de Kock até na escolha do assumpto. Nenhuma dessas composições tem o cunho original da obra d'arte; vejo nellas uma série de anecdotas vulgares que só pódem despertar interesse aos leitores de almanack.

Ha de se estranhar minha linguagem tratando de um escriptor consagrado, jornalista, comediographo e poeta dos mais notaveis do Brazil ; mas, é assim que

eu comprendo a critica, de outro modo ella perderia a força de seus conceitos e o caracter independente que a deve presidir. Estas considerações, eu não as faria si se tratasse de um espirito acanhado. Pois, em vez de um livro como este, sem philosophia, sem arte, sem estylo mesmo, Arthur Azevedo não podia ter escripto uma obra completamente nova, cheia de seu bello humor, admiravel pela essencia e pela fórma, e que fosse um exemplo, uma lição para essa mocidade que anda se illudindo com os symbolismos de uma arte falsa e pobre, rebuscada em Verlaine ?

Si alguma paridade existe entre seu temperamento e o de Molière, por que não segue o caminho do mestre, escrevendo obras d'arte, mesmo " sem preoccupação de psychologia, nem gymnastica de estylo ? " Quem dispõe de tantos recursos intellectuaes não deve utilisal-os sómente em revistas de anno e " contos fóra da moda," sob pena de occupar logar secundario no futuro balanço das letras nacionaes ou ficar sendo eternamente um "rapaz de talento" que escreveu para ganhar dinheiro. Porque a gloria não consiste no elogio mutuo e amigavel dos contemporaneos : elle pouco vale, ou não vale cousa alguma diante do juizo imparcial das gerações futuras. Molière será querido porque deixou obras como *Tartufo*, *o Misantropo*, *o Medico á força* e muitas outras comedias verdadeiramente geniaes, onde se acham estampados ao vivo, como numa photographia, todos os ridiculos, todas as pequeninas miserias da humanidade em bellissimos versos de

inexcedivel correcção e singeleza. Eis ahi por que Molière viverá no seculo XXX, como hoje, a mesma vida eterna de genio que soube marcar a sua passagem pelo mundo.

E' certo que Arthur Azevedo maneja a penna com admiravel facilidade; acredito mesmo que elle seria capaz de, em vinte e quatro horas, escrever duzentos e quatro contos fóra da moda e outras tantas revistas de anno, tambem fóra da moda, para divertir o povo; mas parece-me exagero dizer que não ha na lingua portugueza quem o faça melhor. Escrever grammaticalmente, sem erros de syntaxe, obedecendo a todas as regras de philologia, com sacrificio do estylo, da sonoridade da phrase, da Arte e do bom senso, vem a ser, afinal de contas, uma questão de prática, si o individuo não ignora as regras de Sotero ou de Julio Ribeiro. Como *tour de force* grammatical os *Contos fóra da moda* podem servir de compendio nas escolas; não é disso, porém, que se trata, nem eu quero negar competencia a Arthur Azevedo em materia de linguistica; vê-se que teve bons professores e que daria um pedagogo excellente.

José de Alencar (vejo-me obrigado a invocar este nome uma vez por outra em attenção á autoridade do grande escriptor) José de Alencar foi considerado purista da fórma; entretanto, houve quem qualificasse de *frouxo* o seu estylo em alguns romances; uma injustiça! O escriptor maranhense é que está no caso: á força de ser simples torna-se banal. Essa despreoccupação a que elle se refere

na dedicatoria do livro obriga-o a usar a linguagem inesthetica do povo baixo, que melhor ficaria num trabalho especial de *folklore* brazileiro, de contos populares, em que se conservasse o dizer caracteristico de certas provincias, o vocabulario commum de certos meios.

Na minha opinião Arthur Azevedo entrou em decadencia, por motivos que escapam á argucia da critica, talvez por excesso de actividade mental, pois ha mais de vinte annos que trabalha assiduamente para a imprensa e para o theatro, notando-se que o theatro pouco tem lucrado com a sua collaboração *à la diable.* O livro de que me occupo foi uma pedra inutil collocada sobre o edificio de sua obra; tudo quanto vier depois delle será fatalmente o resultado de um esforço vão, um arranco de desespero impotente. O mesmo phenomeno de semsaboria litteraria apresentou França Junior nos ultimos tempos de sua vida, que aliás não foi muito longa, e afinal nenhuma obra deixou elle eminentemente artistica; faltava-lhe, como a Arthur Azevedo, a sublime devoção pela Arte, esse poder maravilhoso, essa faculdade rara de traduzir vicios e paixões universaes, de copiar a natureza, de interpretar a vida de um modo extraordinario, consubstanciando as suas impressões numa obra philosophica e eterna.

De resto, como simples obra recreativa os *Contos fóra da moda* têm seu valor especial; como litteratura é que, na minha opinião, elles representam apenas um bello desejo...

Em todo caso não sou o mais competente para determinar o valor de um livro sanccionado pela maioria da imprensa. Mas... a imprensa, ás vezes, é tão bôa mãe!...

Rio, 1894.

## XX

# Entre parenthesis

Abro hoje um parenthesis na série destes pequenos estudos litterarios.

E' verdade que a litteratura abrange, na sua vasta complexidade, um numero infinito de problemas que se relacionam mais ou menos com a sciencia ; ella tornou-se mesmo uma grande sciencia, e das mais abstrusas, corporificando em obras de pura analyse todo um mundo de verdades, quer na escala dos phenomenos sociaes, quer no campo da physiologia, quer, finalmente, na psychologia moderna, tão delicada, tão cheia de mysterios que se vão pouco a pouco descortinando, á força de observação e de profundos estudos. Isso, porém, não é motivo para que, numa

secção especial de litteratura, onde se estudam caracteres e obras d'arte, romances e romancistas, poesias e poetas, livros e escriptores de um genero determinado, venha-se fazer a critica da *Nova escola penal*, ou de qualquer trabalho sobre medicina, sobre engenharia, sobre direito... A litteratura propriamente dita é um genero especial que não vae até ao eclectismo philosophico. Eis a rasão por que digo abrir hoje um parenthesis.

A *Nova escola penal* do Dr. Viveiros de Castro, sendo, como é, um livro de propaganda e de combate, não podia deixar de ser acolhido com enthusiasmo pela mocidade das nossas academias, cujo espirito abre-se agora para receber o luminoso fluxo de idéas que constituem a moderna sociologia criminal, ha muito vulgarisada na Europa. Agitando a questão do crime e do criminoso no seio dessa mocidade, o illustre professor vem, com sua obra, juntar-se aos discipulos de Lombroso, aos que procuram dar uma interpretação mais positiva e mais elevada á sciencia do direito, fazendo conhecidas as leis anthropologicas que determinam os crimes, e estabelecendo o conflicto entre a velha geração, que ia buscar a origem do crime no proprio crime, e a geração actual, a geração forte de hoje, que estuda o criminoso da mesma fórma que o medico estuda um cadaver, á luz da verdadeira sciencia.

Confessa o Dr. Viveiros, no prologo de sua obra, que "algumas vezes, para mais fidelidade da exposição, reproduziu as expressões textuaes dos escriptores".

Esta advertencia não teria logar, si o distincto jurista houvesse, por um escrupulo bem entendido, marcado, no correr da obra, a parte reproduzida, os conceitos originaes de que se serviu para maior clareza do assumpto, como fez em um ou outro capitulo.

Já é conhecida uma parte do prologo que abre o novo trabalho do Dr. Viveiros,— prologo rubro, incendiario, medonho, onde arde a chamma da revolta, ateiada por um pessimismo doentio, bebido com sofreguidão nas paginas de Tobias Barreto,— "o homem mais eminente que o Brazil tem produzido nesta segunda metade do seculo"— e em que se proclamam as nossas miserias, os nossos erros na sciencia e na itteratura. Nada, não ha nada feito ainda no Brasil ! "No direito criminal estamos em uma ignorancia miseravel. Na magistratura, no professorado, na advocacia, nas letras, não ha senão atrazo e pobreza". E por ahi vae o illustre revolucionario, clamando ao céo, numa agonia de illuminado, cheio de odio contra as velhas formulas, arrazando theorias, cavando sepulturas, qual si fôra o genio da devastação que andasse, agourento e funebre, alarmando um povo de imbecís.

Traçado o esboço da miseria nacional, o Dr. Viveiros de Castro lembra, commovido, os applausos que recebeu da mocidade das academias, e faz ponto na "explicação preliminar". Mas não acaba o seu odio formidavel. Paginas adiante, eil-o outra vez, de lança em riste, na faina audaciosa de menosprezar a "grande classe pedantesca e superficial, rhetorica e frivola dos bachareis em direito". E esse odio cruel,

essa perseguição implacavel, é como uma idéa fixa e tenaz, que se apoderou de um espirito rebelde.

O autor da *Nova escola penal* prefere o methodo subjectivo de Kant— hostilisar o meio, sustentando a lucta contra os principios estabelecidos, collocando sua individualidade em frente do mundo. Sobram-lhe audacias para isso. A energia moral é a sua qualidade caracteristica.

Moço, talentoso, com uma bella erudição, que não foi adquirida nos bancos escolares, é, por natureza, um homem de combate, um revolucionario, empenhado francamente na obra do direito social. Fala com sinceridade e isto já é uma bella recommendação.

Na primeira parte de seu trabalho estuda elle os grandes iniciadores da criminologia moderna,—Cezar Lombroso, Henrique Ferri, Gabriel Tarde, e, em seguida, occupa-se de outros assumptos que se prendem ás theorias expostas, formando assim uma obra que seria completa si o illustre professor, no que respeita a giria dos criminosos, houvesse, a exemplo de Queiroz Velloso, em Portugal, colligido um vocabulario nacional das prisões. Curiosos, e até certo ponto necessarios na investigação do crime, esses termos de baixa origem, que constituem o *argot* dos delinquentes e que Lombroso compara á lingua dos selvagens, não são para se atirar ao desprezo, merecem mesmo um estudo especial. O grande Balzac, no seu romance *La dernière incarnation de Vautrin* (soberbo estudo dos criminosos e das prisões em França) diz que "não ha lingua mais energica, mais

colorida, que a desse mundo subterraneo". Cada palavra é uma imagem brutal, engenhosa ou terrivel. Balzac admira-se da precisão e muitas vezes da belleza com que elles, os delinquentes, exprimem as cousas na sua linguagem mysteriosa. "Tudo é barbaro nesse idioma : as syllabas que começam e que terminam as palavras, são asperas e detonam singularmente". E que poesia ! exclama o grande romancista. "Une femme est une *largue*. La paille est la *plume de Beauce*. Le mot minuit est rendu par cette périphrase : *douze plombes crossent* ! Qu'est-ce que l'expression se coucher, comparée à *se piausser*, revêtir une autre peau ! Quelle vivacités d'images !"

As expressões, os vocabulos, multiplicam-se admiravelmente no *argot* francez. E' um nunca acabar de phrases incomprehensiveis, que se transmittem de geração em geração, desde a mais remota antiguidade. Calcula Balzac em um decimo as palavras da lingua romana que elle contém, e noutro decimo as da velha lingua gauleza de Rabelais.

Mas, o Brazil é um paiz novo e converia desde já ir seleccionando o calão nacional para mais facilidade dos futuros criminalistas.

O Dr. Viveiros de Castro parece ligar pouca importancia ao assumpto, que aliás vae sendo objecto de curiosissimos estudos na Italia, na França, e, ultimamente, em Portugal. A giria figura entre os caracteres sociaes dos delinquentes, e muitas vezes é ella que abrevia o processo criminal, entregando o verdadeiro culpado á justiça.

Quanta preciosidade não se encontra ahi, nas cadeias do Brasil ; quanto vocabulo desconhecido, na giria especial dos ladrões e dos gatunos ! Com algum trabalho poder-se-ia formar um diccionario propriamente brazileiro, tendo-se o cuidado de não confundir o calão particular das sentinas com a baixa linguagem commum a todas classes.

Partindo de Lombroso, o chefe supremo da nova escola penal, que em seus primeiros estudos considerava o criminoso uma especie de selvagem grosseiro e inconsciente, reaparecendo na civilisação moderna pelo atavismo, e que depois foi levado a incluil-o nos phenomenos pathologicos,— o Dr. Viveiros de Castro chega aos estudos de Ferri sobre a lei da *saturação* e sobre os *substitutivos penaes*. E' este o capitulo mais interessante da obra. Não sendo o crime um acto puramente arbitrario do homem, quaes os meios preventivos contra a criminalidade ? A lei de Ferri sobre a *saturação criminal* resume-se por esta forma :— Do mesmo modo que, em um volume d'agua sujeita a certas influencias de temperatura, obtem-se a solução de uma quantidade fixa de substancia chimica—, nem um atomo de mais, nem um atomo de menos —, assim, em um dado meio social, sujeito a determinadas condições, obtem-se um numero exacto e verdadeiro de crimes. As estatisticas demonstram, com effeito, essa lei, que a muitos parecerá absurda. O sabio Quetelet, invocado por Alves Corrêa no seu trabalho—o *Crime e a responsabilidade*, já dizia que "todo o estado social suppõe um certo

numero de crimes, que resultam, como consequencia necessaria, da sua organisação". Não ha, pois, o menor absurdo na lei de Ferri, verificada hoje por um grande numero de criminalistas.

Letourneau, considerando que o homem é um ser modificavel pela acção dos meios e da educação (*Physiologie des passions*) demonstra que nas classes liberaes menos instruidas o algarismo dos crimes é maior que nas classes educadas, por isso mesmo que, quanto mais intelligente é o homem, quanto mais elle educa o seu espirito, melhor comprehende os seus deveres sociaes. E o publicista francez imagina logo uma sociedade composta, não de sabios, mas de homens equilibrados physicamente e intellectualmente, cuja cabeça seja capaz de pensar, o coração de vibrar sob a influencia de sentimentos generosos, e cujo corpo seja capaz de acção, de esforço e de luta. O principal é que se estabeleça uma forte corrente de instrucção publica : esta é que deve ser a base preventiva da criminalidade.

Entendo que essa theoria não pecca por velha.

Ferri, porém, admittindo, até certo ponto, a efficacia das penas na repressão do crime, offerece um vasto plano de reformas que constituem os seus *substitutivos penaes*. Essas reformas são de ordem economica, politica, scientifica, legislativa e administrativa, religiosa, familiar e educativa. Um systema completo de reorganisação social. Imagine-se que de trabalho e de annos para que um tal systema obtivesse o desejado exito ! O problema resume-se,

afinal, como entende Garofalo, numa boa politica, numa boa administração da justiça e no desenvolvimento da educação moral publica. A *idade de ouro*, de Letourneau, virá quando as sociedades forem dirigidas por homens que comprehendam intimamente o destino dellas.

A *Nova escola penal* veiu fazer conhecidas no Brazil as modernas idéas com que Lombroso e os da sua escola têm revolucionado a sciencia do direito. Como obra de vulgarisação, interessa, em geral, a todas as classes estudiosas. Não é só um bom livro, é um livro necessario, feito para a mocidade por um moço illustre e activo, educado na escola do trabalho.

Rio, 1894

# XXI

## Pseudo-theatro

Já em 1873—vão doze annos—Machado de Assis, alludindo ao theatro brazileiro, mandava dizer a um periodico nacional na America do Norte que "esta parte podia reduzir-se a uma linha de reticencias".

Decididamente o theatro é um genero avesso á nossa indole. Continuamos estacionados, ou para dizer melhor, continuamos a traduzir dramalhões e operetas da França.

Uma das primeiras cousas que eu faço todos os dias, logo que acordo e me levanto, é correr os olhos sobre os jornaes da manhã, principalmente sobre as secções theatraes, com essa curiosidade infantil de quem dá o cavaco por um bom espectaculo. — Uma

especie de instincto natural, um prurído irresistivel me leva a esse canto das folhas diarias donde saio sempre com desgosto.

Nenhuma novidade, nenhuma peça nova de escriptor brazileiro ! Sempre o mesmo *menu*, as mesmas variantes ! Dumas, Sardou, Feuillet, Echegaray... Sardou, Feuillet, Dumas...

A gente chega a duvidar de que está mesmo no Rio de Janeiro, na capital do Brazil. Deixa-se cair o jornal da mão, chega-se á janella, e vê-se o grande céo brazileiro lavado de sol, largo, immenso e bello, a entornar luz sobre os miseros indigenas da America.

O theatro, dizem, é o espelho da sociedade. Nelle se reflectem os erros, os vicios, os costumes, emfim, de uma sociedade ou de um povo, e Garret levava o seu enthusiasmo por esse genero a ponto de julgal-o o mais proprio de todos para *derramar pelas nações um ensino facil, uma instrucção intellectual e moral que, sem apparato de sermão ou prelecção, surprehenda os animos e os corações da multidão no meio de seus proprios passatempos.*

Mas, como estamos atrazados a esse respeito !

Debalde tem se falado sobre a necessidade de um theatro verdadeiramente nacional, debalde tem se procurado estimular os escriptores brazileiros, instigando-os a seguir o bello exemplo da França !

Succedem-se as más traducções, os dramas decadentes, as operetas apimentadas, as vergonhosas imitações.

Depois de Alencar, Magalhães, Macedo e Penna, que tanto se esforçaram por fundar definitivamente o nosso theatro, não falando em Agrario de Menezes e Quintino Bocayuva, tivemos apenas um comediographo intelligente e consciencioso — França Junior, que ainda hoje faz as delicias das nossas platéas com as suas espirituosissimas comedias de sabor indigena. (*)

Já não se representam os bellissimos dramas *Antonio José*, *Mãe*, o *Jesuita*, e tantas outras producções de incontestavel merecimento. Tudo isso foi varrido de scena por um forte sopro de descrença e indifferentismo.

Traducções, traducções e traducções — eis o *mot d'ordre*, a maldita mania, a lesão incuravel!

A questão litteraria liga-se á de companhias. — Onde actores que saibam interpretar nossos trabalhos? perguntam os escriptores.

E não deixam de ter sua razão. Uma cousa requer outra.

Mas, ora vamos, si fossemos esperar por actores nacionaes intelligentes, então é que nunca teriamos um theatro. Vice-versa dirão aquelles que têm geito para o palco: — Onde escriptores que saibam escrever para nós?

E não sairiamos nunca desse circulo vicioso.

O que é preciso é que haja iniciativa e grande somma de boa vontade das duas partes. A animação

(*) Eu accrescentaria hoje Arthur Azevedo.

do publico virá fatalmente, uma vez que se deixem de representar operetas e comedias francezas a que elle já está habituado. O publico tem necessidade de ir ao theatro como tem necessidade de passear ao campo e de respirar oxigenio. A questão é habitual-o aos dramas e comedias nacionaes.

Todos nós conhecemos bem a comedia franceza; todos nós fazemos idéa do que seja um drama de Sardou; entretanto, quasi ninguem conhece hoje, no Brazil, *Mãe* esse drama soberbo, que envolve um grave problema social, o *Jesuita*, essa grande obra que já se disse ser uma das *mais bellas concepções humanas; Luz bella; Luxo e Vaidade...*

Ainda está na memoria do publico fluminense o brilhante successo que obteve o notavel drama de Aluizio Azevedo — o *Mulato.*

O theatro encheu-se completamente, o povo applaudiu a obra com desusado enthusiasmo; e é preciso não esquecer que tratava-se de uma obra naturalista, genero com que ainda não estavamos habituados. A imprensa, em sua quasi totalidade, teve francos elogios para o joven romancista que, num rasgo de patriotismo audacioso, tentara reformar o theatro no Brazil fazendo representar um drama de costumes nacionaes, verdadeiro e bem architectado.

Não durou muito o enthusiasmo, é certo. A peça foi levada á scena meia duzia de vezes e, como succede sempre, caiu sendo logo substituida pelo *Conde*

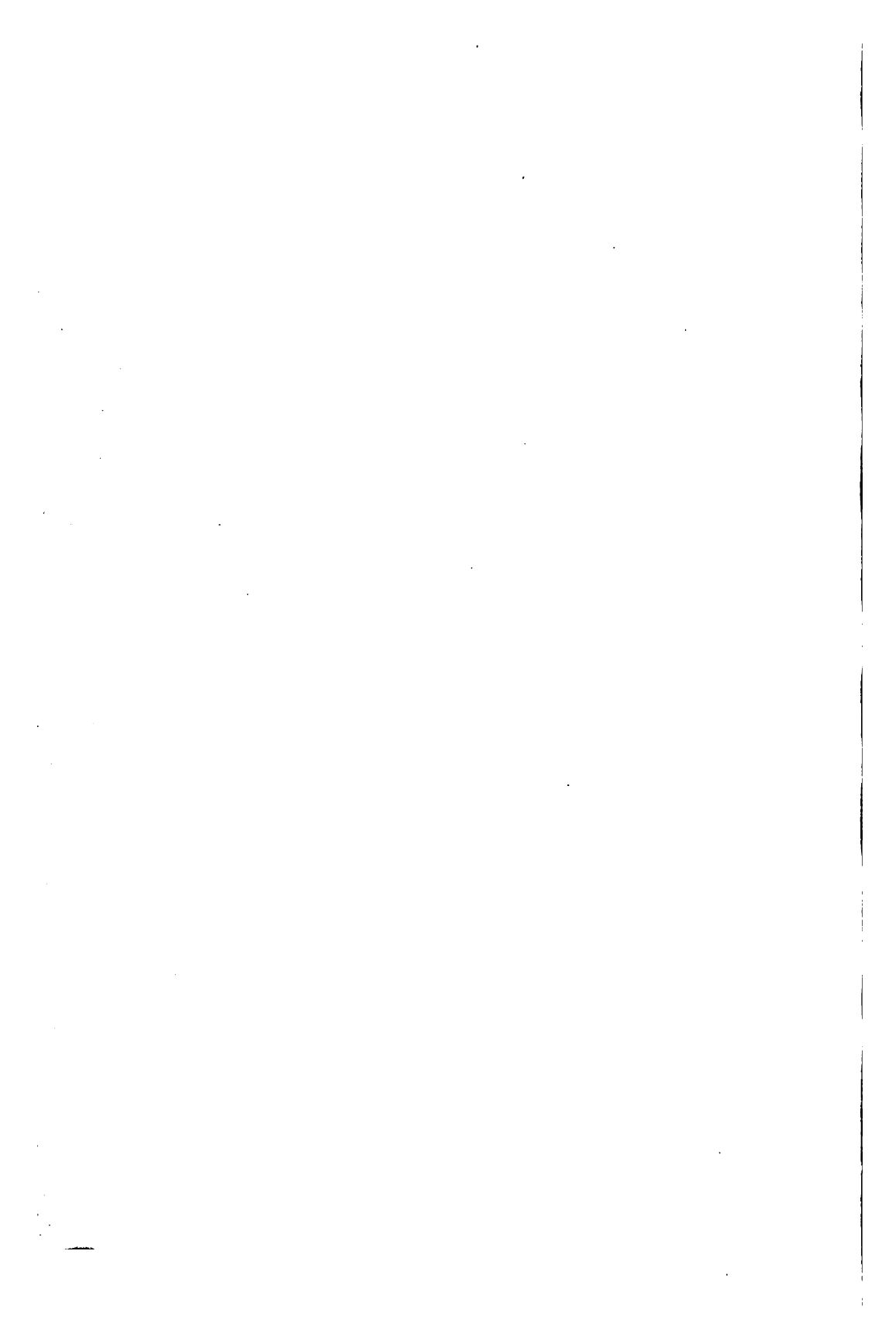
*de Monte Christo* melhor fonte de renda para os emprezarios.

Entretanto, com um pouco mais de obstinação, o publico talvez se identificasse com o novo genero nacional, repetindo as *enchentes*.

Demos de barato que a indole bregeira do nosso publico não admitte a tragedia, o drama commovente. Corrigir-se-ia facilmente a aberração dando-lhe comedias, scenas alegres, humorismos feitos de episodios puramente brazileiros. Façamos a vontade do publico—demos-lhe cousas saborosas e estimulantes, mas que sejam nossas, filhas da nossa imaginação, do nosso temperamento, da nossa indole.

A comedia tem o mesmo valor essencial do drama. Façamos comedias. O que não devemos é continuar a reproduzir vergonhosamente o theatro francez, imitando ou traduzindo Sardou, Dumas e as operetas em voga.

O theatro — como o romance e a poesia — não é sómente um meio de ganhar dinheiro. Não se comprehende a Arte sem intenções civilisadoras, e, a meu ver, toda a producção artistica deve trazer um profundo caracter popular e nacional.

—, 1885.

## XXII

# Os obscuros

Ha em todos os paizes uma classe de escriptores que, por lei do destino, vivem e morrem fatalmente obscuros, deixando apenas uma vaga e triste reminiscencia no coração dos amigos. Vivem e morrem *fatalmente obscuros*, digo eu, porque nada explica o abandono em que vivem e a fria indifferença que sobre elles pesa, quando fecham os olhos para sempre á ridicula comedia humana. Bohemios da Arte, espiritos insaciaveis de ideal, consumidos pela febril agitação de uma existencia de trabalho e muita vez de miseria, passam anonymos, como figuras de segunda ordem num drama vasto e complicado. São : na Inglaterra, os Chatterton ; na França, os Imbert

Galloix ; no Brazil, os Arthur de Oliveira, para citar um de cada paiz.

Ninguem os conhece quasi, porque não deixaram obra duradoura, um livro ao menos que os fizesse lembrados na memoria de quantos lêm na sua patria.

Ainda Chatterton morreu com escandalo, celebrisou-se pelo infortunio, vive gloriosamente na litteratura ingleza como uma lenda de suicidio e miseria; póde-se dizer que foi um desgraçado feliz, um predestinado, cujos versos ninguem lê, mas cujo fim todos conhecem e todos lamentam.

Os outros, porém, como Imbert Galloix, como Arthur de Oliveira, Adelino Fontoura, Arthur Barreiros e Alfredo Peixoto, nem sequer tiveram o escandalo de uma morte pavorosa que os coroasse martyres do talento ou do orgulho... E, no emtanto, fizeram versos tambem, escreveram paginas que, reunidas, formariam obras duradouras pela originalidade, pelo sentimento e pelo acabado da confecção artistica.

Imbert Galloix, o mais infeliz de todos os bohemios e o mais bohemio de todos os artistas, foi morrer em terra estranha, longe dos seus, num canto obscuro de Paris, torturado pela ambição da gloria, pela monomania do renome, quasi louco. A sua historia, narrada por elle proprio em carta a um amigo, tem episodios que fazem chorar, que dão calefrios de pena; é a historia de um grande artista sacrificado brutalmente no meio de uma sociedade que folga em orgias de luxo e sensualidade grega.

Imbert ouviu falar na França, em Paris, na "capital do mundo", na vida tumultuosa dos *boulevards*, na gloria dos poetas francezes, e, electrisado, arrebatado por um bello sonho, corre á França, vôa a Paris, julgando encontrar ahi o velocino de ouro de suas ambições. Tinha vinte e dois annos e era genovez. Que podia elle fazer, pobre moço, num meio estranho, sem um affecto, sem um verdadeiro amigo que o comprehendesse e aconselhasse? Pedir esmolas, como qualquer mendigo de Saint-Supplice, vagar pelas ruas da grande cidade ao acaso, e, por fim, morrer obscuro, saudoso da patria e da familia, cheio de desgosto, amaldiçoando a existencia.—" *Oh ! mon ami, qu'ils sont malheureux ceux qui son nés malhereux !* escrevia elle ao seu unico amigo em França; e nenhuma obra deixou senão as tristes linhas de uma carta que mereceu os maiores elogios de V. Hugo pela sinceridade pungente com que foi escripta. Vale a pena transcrever as palavras do grande poeta, já então glorioso : *Pour écrire une lettre pareille, aussi negligée, aussi poignante, aussi belle, sans être malhereux comme l'était Imbert Galloix, par le seul effort de la création litteraire, il faudrait du génie. Imbert Galloix qui souffre vaut Byron.*

Si uma simples phrase é bastante para immortalisar um artista, Imbert Galloix tem direito á nossa admiração ; foi um sublime obscuro.

Arthur de Oliveira, outro genio, morreu tambem sem legar á posteridade um documento substancial do seu bello espirito gaulez. Fala-se delle hoje, na

roda dos que o conheceram, como de um fulgurante *causeur*. —Oh, o Arthur de Oliveira, o grande amigo de Theophile Gautier, um dos mais bellos visionarios da Arte, que têm aparecido no Brazil! Era um gosto ouvil-o á porta dos cafés, erguendo altares a Flaubert e a Gautier com uma eloquencia nobre de jacobino do Romantismo! O Arthur, o adoravel Arthur...

O seu meio de acção não limitou-se ao Brazil. Viajou, foi á França, conviveu com Judith Gautier, a filha do grande escriptor, e, podendo ter deixado uma obra riquissima de observação e estylo, nada herdou á Arte.

Tenho delle uma carta dirigida á autora das *Cruautés de l'amour* e publicada em 1886 pela *Gazeta de Noticias*, que revela o seu talento original e as suas preferencias litterarias. Creio que nenhuma outra pagina escreveu tão finamente artistica; não conheço mesmo outra producção sua.

Gautier, Hugo, Lecomte de Lisle e Faubert eram, ao que parece, os seus idolos na litteratura franceza. O realismo crú de Zola não se compadecia com o seu temperamento delicado; por isso enfeixava todos os naturalistas num mesmo circulo de abjecção, denominando-os—*pornographos da seita de Zola.* "Já vêdes que sou um incorrigivel, um fanatico, um idolatra pelos mestres de 1830, os romanticos, como dizem, babando o visco de ridiculos desdens, as lesmas de Médan."

Transparece nesse modo de julgar o movimento naturalista um rancor atrabiliario que se não comprehende em um artista educado.

Quaes eram, no fim de conta, as "lesmas de Médan"? Zola, o porta-bandeira da nova religião triumphante, Maupassant, Huysmans..., para não falar em Daudet e no proprio Flaubert, quasi todos consagrados pela admiração universal.

Entretanto, não ha duvida que o autor da carta possuia um bellissimo talento, imaginoso e subtil.

De Adelino Fontoura anda por ahi, nas collecções dos jornaes, uma esparsa joalheria de versos primorosos arrancados á obscuridade pela mão carinhosa dos amigos.

Ninguem se lembra de reunil-os em volume para que não desappareçam completamente na voragem das cousas inuteis. Creio que Arthur Azevedo tentou colleccional-os no *Album*, chegando a dar um bom numero delles; mas ainda não basta isso, porque nem todos podem ler o *Album* e porque a gloria de um poeta não deve ficar nas columnas de uma revista.

Os sonetos de Adelino formam bem um precioso livro, que seria o melhor monumento erguido á sua memoria.

Outro, que eu desejaria ter conhecido, foi Arthur Barreiros. Tambem não deixou volume. Andou a escrever nos jornaes, perdendo tempo e espirito a redigir chronicas de um dia, cousas de actualidade,

modernismos *à outrance*, e morreu mais desconhecido que Arthur de Oliveira e Adelino Fontoura; no emtanto, era uma intelligencia preparada para todos os successos do jornalismo e da Arte, uma penna de ouro ao serviço de uma bella orientação de escriptor moderno. A sua prosa tem um calor especial, uma flexibilidade muito genuina, muito á parte na litteratura contemporanea: é a prosa burilada de um artista novo, em que os periodos cantam e as palavras trazem um brilho oriental de vestimenta japoneza.

O seu rapido estudo sobre Machado de Assis é uma pagina de artista e de psychologo; o autor de *Braz Cubas* não faria cousa melhor, si alguem lhe pedisse a critica de Barreiros. Em pouquissimas palavras diz elle tudo, tudo quanto se poderia dizer de um escriptor notavel:

"Machado de Assis não se elevou pelo empenho, nem pelo fortuito dom do nascimento, nem pelas inexplicaveis combinações do acaso ou da politica. Para se tornar illustre e amado, não precisou de trepar para o carro de dentista em pleno vento e fixar sobre si a curiosidade das ruas ao som estridente dos cornetins de feira, ao desalmado rufar das caixas e tambores. Dêm-me um Atheniense, que, em troca, eu vos darei cem Beocios! póde elle insculpir como divisa na frontaria da sua obra..."

Tal é o estylo de Barreiros.

Trabalhou pouco, mas o pouco que escreveu muita gente desejaria ter escripto.

Não menos talentoso que Adelino e os dois Arthur, foi Alfredo Peixoto, um dos naufragos do couraçado *Solimões*, o que importa lembrar a sua profissão de marinheiro. Este eu conheci, foi meu amigo desde 1880, quando nos matriculámos no collegio naval.

Peixoto era, então, nada mais que uma creança intelligente,—muito vaidoso de sua fardeta e de seus botões dourados, pouco amigo dos livros. A banca de estudo era para elle um sacrificio a que não estava habituado. Lia romances, devorava quanto livro de versos caía-lhe nas mãos e a sua fama de "menino intelligente" robustecia no ambito do collegio.

A muito custo fez os preparatorios; digo a muito custo, porque era notavel o seu odio ás mathematicas: repugnava instinctivamente o calculo algebrico e os complicados theoremas de geometria.

Já havia nelle o germen da ambição litteraria vagamente manifestada em conversa e num jornalzinho daquelle tempo.

Mas o seu talento poetico, a sua vocação de artista só explodiu na escola de marinha, e quem o denunciou foi uma gloria da época, um critico hoje obscuro e velho. Referindo-se ás producções do poeta, escreveu elle na *Gazeta de Noticias:*

"O novel marinheiro tem uma concepção da vida, formada no meio social em que se agitam tão desencontrados sentimentos. A' maneira dos pintores flamengos, que nos seus quadros desenhavam o *pisseur*, o ebrio, o rapaz gordo e corpolento, porque

era o que viam, o Sr. Alfredo Peixoto, artista caprichoso, ardente e com todas as exagerações do temperamento e dos verdes annos, descreve, em seus paineis poeticos, creaturas que todos nós vemos e observamos."

Estava feito o primeiro passo para a celebridade; Peixoto via, com orgulho, o seu nome descutido, o seu temperamento analysado, e isso produzia-lhe o effeito de um bom agouro. Estimulado, armou-se, como quem vae dar batalha, e dahi por diante, a sua dedicação pela Arte foi crescendo e absorvendo-o completamente. Ninguem lhe fallasse noutra cousa: tudo era "banal," tudo era "burguez," menos a poesia de Musset e de Hugo, menos a grande arte do verso e da rima.

O poeta de *Rolla*, sobretudo, inoculou-lhe nalma um desdem atroz pelas grandezas do mundo e por tudo que não fosse o talento e a Arte.

Feito o curso de marinha, embarcou em viagem de instrucção para a Europa e só o tornei a ver muitos annos depois em minha terra, no periodo mais brilhante da sua vida litteraria, periodo em que escreveu os alexandrinos do *Crepusculo no mar*, poesia bellissima, das mais bellas que se tem escripto no Brazil, *Dialogo no céo*, *Loura* — um primor de naturalidade e belleza —, *Aquella mão*, que toda a gente sabia de cór, a *Canção de Arlequim*, e outras de extraordinaria feição artistica.

Era em 1891; tinha elle vinte e quatro annos e ainda conservava os mesmos traços physionomicos

de creança, o mesmo rosto liso, o mesmo olhar tocado de doçura, a mesma expressão ironica dos labios, o mesmo todo pequeno, sem a robustez caracteristica dos homens do mar ; era, emfim, o mesmo Peixoto do collegio naval e da escola de marinha, conversador inexgotavel, de uma bregeirice encantadora que a todos fazia rir.

Uma cousa sómente o punha triste : a lembrança de sua mãe.

Oh ! então, só então via-se-lhe a grandeza da alma — a fonte de ternura que se occultava no coração de Peixoto como uma perola no fundo do mar.

— Si minha mãe não existisse, dizia elle, creio que eu já teria desaparecido tambem deste mundo...

E dizia-o sinceramente, porque muitas e muitas vezes falava em voltar ao Rio de Janeiro e nos carinhos que aqui o esperavam.

Afinal veiu, mas para logo tornar a sair e morrer longe de seus paes, no dezerto das aguas, em pleno oceano.

Tinha versos para um livro a que intitulára *Memorias de um naufrago* e com o qual certamente conquistaria um logar distincto entre os mais distinctos poetas.

Para se escrever o que elle escreveu não basta ter muito espirito — e elle era um requintado intellectual — é necessario ter soffrido muito a dolorosa obcessão dos grandes ideaes...

Vejo-o ainda, olhos fitos nos meus olhos, recicitando o *Crepusculo*...

*Por sobre a vastidão intermina dos mares*
*O sol, o fulvo sol* ........................

E nunca hei de esquecer os nossos bellos dias de convivencia na escola e o enthusiasmo com que elle recitava os seus versos.

Rio, 1895.

# INDICE



TYP. ALDINA—RUA SETE DE SETEMBRO 79